`Versos Áureos´

de

PITÁGORAS

Comentados por Mario Ferreira dos Santos

VERSOS ÁUREOS
(Pitágoras)

Mário Ferreira dos Santos

Índice

Apresentação
O pensamento pitagórico
Versos Áureos
Introdução aos comentários
Comentários de Hiérocles aos Versos Áureos
Comentários aos comentários de Hiérocles
Verso I
Comentários
Verso II
Verso III
Verso IV
Comentários
Verso V
Comentários
Verso VI
Versos VII-VIII-IX
Comentários
Versos X-XI
Comentários
Versos XII-XIII
Versos XIV-XV-XVI-XVII
Comentários
Versos XVIII-XIX-XX-XXI
Comentários
Versos XXII-XXIII-XXIV
Versos XXV-XXVI-XXVII
Comentários
Versos XXVIII-XXIX-XXX
Comentários
Versos XXXI-XXXII
Comentários
Versos XXXIII-XXXIV-XXXV
Comentários
Versos XXXVI-XXXVII-XXXVIII-XXXIX
Comentários
Verso XL
Comentários
Versos XLI-XLII-XLIII-XLIV-XLV
Comentários
Versos XLVI-XLVII-XLVIII-XLIX

Comentários
Versos L-LI
Comentários
Versos LII-LIII-LIV
Comentários
Versos LV-LVI
Comentários
Versos LVII-LVIII-LIX-LX-LXI-LXII
Comentários
Versos LXIII-LXIV-LXV-LXVI-LXVII-LXVIII
Comentários
Versos LXIX-LXX-LXXI
Comentários
Versos LXXII-LXXIII
Comentários
Bibliografia

Apresentação

Fazem parte dos manuscritos inéditos de Mário Ferreira dos Santos os comentários aos Versos Áureos de Pitágoras. Sua intenção era publicá-los, tendo assim se manifestado: ..."Quanto aos Versos Áureos de Pitágoras comentados, consiste no seguinte: resolvi fazer uma edição com a tradução integral dos comentários de Hiérocles, porque sem dúvida, não só por serem os primeiros comentários a chegarem até nós, como também por seu imenso valor. Abrem campo para que despertemos em muitos setores a consciência de que a concepção que Pitágoras trouxe ao mundo, provinha de um pensamento mais longínquo certamente, do qual encontramos raízes também em Melquisedec, e no mais profundo pensamento dos egípcios, e que este pensamento vence as características do tempo e torna-se eternamente atual, apresentando a sua completa validez hoje. Aproveito os comentários realizados por outros autores, como Fabre D'Olivet, Paul Carton, etc., e faço uma espécie de síntese, acrescentando junto aos comentários de Hieróclés, as minhas contribuições".

Em seu livro, "Pitágoras e o Tema do Número" manifesta a intenção de desenvolver mais pormenorizadamente a biografia do Mestre de Samos tendo compilado grande parte do material a ser utilizado. Infelizmente não teve tempo de elaborar o texto final. Por este motivo inserimos "O pensamento pitagórico" publicado no Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais.

A presente edição dos "Comentários aos Versos Áureos de Pitágoras" não teve a correção completa do autor, principalmente na parte correspondente aos "Comentários aos comentários de Hiérocles", cabendo a nós completá-la na medida do possível.

Yolanda Lhullier Santos

Nadiejda Santos Nunes Galvão

O pensamento pitagórico[1]

Pitágoras (de Samos – 569?-470? a.C.). Segundo alguns foi discípulo de Ferécides de Siros e de Anaxágoras, porém são contraditórias as informações que nos oferecem os historiadores. No entanto, tudo indica que formou sua cultura no Oriente, no Egito, em Babilônia, em Creta, por onde viajou. De retorno a Samos, tentou fundar aí uma escola, mas tendo que abandonar sua pátria, foi residir na Itália do Sul, por 530, na aristocrática Crotona, onde fundou uma comunidade ou ordem religioso-moral, que se estendeu a outras cidades, às quais foi, por vezes, chamado como legislador, influindo em seus costumes políticos e sociais. É difícil separar-se a obra pessoal de Pitágoras da de seus discípulos e de sua escola, bem como o que há de lenda e de realidade, razão pela qual preferimos aqui examiná-lo dentro do pitagorismo.

Sabe-se que Aristóteles escreveu uma obra em três volumes sobre o pitagorismo , porém irremediavelmente perdida. Nas passagens sobre o pitagorismo, que encontramos esparsas em seus livros, conclui-se que devera ter-se dedicado, seriamente, ao exame dessa doutrina. Contudo, é de salientar que apenas cita três vezes o nome de Pitágoras, enquanto ao referir-se a esta doutrina, constantemente refere-se aos "pitagóricos", aos que "se dizem pitagóricos". A análise, que Aristóteles faz do pitagorismo, refere-se propriamente à doutrina como a concebiam os discípulos posteriores, e não ao pensamento do sábio de Samos. Como a construção do verdadeiro pensamento de Pitágoras é obra de exegese e implica providências que não caberiam no âmbito de uma Sinopse da História da Filosofia, preferimos tratar a seguir do "pitagorismo", e não, propriamente, de Pitágoras, deixando a nossa crítica para depois.

O movimento pitagórico – Movimento não só intelectual mas religioso-moral e político. Organizado em forma de comunidade, com iniciações, linguagem simbólica, cercado de mistérios e de segredos, onde predominam o respeito sagrado à palavra de ordem e a obediência cega. Representava um movimento, que foi combatido severamente pelas organizações e governos democráticos da época. Os pitagóricos foram dissolvidos por um movimento popular. Pitágoras conseguiu fugir para Metaponto, onde faleceu. A missão da escola de Crotona era ensinar métodos de purificação, reservados aos iniciados. Atribuem ao pitagorismo a promessa de uma vida futura, após a morte, onde os homens seriam recompensados, desde que cumprissem as ordens da organização e os princípios morais estabelecidos. A escola estava aberta tanto aos homens como às mulheres, independentemente de nacionalidade. Apresentam-na como uma doutrina cheia de tabus e proibições, cujas significações têm servido para diversas interpretações. A crença na transmigração das almas através dos corpos de homens e animais era uma das crenças dessa doutrina, não, porém de Pitágoras, mas de alguns de seus discípulos.

A concepção de Anaxímenes de que o mundo estava submergido no infinito também era aceita por Pitágoras.

[1]Capitulo retirado da *Sinopse da História da Filosofia*, do *Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais*. Mário Ferreira dos Santos, São Paulo, Ed.Matese, 1966.

Para ele todas as coisas são números. Considerava, assim, a relação entre os números e as formas geométricas. Atribuía aos números valor ontológico. Afirmam que, quando esteve na Pérsia, conheceu Zaratustra ou Zoroastro. Cultivavam os pitagóricos a matemática e a música, e sobretudo a geometria, como Filolau de Tebas e Arquitas de Tarento. Consideravam a música como meio para excitar e acalmar os sentimentos, e aplicavam-se a ela, não só prática mas teoricamente. Para alguns pitagoricos, os números não eram pensados como coisas abstratas, mas como *algo de real*. O *ponto* era o equivalente ao 1; a *linha* ao 2; a *superfície* ao 3; os *corpos* ao 4. (Na verdade, esse não era o pensamento pitagórico de grau superior).

O número dez, a famosa ***tetractys***, é o número principal; ela é a soma dos quatro primeiro (1+2+3+4=10).

Diz Filolau que o número 10 "tem uma grande força, enche o todo, atua em tudo, e é começo e guia da vida divina, celestial e humana" (tudo tem ponto, linha, superfície, volume). Com os pitagóricos, aparece o tema da libertação do homem ao se bastar a si mesmo. A preocupação pela alma conduz os pitagóricos posteriores à doutrina da transmigração ou metempsicose, relacionada com o problema da imortalidade. Pitágoras foi um iniciado nas especulações da astronomia oriental. Descobrindo a relação fundamental da altura dos sons, com a longitude das cordas que vibram, submeteu o fenômeno do som à invariabilidade de uma lei numérica.

O assombroso dessas proporções inteligíveis, móveis e imateriais, acessíveis ao matemático, que expressam a regularidade das aparências sensíveis e do fluxo dos fenômenos, tinha fatalmente que impressionar Pitágoras.. Daí, chegar a atribuir um princípio de realidade ao *símbolo* e de causalidade ao *signo,* era fácil aos pitagóricos, como observam vários críticos modernos.

Em todas as coisas estão os números. Das contradições fundamentais nasce a simbolização em opostos: par e impar, direita e esquerda, repouso e movimento, macho e fêmea, reto e curvo, bem e mal.

São os números que ordenam a constituição do universo. Essa aritmologia do neopitagorismo, do platonismo pitagorizante, foi prosseguida por muitos pitagóricos, conjuntamente com investigações matemáticas e cosmológicas.

Entre os mais famosos discípulos, próximos e posteriores, que seguiram suas doutrinas, estão:: Filolau, Arquitas de Tarento, Alcmeon de Crotona, Epicarmo de Cos, Hipodamo de Mileto, Teofrasto, Aristóxeno de Tarento, Heráclides de Ponto, Eudemo, Dicearco de Messênia, Duris de Samos, Andrônio, Diodoro de Eretria, Moderato de Gades, Apolônio de Tiana, Nicômaco de Gerasa, etc.

Temas pitagóricos*:* a) as doutrinas dos pitagóricos são uma mescla de ciência e crenças religiosas; b) reexistência, imortalidade, transmigração das almas (metempsicose), parentesco dos vivos, ciclo das coisas (eterno retorno dos acontecimentos já acontecidos); c) alma como princípio do movimento; d) o universo vivo, o conceito de "Cosmos", a ordem universal, e a harmonia entre os contrários, que é uma doutrina características dos pitagóricos; e) os números são a essência das coisas, porque sem o número não seria

possível conhecê-las; mutabilidade dos números e imutabilidade do um. (Há influência do *pitagorismo* na ciência moderna, cujas teorias atômicas terminam por ter uma noção apenas matemática da energia subatômica. Só é compreensível à razão o que é espacializado, portanto, numerável).[2]

Atribui-se, também, a Pitágoras o primeiro emprego da palavra *filósofo,* termo que se tornou universal, significando os investigadores do absoluto e intérpretes do mundo, *estudiosos da sabedoria*.

O PITAGORISMO

A afirmativa comum de que para o pitagorismo os números são sensíveis, deve-se atribuir apenas a alguns pitagóricos, e não a Pitágoras, nem aos grandes discípulos, que receberam os ensinamentos diretos do mestre ou de discípulos que com ele privaram. O pitagorismo é uma das concepções mais caricaturizadas e falsificadas na história da filosofia, e isso se deve, sobretudo, ao caráter iniciático dessa doutrina, que exigia uma *mistagogia* toda especial, para que o discípulo chegasse ao conhecimento dos segredos da escola.

Essa a razão por que neste trabalho temos de nos furtar ao estudo mais acurado da matéria e atermo-nos ao que é comumente divulgado, frisando, porém, a validez relativa e improvável da maioria das afirmações, provindas de Diógenes Laércio, de Pedro e Estobeu, que se utilizaram de textos apócrifos. Ademais, o intuito de menoscabar os pitagóricos, por razões sobretudo de ordem política, levaram a muitos a atribuir-lhes afirmações que jamais fizeram.

As dificuldades em estabelecer com segurança qual o verdadeiro pensamento pitagórico, levou Zeller a estabelecer, como certas, estas afirmações fundamentais: 1) que o sistema pitagórico, tal como o conhecemos, é obra de distintos homens em diversos tempos; 2) que é difícil discernir, nele, os elementos que, propriamente, pertencem a Pitágoras. Consequentemente, é mister reconhecer, no pitagorismo, um processo de desenvolvimento, que foi elaborado em diversos estágios e que teve contribuições das mais diversas origens.

Podemos ainda salientar, que as divisões dos pares de contrários, que abaixo reproduzimos, sabe-se, hoje, que não pertencem a Pitágoras. Depois foram atribuídas a Alcmeon. Hoje, contudo, sabe-se que provieram, posteriormente, de pitagóricos menores.

As polaridades são:

1) Limitado - ilimitado
2) Par e impar (o 2 é o primeiro número par, e 3, o primeiro impar)
3) Unidade - pluralidade
4) Esquerda - direita
5) Masculino - feminino
6) Quietude - movimento
7) Reto - curvo

[2] A lenda está presente na vida de Pitágoras. Os "Versos Áureos", que lhe são atribuídos, são de composição de seus inúmeros discípulos, possivelmente de Lysis.

8) Claro-escuro
9) Mau - bom
10) Quadrilátero - oblongo

Outras classificações, como o 1, simbolizando a Razão; 2, a Opinião; 3, a Santidade; 4, a Justiça; 5, o Matrimônio; 6, o princípio da Vida; 7, a Saúde; 8, o Amor, a Amizade; 9, a Justiça em grau superior, e 10, o número sagrado e perfeito, etc. são também da mesma espécie que as anteriores.

Não consideremos apenas lenda o que se escreveu sobre a vida de Pitágoras, porque há, nessas descrições, sem dúvida, muito de histórico e de verdadeiro. O difícil, porém, está em poder separar o que é histórico do que é fruto da imaginação e do ficcional.

O fato de negar-se, peremptoriamente, a historicidade de Pitágoras (como alguns o fazem), por não se ter às mãos documentação bastante, não impede que seja o pitagorismo uma realidade empolgante na história da filosofia, cuja influência atravessa os séculos até nossos dias.

Acontece com Pitágoras o que aconteceu com Shakespeare, cuja existência foi tantas vezes negada. Se não existiu Pitágoras de Samos, houve com certeza alguém que construiu essa doutrina, e que, por casualidade, chamava-se Pitágoras. Podemos assim parafrasear o que foi dito quanto a Shakespeare. Mas, pondo de lado esses escrúpulos ingênuos de certos autores, que preferem declará-lo como não existente, como se houvesse maior validez na negação da sua historicidade do que na sua afirmação, vamos dar sinteticamente elementos que nos auxiliarão para melhor compreensão de uma figura que tem sido impiedosamente falsificada durante vinte e cinco séculos.

Em 1919, perto de Porta Maggiori, sob os trilhos da estrada de ferro, que liga Roma a Nápoles, foi descoberta uma cripta, que se julgou a principio fosse a porta de uma capela cristã subterrânea. Posteriormente verificou-se que se tratava de uma construção dos tempos de Cláudio (41 a 54 d.C.) e que nada mais era do que um templo, onde se reuniam os membros de uma seita , que afinal averiguou-se ser pitagórica. Sabe-se hoje, com base histórica, que antes, já em tempos de César, proliferavam os templos pitagóricos, e se essa seita foi tão combatida, deve-se mais ao fato de ser secreta do que propriamente por suas idéias. Numa obra de Carcopino[3] há um amplo relato desse templo. E foi inegavelmente essa descoberta tão importante que impulsionou novos estudos, que se realizaram sobre a doutrina de Pitágoras, os quais tendem a mostrar o grande papel que exerceu na história, durante vinte e cinco séculos, essa ordem, que ainda existe e tem seus seguidores, embora esteja em nossos dias, como já esteve no passado, irremediavelmente infectada de idéias estranhas que, a nosso ver, desvirtuam, como iremos provar, o pensamento genuíno de Pitágoras de Samos.

É aceito quase sem divergência por todos que se debruçaram a estudá-lo que nasceu em Samos, entre 592 e 570 antes da nossa era; ou seja, naquele mesmo século em que surgiram grandes condutores de povos e criadores de religiões, como Gautama Buda, Zoroastro (Zaratustra), Confúcio e Lau-Tsê. As cinco maiores figuras , às quais se deve um papel eminente na história do pensamento humano, quer religioso, quer filosófico.

[3] Carcopino, Jerome. "La Basilique pythagoricienne de la Porte Majeure". Paris, L'Artisan du Livre, 1943.

Inúmeras são as divergências sobre sua nacionalidade; uns afirmam ser de origem egípcia; outros síria ou talvez natural de Tiro.

Relata a lenda que Pitágoras, cujo nome significa o *Anunciador pítico* (Pythios), era filho de Menesarco e de Partêmis, ou Pythaia. Tendo esta, certa vez, levado o filho à Pítia de Delfos, esta sacerdotisa lhe vaticinou um grande papel, o que levou a mãe a devotar-se com o máximo carinho à sua educação. Consta que Pitágoras desde criança se revelava prodigioso e teve como primeiros mestres a Hermodamas de Samos, depois Ferécides de Siros, e posteriormente, aluno de Tales de Mileto e ouvinte das aulas de Anaximandro. Foi discípulo de Sonchi, um sacerdote egípcio, conheceu Zaratustra ou Zoroastro, em Babilonia, quando de sua estada nessa grande metrópole da antigüidade.

Conta-nos a lenda que o hierofonte Adonai aconselhou-o a ir ao Egito, onde foi iniciado nos mistérios nos santuários de Mênfis, Dióspolis e Heliopolis. Fez um retiro no Monte Carmelo e na Caldéia, quando prisioneiro de Cambisis, e dai conduzido para a Babilonia. Nessa metrópole conheceu o pensamento das antigas religiões do Oriente e freqüentou aulas ministradas por famosos mestres.

Para muitos estamos nas brumas da pura lenda, pois não há assentamentos históricos suficientes que confirmem a veracidade destes fatos. Mas, fundados, também, em tais modos de pensar, pouca coisa restaria para afirmar-se como verdadeiramente histórica de grandes vultos do passado, pois vimos em nossos dias, negar-se valor histórico a Cristo, pelo simples fato de seus contemporâneos não terem notado seu valor. Ele foi visto pelos fariseus e letrados da época como um mero taumaturgo, que pregava idéias inaceitáveis.

Não é de admirar, pois, - sobretudo entre os gregos, cujos conhecimentos históricos são incompletos– que não tenham transmitido com a máxima segurança a historicidade de Pitágoras, como também a de muitos outros filósofos. Ademais, houve vários Pitágoras, em diversos setores, confundidos muitas vezes com aquele que fundou a escola de Crotona, não sendo, portanto, de admirar a perplexidade e o cepticismo que se apossam de muitos, quanto aos relatos que se costumam fazer de sua vida. Mas a verdade é que o pitagorismo existiu, e existe ainda, e deixou uma obra monumental, sobre a qual podem debruçar-se os estudiosos.

Observa-se, porém, em todas as fontes que nos relatam a sua vida que realizou na juventude, inúmeras viagens e peregrinações, tendo voltado para Samos com a idade de 56 anos. Seus ensinamentos atraíram muitos discípulos, mas provocaram, também, a inimizade de Policrates, tirano em Samos, fazendo-o exilar-se na Magna Grécia (Itália), onde em Crotona, fundou o seu famoso Instituto. Dizem Nicômaco e Jâmblico que, em certa ocasião, Pitágoras pronunciou um discurso, o qual influiu decisivamente na fundação da sua sociedade, onde os membros se propunham a praticar a comunidade de bens, entregues à meditação, através do que alcançariam o caminho do saber, da *Mathesis Suprema (Megisthe),* a suprema *sophia,* a suprema sabedoria. Para tanto, era preciso amá-la, e aqueles que fossem *amantes do saber,* seriam filósofos (de *philo* eu amo, e *sophia,* saber), de onde ele cunhou o nome que depois se universalizou: *philosophia.* O conhecimento, a *gnosis*, permitiria que o homem penetrasse, seguindo os caminhos humanos, a *via* que levaria à *Mathesis Suprema,* a suprema instrução. Só o conhecimento

nos daria a felicidade, pois afirmava ele que a felicidade suprema consiste na verdadeira *eudamonia* da alma, na contemplação da harmonia dos ritmos do Universo, ou melhor, reproduzindo as suas palavras "*tes teleiótetos tón arithmôn"* , a perfeição dos Números, o número como ritmo a proporção, como nos conta Clemente de Alexandria.

Antes de chegar a Magna Grécia, esteve em contato com os órficos, já em decadência, no Peloponeso, tendo conhecido a famosa sacerdotisa Teocléia de Delfos.

Mas é na Itália que vai desempenhar um papel extraordinário. Funda o famoso Instituto, o qual, combatido pelos democratas de então, foi finalmente destruído, contando-nos a lenda que em seu incêndio, segundo alguns, ele pereceu junto com os seus mais amados discípulos, enquanto outros afirmam que conseguiu fugir, tomando um rumo ignorado.

Segundo as fontes mais fidedignas Pitágoras deve ter falecido entre 510 a 480. A sociedade pitagórica continuou após a sua morte, tendo desaparecido quando do famoso massacre de Metaponto, depois da derrota da liga crotoniata. A fraternidade pitagórica teve um grande papel histórico na liga crotoniata, por sua influência política quase absoluta.

Segundo se sabe havia nessa época, três espécies de iniciados: os *filósofos contemplativos*, que eram os *matemáticos;* os *nomotetes,* aos quais cabiam a direção política e a atividade social; e os *políticos,* que não haviam ainda alcançado os graus de iniciação, e que eram instrumentos para a execução dos planos que elaboravam os dirigentes. Havia, para os escolhidos, um grau de noviciado e uma iniciação de *grau de aprendiz,* que levava cinco anos (grau de *paraskeiê*, de preparação), seguindo-se, depois, o de *cathartysis* , de purificação (*catharsis)*, que corresponde ao companheiro maçônico, e, finalmente, o de *teleiôtes* (de *telos,* fim) que era o de *mestre*, ao qual eram reveladas as primeiras e últimas causas das coisas.

Após a catástrofe, salvaram-se apenas Lysis e Filolau, que possivelmente, (e há suficientes elementos a favor dessa possibilidade), nem tenham conhecido Pitágoras pessoalmente. Junto com eles salvaram-se alguns noviços, entre os quais Hipócrates de Quios, que viveu depois em Atenas, Hiparco e Hípias, posteriormente considerados traidores, por terem revelado certos segredos da ordem, merecendo a "excomunhão". Dos seguidores próximos dessa época salienta-se Arquitas de Tarento, considerado um dos dez maiores pitagóricos.

O próprio Filolau também foi considerado por muitos pitagóricos como traidor, por haver publicado trabalhos, nos quais revelava aspectos da filosofia de Pitágoras, e também por ter vendido três livros secretos a Dion, irmão de Dionísio o Antigo.

O pitagorismo na cultura grega – São muitas vezes os gregos acusados de haverem imposto um modelo ao mundo, de terem racionalizado de tal modo o mundo fenomênico, que o modelo, por eles construído, impôs-se como sendo a própria realidade. Nessa capacidade de ultrapassar as fronteiras da aparência estaria, em suma, toda a razão do chamado "milagre grego". E ainda se acrescenta que esse modelo foi apenas um ato de fé.

Essa maneira dual de visualizar o mundo não surge com a filosofia grega. Esta apenas lhe deu novos contornos e novas justificações. Ela pertence a toda maneira religiosa e psicológica do grego considerar o mundo, sempre feito à imagem dos deuses, em que o mundo dos fenômenos copia ou participa da realidade superior do mundo das formas. Assim se pode estabelecer que o mais típico no pensamento grego é a visualização dos dois planos, o plano das idéias puras e imutáveis, eternas e ingeneradas, e o plano do mundo das aparência, do fenômeno, mundo do devir, da constante mutação das coisas.

É precisamente em Pitágoras que essa maneira de ver toma uma forma filosófica e torna-se o fundamento de toda a sua doutrina. Para muitos, é esse o *grande mito* grego, e, quando dele se afasta, a Grécia afunda-se nas formas viciosas da sofística. Poder-se-ia dizer, à imitação de Spengler, que toda a essência da cultura grega está na aceitação desse mito, suficiente para explicar sua arte, sua religião, sua filosofia, sua política, seus ideais e também o seu desfecho melancólico.

Todo o afã de seus grandes filósofos como Pitágoras, Sócrates e Platão cingiu-se à justificação dessa tese. Aristóteles, com seu empirismo racionalista, seria apenas um bárbaro, no conteúdo mais nobre desse termo. Realmente vinha ele das fronteiras da Grécia, e isso nos explicaria porque se afastara do grande mito, buscando outra maneira de visualizar o mundo. Também essa a razão porque influíra tanto, depois, no Ocidente, através da Escolástica. Seu modelo não era helênico.
Se passarmos os olhos pelos cultos gregos, desde os mais primitivos até o pitagorismo, tomado aqui em seu sentido religioso, realmente os dois planos são patentes. Na decadência, as religiões de empréstimo, cultos vindos do Oriente, já não eram gregos, eram pseudomorfoses de uma cultura, porque apenas se revestiam de algumas formas exteriores da Grécia, mas seu conteúdo não tinha mais raízes na alma daquele povo, porque este já a perdera.

Há em tudo isso um pouco de razão. Mas seria primarismo pensar que apenas nessa explicação pudéssemos incluir todo o filosofar grego.

Bastaria um sucinto exame do pitagorismo para, desde logo, termos de nos afastar dessa teoria. Os cultos dionisíacos eram de origem trácia e é impossível ocultar as influências que o misticismo oriental e também o de origem egípcia, exerceram sobre o pensamento religioso dos gregos em seus primórdios. É inegável que o orfismo, vindo da Frígia, sofreu influências fenícias, e a fusão desses dois cultos se deu, sem dúvida, graças ao contato com os egípcios e o Oriente. Na verdade, o pitagorismo não está infenso do orfismo, uma vez que, após Pitágoras, é difícil distinguir os autores órficos dos autores pitagóricos. Muitos dos rituais e cerimonias destes foram cópias de outras, de origem órfica. E são fatos como esses que permitem considerar Pitágoras como um verdadeiro reformador do orfismo. Mas seria erro não considerar, contudo, as inovações extraordinárias que ele trouxe a tal culto, e de tal modo que a sua doutrina termina por tomar uma fisionomia própria. Todo o século V, e parte do século IV, sofreram sua influência. Grandes foram os pitagóricos deste período, como Timeu, Arquitas de Tarento, Filolau e Teodoro. Uma das suas maiores figuras foi sem dúvida Sócrates, cujo acabamento se processa no seu grande discípulo Platão, a expressão mais brilhante do pitagorismo, como, de resto, do pensamento humano. Em Platão, o pitagorismo encerra a sua grande fase.

Assim como a Academia platônica, depois da morte do mestre, dele se afastou, também se podem acusar os movimentos neo-pitagóricos, de se terem afastado do mestre de Crotona. Platão nunca fez uma declaração pública de que era pitagórico, como também não o fez Sócrates. E era natural, porque o pitagorismo estava fora da lei. A doutrina platônica permanece dentro do âmbito dos dois planos.

Este mundo, o mundo fenomênico, é feito à imitação de um modelo eterno e imutável, o mundo verdade, o mundo das formas puras. Há, entre os críticos de Platão e Sócrates, alguns que duvidam da filiação pitagórica desses autores. As afirmativas de Aristóteles são julgadas insuficientes. Contudo Xenofonte, no retrato que faz de Sócrates, apresenta-o como um pitagórico, quando diz : "Ele era um destes pitagóricos em busca da redenção".

Toda a terminologia platônica das idéias-formas é pitagórica: e*idos, idea, skhema, morphê.*

A doutrina das formas tem, sem dúvida, aquela origem, e quando Platão, em seus diálogos, fala dos "amigos das idéias", quer referir-se a eles. E hoje, através do que sabemos, Espeusipo, que sucedeu a Platão, seu tio na Academia, antes de Xenócrates, escreveu um tratado "sobre os números pitagóricos", o que nos indica que o ensino dado na Academia era pitagórico.

Pitágoras não somente semeou com suas idéias todo o processo filosófico grego, como também o mais fundamental das suas doutrinas chegou até nossos dias, pois a ciência moderna é mais pitagórica do que foi em qualquer tempo.

Ao considerar que o número é o fundamento das coisas, ele introduziu o cálculo na física, e aliou a matemática à ciência, o que permitiu o grande progresso que esta conheceu. Pitagóricos foram Timáridas, que criou a Álgebra, Teodoro de Cirene, mestre de Teeteto, Anaxágoras de Clazômene, mestre de Péricles e que estudou as noções do infinito, Arquitas, Oinópides e Eudoxo, astrônomo, e, finalmente, Platão, cujos ensinamentos matemáticos, com métodos racionais, prepararam o advento do grande pitagórico Euclides. Temos ainda que salientar Asclépios, cujo papel foi muito importante na medicina, Alcmeon, o primeiro a praticar a dissecção, e o maior de todos, Hipócrates de Cos, o precursor da medicina moderna, e sem esquecer o poeta Píndaro.

O ensino dos sofistas foi, sem dúvida, um movimento contra a doutrina dos pitagóricos.

É mister que se distinga a doutrina exotérica do pitagorismo da sua doutrina esotérica, a que era dirigida aos profanos e a que cabia apenas aos iniciados.

Quando se perguntava aos pitagóricos: "qual a essência de qualquer coisa", respondiam, invariantemente, com uma dupla asserção: "As coisas consistem em números" e "as coisas são formadas à imitação dos números".

É uma maneira primária de agir essa de considerar que os números fossem como o são as partículas que o homem comum concebe como formadoras da realidade.

A verdadeira doutrina só pode ser interpretada assim: as coisas consistem em números sob o plano *eidético,* e são formadas, no plano natural, graças às leis matemáticas, que as regulam, à imitação dos números. Materialmente, as coisas imitam os números e são, por isso, também números. Não há contradição aí senão aparente, como teremos ocasião de ver mais adiante.

No *Sofista* (238 b) diz Platão: “Segundo o nosso modo de ver, o número, em seu conjunto, é o Ser”. A qual *ser* ele se refere, veremos oportunamente.

Inegavelmente, a matemática teve seu grande impulso epistêmico com os gregos. É com eles, realmente, que se desenvolve a demonstração. Não se deve pensar que, com aqueles, tenha-se iniciado a demonstração, a prova, porque já a empregavam os egípcios. Há um fragmento da obra de Demócrito, que é expressivo. Ao descrever suas viagens ao Egito diz: “Percorri muitos países... e conversei com muitos homens sábios, mas quanto à combinação das linhas com a demonstração, ninguém me ultrapassou, nem mesmo aqueles que, no Egito, chamamos *os harpedonatas*”...

Ninguém o ultrapassou na demonstração (*apodeixos,* de onde *apodítico,*demonstração, prova); passagem dos *Strômatas*, de Clemente de Alexandria. Atribuía Demócrito aos *harpedonatas* uma ciência demonstrativa, que não superava a dele, o que comprova que os egípcios usavam também a demonstração na matemática, o que aliás decorre do próprio espírito da matemática.

Muito antes de Demócrito, os pitagóricos dedicavam-se à demonstração. Pitágoras, segundo os documentos de que dispomos, afirmava sempre aos discípulos a diferença que se devia estabelecer entre a *doxa* e a *epistéme*. O ideal pitagórico da *Mathesis Megiste, Suprema,* da suprema instrução, só poderia ser alcançado pelo homem através da epistéme, do saber culto, da *sophia* demonstrada, que é o caminho do homem anelante de saber, desse ser que ama o conhecimento, o filósofo (de *philon,* eu amo e *sophia*, saber). É preciso considerar as profundas raízes filosóficas que o pitagorismo lança na Grécia e na Magna Grécia, e que dão ao pensamento grego um novo rumo. O *amante do saber* que se satisfaz apenas em saber o que há, e como se dá, mas também o porquê do que é.

Mas até este ponto ainda não se caracteriza a contribuição do pensamento pitagórico. Sabemos que havia uma forte dose de cepticismo entre os gregos e Pitágoras trouxera para os gregos as grandes contribuições da matemática, da física e das artes. E ante esses é natural que demonstrasse os seus conhecimentos e procurasse provar as suas teses. Não é sem fundamento que se atribui a Pitágoras a fundação da geometria baseada em teoremas demonstrados. Nem só na matemática, mas também na filosofia ele expunha aos iniciados as razões de suas teses, demonstrando-as.

Vejamos estas palavras de Nicômaco de Gerasa: "Os antigos, que sob a direção espiritual de Pitágoras, deram em primeiro lugar à ciência uma forma sistemática, definiram a filosofia como o amor do Conhecimento. As coisas incorpóreas -como as qualidades, as configurações, a igualdade, as relações, os *arranjamentos,* os lugares, os tempos...- são, pela essência, imitáveis e incambiáveis, mas podem, acidentalmente, participar das vicissitudes dos corpos aos quais eles estão ligados". E prossegue: "Esse, acidentalmente, o

Conhecimento se ocupa também dos corpos, suportes materiais das coisas incorpóreas, é contudo a estas que ele se ligará especialmente. Pois essas coisas imateriais, eternas, constituem a verdadeira realidade. Mas o que está sujeito à formação e à destruição...(a matéria, os corpos) não é atualmente real por essência".

O caráter especulativo da filosofia grega, a busca dos juízos apodíticos, universalmente válidos, em contraposição aos juízos meramente assertóricos, que vemos surgir nas obras da filosofia ocidental, surgem, sem dúvida, graças às grandes contribuições do pitagorismo. A *Mathesis*, a suprema instrução, é algo ativo, que o homem deve afanar-se em conquistar. Esse afanar-se pelo saber é um apetite, um amor ao conhecimento da *Mathesis*, é a *filosofia*. O conteúdo desse conhecimento é um *mathema*, cuja arte em alcançá-lo é a *mathematika*, arte de obter os conteúdos do saber supremo. Nesse sentido, a matemática é o saber supremo dos pitagóricos, e não no sentido tomado comumente de disciplina que estudas as abstrações de 2ºgrau.

Chamemo-la de *Metamatemática*, que é a verdadeira filosofia para Pitágoras. E era ele que dizia que o verdadeiro amante do saber é aquele que expressa com clareza o que sabe, e procura demonstrar o que sabe, seguindo as normas da matemática, isto é, fundando-se em juízos apodíticos, universalmente válidos. Quando se intitulava um *amante do saber, um filósofo,* não dizia tudo quanto exigia do verdadeiro discípulo, mas apenas o que era possível dizer aos não-iniciados.

A verdadeira filosofia, para Pitágoras, é a Metamatemática, a arte que consiste em alcançar os conteúdos do saber supremo, e que demonstra suas afirmações *(teses)* por meio de juízos apodíticos (universalmente válidos), a verdadeira *ciência* em suma.

Para que uma disciplina se torne *epistêmica* deve afastar-se da *doxa*, das opiniões, da matéria sobre qual todos opinam e apresentam pontos de vista diametralmente opostos, a ponto de o que é afirmado com convicção de certeza e de verdade por um, ser considerado falso por outro, como sucede no âmbito das chamadas ciências culturais. A avaliação de um conhecimento só pode ser obtida epistêmicamente, se o critério que serve de avaliação fundar-se realmente em bases objetivas. E como se obterão tais bases senão nas demonstrações apodíticas, como as que nos oferece a matemática?

A *doxa* funda-se em critérios subjetivos, a *epistéme* em critérios objetivos. Para essa razão, a estética moderna, que está ainda no âmbito da *doxa*, permite que os seus estudiosos se digladiem em campos opostos e até contraditórios; o que é possível, porque não se estabeleceu ainda a fundamentação apodítica dos postulados estéticos, pelo menos entre os estetas modernos, que ignoram os trabalhos dos pitagóricos. Assim se pode estabelecer que, nas ciências naturais, onde os critérios objetivos predominam, é mais fácil a matematização no bom sentido, enquanto nas ciências culturais, devido à predominância de preconceitos enraizados, a matematização, também empregado o termo em sentido pitagórico, torna-se mais difícil, não porém, impossível, como desejam alguns, na ânsia natural de se entregarem às divagações e às afirmações imponderadas e fáceis.

“Nenhuma pesquisa merece o nome de ciência se ela não passa pela demonstração matemática”. Máxima de Leonardo da Vinci, genuinamente pitagórica e genuinamente grega, pois é o espírito da ciência grega que nela está presente. A

demonstração é uma característica do espírito lógico grego e da sua retórica. É o que notamos nos diálogos de Platão, onde as demonstrações buscam ser as mais convincentes possíveis. Já o podíamos notar nos discursos de Demóstenes, onde ele busca destruir os argumentos do adversário e revelar o absurdo que neles está contido. É, sem dúvida, com Pitágoras que o método demonstrativo se desenvolve para alcançar seus pontos altos em Hipócrates de Cós, nos *Analíticos* de Aristóteeles, e na surpreendente realização dos *Elementa* de Euclides, que o aplica de maneira extraordinária e definitiva.

Diz Paul-Henri Michel:[4]

"Mas os Pitagóricos não são primitivos! Se, segundo eles, todas as coisas são números, não é somente porque todo objeto sensível pode ser considerado como uma "coleção", como a soma de suas partes indivisíveis. O número existente em si, fora da pluralidade dos objetos materiais, assim como a grandeza, o que nos leva a outro aspecto da teoria, à transcendência e à noção do número *modelo* das coisas. O *arithmós* (que não se deve confundir, como parece fazê-lo tantas vezes Aristóteles com o *plethos*), traduz-se no ser por uma harmonia. Firmados nesta convicção pelo exame das cordas vibrantes, os Pitagóricos podiam enunciar, no catecismo dos acusmáticos: "Que há de mais sábio? O número".

E adiante afirma que os pitagóricos tinham apenas uma visão quantitativa do número no início, e que só depois tenderam a qualificá-lo. "Essa dupla providência não foi jamais talvez consciente; sem dúvida, não foi jamais explicitada pelos Pitagóricos, mas estava subjacente em sua concepção do número. Só ela pode justificar essa espécie de fascinação que os números, tomados individualmente, exerceram em seu pensamento, e que, ademais, não se exerceu apenas em sua escola".

Esta afirmação é ,porém, em parte, procedente, porque, no estudo do primeiro e segundo grau (graus de *paraskei*ê e de *catartysis*), o número estudado é o quantitativo, como abstração da quantidade. Mas o número, em sentido qualitativo, vetorial, modal, etc., é examinado posteriormente, à proporção que o iniciado penetra nos conhecimentos mais elevados. Seria ingenuidade pensar que todo o pensamento matemático de Euclides estivesse exposto em seus *Elementa*, que é obra de iniciação geométrica.

Esta é a razão porque, no Instituto de Pitágoras, estava à entrada o dístico que, posteriormente, Platão copiou: "Aqui não entra quem não conhece geometria". Em outras palavras, a iniciação é impossível a quem não adquiriu os hábitos demonstrativos da geometria.

E que realmente era assim (que o número quantitativo era apenas um grau inferior do conhecimento matemático) comprova-o o desprezo que revelavam os pitagóricos pela *Logistikê*, a arte de cálculo e ao número de cálculo, demonstrando que não confundiam o *arithmós* pitagórico com o número sensível, o número de conta, de cálculo, de medida apenas.

4

Michel, Paul Henri - "De Pythagore a Euclide".Paris, Societé d'éditions Les Belles Lettres, 1950.

Não é o número *(arithmós)* apenas uma abstração de segundo grau da quantidade, como se poderia julgar se nos basearmos apenas nas obras dos pitagóricos de grau de *paraskeiê.*

Não há dúvida que a constante na exegese pitagórica, que se conhece através dos tempos, sempre confundiu o conceito do número em seu aspecto genérico com o número quantitativo, que é apenas uma espécie de número, ou seja, que é apenas "esquema da participação da quantidade". Esse aspecto quantitativo é a diferença específica do gênero *arithmós*, mas não é tudo e apenas ele. É este um modo de ver que insistentemente teimamos em salientar, embora reconheçamos que há pitagóricos que jamais alcançaram outra visão, senão a meramente quantitativa, como se observa na obra de alguns pitagóricos e neo-pitagóricos.

Que não são os números a última natureza das coisas, é evidente em face das afirmações da escola de que o número tem sua origem na combinação harmônica do ilimitado e do limitado (infinito e finito, par e impar). Ademais, o Um não é número.

Por outro lado, também não se pode afirmar que a concepção do mundo de Pitágoras fosse atomística, pois neste caso, haveria o descontínuo como última natureza das coisas. Não procede essa afirmação, porque ele afirmava que o último *hiporkeimenon*, o último sustentáculo das coisas, é o *aither*, o éter, e este é pura continuidade e imutabilidade em sua essência.[5]

Para os pitagóricos havia, sem dúvida, uma *matemática transcendente*, em oposição à *matemática imanente.* Esta última é a que corresponde às abstrações da quantidade, enquanto a primeira é aquela que se refere às formas ou idéias, seguindo a ordem que expusemos da matematização ontológica, como o fizemos em *Filosofia Concreta.* Há, no diálogo *Das Leis* de Platão, várias alusões a essa matemática transcendente, que só era conhecida e manejada pelos iniciados em graus mais elevados, inclusive na escola platônica.[6]

Entre os pitagóricos ilustres, podemos citar Cercops, Petrônio de Hilera, Brotino de Metaponto, Hipaso de Metaponto, Califônio de Cnidos, Demócedes de Crotona, Parmenisco de Metaponto, Epicárnio de Siracusa, Icco, Parônio, Ameinias (mestre de Parmênides), Xuto, Boidas, Trasíalas, Teodoro de Cirene, Eurito de Crotona, Lysis (a quem se atribuem os *Versos Áureos*), Arquipos de Tarento, Opsimos de Requim, Fáleas de Calcedônia, Enópedes de Quios, Hipócrates de Quios, Ocelo de Leucínia, Nicretas de Siracusa, Ecfanto de Siracusa, Xenófilo de Cálcis, Diócles, Equecrates, Polinastro, Fantônio, Ário, Proso de Cirene, Amiclas de Tarento, Clénias de Tarento, Damônio, Fíntias de Siracusa, Simos, Minômides, Eufranor, Eicônio de Tarento, e as famosas pitagóricas Tiyka, Filtys, Cratesicléia, Teano, Lastenéia, Abrotélia, Execratéia, Eliasia, Tyrsenis, Peisirrode, Nisteadousa, Boiô, Babelyka, Kleaickna, Ekelô, Keilonis e Muia.

[5] À primeira conclusão chega P. Kucharski, ao criticar as opiniões de E. Taylor em seu "Étude sur la doctrine pythagoricienne de la tétrade".

[6] León Robin em "Platon" (Paris, Alcan, 1935) teceu comentários nesse sentido.

Versos Áureos

Preparação

Aos deuses imortais, antes de tudo, honra-os, presta o devido culto,
E conserva a tua fé. Venera com a memória
todos os heróis benfeitores, e os semideuses.

Purificação

Sê bom filho, irmão justo, esposo terno,
bom pai, para amigo escolhe o da virtude.
Ouve seus bons conselhos, e por sua vida
modela a tua, dela não te afastes nunca
se assim o puderes; uma lei severa
relaciona a Vontade à Necessidade.
A ti cabe, entretanto, lutar e vencer
tuas loucas paixões; aprende a dominá-las.
Sê sóbrio, sê ativo e casto, sem cólera.
Ante os outros – e só – de mal nada permitas,
e respeita a ti mesmo acima de tudo.
Não fales e não procedas sem ter refletido.
Sê justo. Lembra sempre que um fatal poder
ordena tudo à morte; que os bens e as honras,
que facilmente adquires, facilmente perdes
e também quanto aos males, que traz o destino,
julga-os como são; suporta-os, e cuida,
o máximo que possas, reduzir seus traços:
aos mais cruéis os deuses pouparam os sábios.

Como a verdade, o erro tem seus amantes;
Defende-a o filósofo; o erro enfrenta
prudente; se o erro vencer, ele se afasta;
e espera. Grava bem em ti minhas palavras:
fecha os olhos, o ouvido a todos preconceitos,
teme o exemplo alheio, pensa por ti mesmo:
consulta, delibera, escolhe livremente.
Deixa aos loucos agirem sem fim e seu causa.
Tu deves, no presente, olhar o futuro.
O que não sabes tu, não pretendas fazer.
Instrui-te; obterás tudo com o seu tempo.
Cuida a tua saúde, gasta com medida,
ao corpo alimentos, repouso ao espírito.
Nem de mais nem de menos; pois a um excesso
o outro se junta logo igualmente.
O luxo e a avareza são bem semelhantes.
Deves escolher em tudo o meio justo, e bom.

Perfeição

Que nunca tua pálpebra se feche ao sono
sem que te interrogues: Que esqueci? Que fiz?
Se for o mal, abstém-te; se o bem, persevera.
Medita meus conselhos; ama-os; segue-os:
às divinas virtudes te conduzirão.
Juro por quem gravou em nossos corações
a tétrada sagrada, imenso e puro símbolo,
fonte da natureza e modelo dos deuses.
E quando despertares, examina com calma
o que deves fazer, o que deves terminar.
Mas antes, ao dever fiel, que tua alma
invoque com fervor o socorro dos deuses
para que as obras iniciadas, realizes.
Instruído por eles não te enganarão:
de seres diferentes sondarás a essência;
conhecerás de tudo o princípio e o fim.
Saberás, se o céu quiser, que a natureza,
igual em tudo, é a mesma em toda parte.
Esclarecido sobre teus velhos direitos,
teu coração será livre de vão desejos.
Verás, então, que os males que sofrem os homens,
São frutos de escolha; e que, infelizes,
buscam longe de si os bens de que são fonte.
Felizes poucos sabem ser: pelas paixões
manejados, por vagas tão contraditórias,
e sobre um mar sem praias, rolam eles cegos,
sem poder resistir nem ceder à voragem.

Deus! Vós os salvareis ao abrir os seus olhos...
Cabe aos humanos, cuja raça é divina,
de discernir o erro e ver a verdade.
A natureza o serve. Tu que a penetraste,
Homem sábio, feliz, respira nesse porto,
Mas observa as minhas leis, e abstém-te
do que deve tua alma temer e distinguir,
Deixa reinar sobre o corpo a inteligência
e a fim de elevando-te ao radioso éter,
sejas, então, um deus entre os imortais.

Introdução aos comentários

Neste trabalho juntamos comentários que se podem fazer aos comentários de Hiérocles buscando permanecer distante dos intérpretes pitagóricos, para que esta contribuição seja a mais pessoal possível e não sofra a influência da exegese de outros, já que nela serão aplicadas as regras da nossa dialética concreta.

A Dialética Concreta demonstra que se pode construir uma hermenêutica segura, mesmo trabalhando com a dialética simbólica, desde que esta esteja orientada por aquela.

Muitos colocam em dúvida a verdade histórica de Pitágoras. Não vamos discutir este tópico. O que nos interessa é partir da realidade do pitagorismo, aceita pelos seus contemporâneos, daquele a quem se “chamou” Pitágoras, no século ao qual se atribui ter vivido e o pitagorismo como uma criação sua. Alguns discípulos a ele se referem como uma pessoa com quem conviveram, e estas afirmações nos parecem suficientes para a sua historicidade e não para a sua negação.

Temos, além de um arquétipo psicológico, a tendência de tornar mítico ou de criar mitos sobre os criadores das grandes idéias, um anti-arquétipo que nega a realidade dos mitos e, consequentemente, nega a realidade histórica de certas figuras como Orfeu, Homero, Thot, Cristo, Shakespeare e outros.

À Pitágoras foram atribuídas muitas obras. Segundo vários autores chegariam a umas quinze, dentre as quais duas, pelo menos, são consideradas as mais importantes: " *Perí tou hólou*.", "Em torno do Universo", do universo organizado, cósmico e a famosa "*Hiéros Logos*", “A Palavra Divina”, escrita em caracteres simbólicos - somente do conhecimento dos iniciados – e assim seu conteúdo não chegaria às mãos de qualquer um. Portanto, o que se sabe sobre Pitágoras é através dos discípulos ou seja, daqueles que se “chamaram seus discípulos”, os propagadores das suas idéias e que costumavam afirmar ser algumas das citações do grande Mestre.

Em "*Pitágoras e o Tema do Número*"[7] mostramos que, na exegese do autor, levamos em consideração a coerência da obra, sob dois aspectos: o intrínseco e o extrínseco.

Se queremos nos basear na coerência, sob o aspecto extrínseco, teremos de procurar os textos que se ligam uns com os outros para saber se realmente um autor quanto à um tema tomou uma determinada atitude. Este é o trabalho que consideramos secundário para o exegeta – apanágio dos exegetas menores – que são, entretanto, os mais numerosos. O trabalho exegético que vem a ser o mais difícil e complexo é o que vai buscar a coerência interna da obra de um autor procedendo, na Filosofia, do mesmo modo como Cuvier fez na Paleontologia: de posse de uma simples rótula construiu toda a anatomia do ser e dela partiu para a sua constituição física, a ponto de elaborar qual seria a flora que deveria existir para a manutenção deste ser. Através do estudo das proporções intrínsecas e das coerências intrínsecas que se impunham, construiu na Paleontologia uma obra de exegese

[7] Ferreira dos Santos, Mário – “Pitágoras e o Tema dos Números”. São Paulo, Ed. Logos, 1960, 2ª ed. 1965.

paleontológica intrínseca. Similar ao que alguns estudiosos fizeram, partindo dos poucos fragmentos que existem, por exemplo sobre Heráclito e dali construíram a sua filosofia. Eles partiram apenas da aceitação de um postulado – o ponto de partida – de que deve existir uma coerência intrínseca na obra de um autor. Se considerarmos que Pitágoras, em todos os tempos e para todos os seus discípulos, foi consagrado como uma figura divina (a ponto deles terem querido transformá-lo numa verdadeira divindade, o que ele não aceitava) não podia, evidentemente, deixar de ser um homem de pensamento coerente e os pitagóricos sempre afirmaram esta coerência. Não há um momento qualquer de vacilação neste ponto. Partimos, então, desse princípio: de que há uma coerência na obra pitagórica e isto é comprovado pelo fato de não encontrar-se nenhuma idéia incoerente, e daí nos ser possível construir a sua concepção.

Alguém pode dizer que um determinado pensamento não é genuinamente pitagórico; esta afirmação tem tanto valor como qualquer outra sobre as idéias do Mestre. O que nos interessa é saber se o postulado atribuído à Pitágoras foi ou não aceito pelos pitagóricos através dos tempos, como um postulado de sua autoria. Se foi, se constitui os pontos fundamentais, sobre os quais não pode haver dúvida aplicando-se as regras da Dialética Concreta, que procede no campo do pensamento especulativo, do mesmo modo como trabalha com as proporções analógicas (usadas por Cuvier, como vimos), chegamos a reconstruir o pensamento coerente de Pitágoras, e podemos saber que ele, neste ou naquele ponto, não poderia ter outra maneira de sentir e de ver, pois do contrário entraria em oposição contraditória com o que é aceito como fundamental e verdadeiro na sua doutrina.

O que não podemos fazer, e isto é importantíssimo, porque muitos o fazem, é basearmo-nos em postulados que são dados por adversários do pitagorismo, onde é atribuído à Pitágoras aquilo que não temos certeza porque não tem, a seu favor nenhum pitagórico importante a defendê-la. É assim que se procede porque o pitagorismo, por muitas razões que não podem ainda ser expostas, continua sendo uma doutrina perigosa aos interesses daqueles que gostam de exercer o poder sobre os outros, já que ele não favorece a ascensão da mediocridade, o que é perigosíssimo para os medíocres, que geralmente estão à frente dos destinos da humanidade.

O poema – Os Versos Áureos – são compostos de 71 ou 73 versos[8].

A autoria deles é atribuída a Lysis. Lysis de Tarento foi um dos discípulos imediatos de Pitágoras, e conta-se ter sido um dos que escaparam à destruição do Instituto Pitagórico, em Crotona. Refugiando-se em Tebas foi mestre de Epaminondas, general tebano. Pouco nos resta de fragmentos de sua obra, a não ser uma carta à Hiparco onde reprova a este de ter desobedecido as ordens do Mestre quanto à divulgação de certos segredos de sua filosofia.

Eles se tornaram mais conhecidos ao mundo quando Hiérocles[9] os transmitiu e os comentou. São estes os comentários que traduzimos nesta obra.[10] Não temos o texto

[8] O texto grego dos "Versos Áureos" contém 71 versos, enquanto que a tradução francesa de Paul Carton apresenta 73 versos.

[9] Hiérocles, filósofo do século V, provavelmente nasceu no Egito, mas viveu em Alexandria. Daí chamar-se Hiérocles de Alexandria. Ensinou as doutrinas do pitagorismo e do neo-pitagorismo. Foi levado aos tribunais em Bizâncio,

grego para fazer comparação, mas possuímos outros trabalhos que nos auxiliaram nas correções. Há várias traduções destes comentários, e também, vários trabalhos de pitagóricos modernos, mas que infelizmente não conseguimos e não podemos nos referir a eles de modo mais específico, porque as informações que possuímos são poucas.

Na verdade não se pode afirmar, como muitos fazem, que esses versos sejam da autoria de Hiérocles porque, até então, não haviam sido publicados. A nosso ver não tem fundamento porque é matéria pacífica dentro do pitagorismo a sua existência. Autores como Cícero, Plínio, Flávio Josefo e outros mencionaram-no séculos antes da existência de Hiérocles.

Costuma-se ao examiná-los estabelecer uma certa divisão, enquanto muitos autores dizem que eles não apresentam uma determinada ordem, não seguem um plano, sendo mais um conjunto de versos ou de sentenças que foram, posteriormente, juntados. É possível que haja um conjunto de sentenças que deveriam ter sido expostas por Pitágoras ou pelos seus seguidores , que vieram a se constituir no conjunto das idéias fundamentais e, posteriormente, Lisis deu uma coordenação poética. Isto não tem a menor dúvida, pois é quase certo que eles devem ser posteriores à Pitágoras, que não os conheceu ou pelo menos, se os conheceu, não há nenhum indício que indique, com segurança, essa possibilidade, ou que tenha sido real. Mas, quando se examina cuidadosamente a sua estrutura (como fizeram aqueles que os estudaram) observa-se que existe um plano que se desenvolve através de uma progressão das perfeições, segundo a concepção dialética do pitagorismo, isto é, da marcha perfectiva ascendente até à perfeição suprema. Daí serem divididos em três partes, segundo os três graus iniciáticos, fundamentais da ordem pitagórica: 1ª - da preparação – fase de *paraskeiê*, na qual é estabelecido o culto de Deus e dos espíritos superiores; 2ª - da *cathartysis* ou de preparação, o culto da humanidade, da família, do semelhante, de nós próprios e de nossos deveres sociais e, finalmente, a 3ª - fase de *teleiôtes*, da perfeição que nos ensina o caminho da meditação, a fé que nos impele à vida virtuosa e nos indica como desvendar os problemas do universo, chegar aos últimos graus de iniciação, atingir a sapiência, a intuição sapiencial e compreender, finalmente, mais profundamente toda a nossa razão de ser e de existir e a os fins para onde tendemos.

Estas divisões vão ficar claras à proporção que iniciemos os comentários aos comentários de Hiérocles. Aproveitaremos a seguir a divisão que consideramos muito bem feita, de Paul Carton[11], onde ele descreve os Versos Áureos.

PREPARAÇÃO

Culto de Deus. – *Ter uma religião*. – Antes de tudo, presta aos Deuses imortais o culto prescrito pela lei. Respeita também a fé jurada. Reverencia em seguida, como convém, os Heróis sublimes e os Espíritos semideuses.

---

acusado de idolatria e exilado. Depois do exílio voltou à Alexandria, onde abriu de novo sua escola. Entre as suas obras chegaram até nós: “Os comentários sobre os Versos Áureos de Pitágoras”, fragmentos de seu “Tratado sobre a Providência e o Destino” e um sobre as máximas dos filósofos. Destacam-se nele a erudição, o estilo firme e conciso, sem ornamentos supérfluos.

[10] Utilizamos na tradução o texto em francês de André Dacier (1651-1722). Não tivemos oportunidade de confrontá-lo com o texto grego.

[11] Carton, Paul – "Vida Perfeita" – Rio de Janeiro, Edição de “Organização Simões”, 1954.

PURIFICAÇÃO

Culto da Família. – *Amar os pais e todos os parentes*. – Professa o culto da família; cumpre inteiramente deveres para com teu Pai, tua Mãe e todos os teus parentes.

Culto da Amizade. – *Amar os semelhantes*. – Escolhe para amigo o homem melhor e mais virtuoso. Obedece aos seus doces conselhos e segue o seu exemplo salutar. Esforça-te tanto quanto possas, por não te desviares dele por qualquer pequena falta, porquanto a Vontade marcha lado a lado do Destino como potência diretriz da nossa evolução.

Cultura Pessoal. – A) Cultura mental. *Ser senhor de si mesmo*. Não te esqueças de que deves aprender a dominar as paixões, a ser sóbrio, ativo, casto. Nunca te deixes arrebatar pela cólera.

Ser honesto, franco, justo. – Sê irrepreensível perante os outros e perante ti próprio. E, acima de tudo, respeita-te a ti mesmo. Que toda a tua vida, que todas as tuas palavras, se inspirem na mais pura justiça.

Ser refletido. – Não te acostumes a viver maquinalmente, mas reflete bem que a morte é o nosso destino comum e que as riquezas materiais podem adquirir-se ou perder-se com a mesma facilidade.

Trabalhar com toda a confiança. – Contra o destino que te haja sido marcado pelas leis divinas, por mais rude que seja, não te revoltes contra ele, suporta-o com serenidade, esforçando-te por melhorá-lo quanto possas. Os Deuses, com efeito, preservam os virtuosos dos maiores males.

Ser tolerante e paciente. – A Verdade e o Erro encontram-se misturados nas opiniões humanas. Abstém-te, pois, de as aprovar ou rejeitar totalmente, a fim de conservares a tua harmonia. Se o erro triunfa momentaneamente, afasta-te e aguarda com paciência.

Criar em si próprio raciocínio são e firme. – Observa sempre com todo o cuidado o que vou dizer-te: Não te deixes arrastar sem reflexão pelas palavras e atos de outrem. Fala e procede somente quando a tua razão te houver indicado o mais justo caminho. A deliberação obrigatória antes da ação, evitar-te-á assim os atos impensados. O que verdadeiramente infelicita o homem é o falar e proceder sem regra nem medida.

Ser previdente. – Prevê bem as conseqüências, ainda as mais afastadas, de cada uma das tuas decisões, para não teres depois do que te arrepender.

Ser modesto. – Não tenhas a pretensão de fazer o que em realidade ignoras; aproveita pelo contrário, todas as ocasiões de te instruíres. Assim levarás vida altamente agradável.

B) Cultura corporal. – *Seguir um regime puro e fisiológico. Fazer exercício.* – É preciso igualmente cuidar da saúde do corpo. Usa moderamente dos alimentos, das bebidas e dos exercícios que te forem necessários. A justa medida será aquela que impedir que te enfraqueças. Assim, deverás habituar-te a um regime puro e severo.

Ser reservado. – Segue o teu ideal sem ostentação para não atraíres a incompreensão hostil dos ignorantes.

Ser ponderado. – Não procedas à semelhança das pessoas sem senso que gastam mais do que o necessário ou então se entregam à avareza, mas aprende a guardar em tudo o meio termo. Não faças, pois, nada que possa prejudicar-te, e por isso reflete antes de proceder.

CULTO DE DEUS

Meios de Aperfeiçoamento. *Exame de si mesmo.* – Logo que acordes, aproveita a lucidez que o sono faculta, para elevar o espírito e refletir nas boas obras que deverás realizar.

Todas as noites, antes de adormeceres, faze o exame de consciência, repassa muitas vezes pelo espírito os atos do dia e pergunta a ti mesmo: Que fiz hoje? Cumpri bem o dever em todas as coisas? Examina assim sucessivamente cada uma das ações. Se compreenderes que andastes mal, repreende-te severamente; se foste irrepreensível, dá-te por satisfeito.

Meditação. - Fé. - Vida virtuosa. Ciência do Universo. – Medita estes conselhos. Ama-os do fundo da alma e esforça-te por pô-los em prática. Conduzir-te-ão às virtudes divinas. Juro-o por Aquele que traçou no nosso espírito a Tétrada sagrada, fonte e emblema da Natureza eterna.

Oração. – Mas, metendo mãos à obra, ora sem cessar aos Deuses, para que te ajudem a conclui-la.

Iniciação. – Quando estiveres bem compenetrado destes preceitos, chegarás a conceber a constituição íntima dos Deuses, dos homens e de todas as coisas, e a compreender a rigor a unidade que penetra toda a obra natural. Conhecerás então esta lei universal: por toda a parte, no mundo, a matéria e o espírito são idênticos em natureza.

Clarividência. – Tornado, assim clarividente, deixarás de ser atormentado por desejos ilegítimos. Reconhecerás então que os homens são os criadores dos seus males. Desgraçados! Não sabem que os seus verdadeiros bens estão a seu alcance dentro deles mesmos. Como são raros aqueles que conhecem a maneira de se livrarem dos tormentos! A cegueira dos homens é tal que lhes perturba a inteligência! Semelhantes a cilindros que rolam ao acaso, não cessam de ser acabrunhados por males infinitos. Porque, não suspeitando a funesta incompreensão que está dentro deles e os acompanha por toda a parte, não sabem distinguir o que é justo daquilo que é preciso evitar inteiramente.

Verdade oculta. – Deus, nosso Pai! Digna-te livrá-los dos sofrimentos e mostrar-lhes de que força sobrenatural eles podem dispor! Mas não: aquietemo-nos; os homens são da raça dos Deuses, e a eles pertence o descobrir as verdades sagradas que a natureza oferece à investigação.

Recompensa: - *Sabedoria. Bem-aventurada imortalidade.* – Se chegares a penetrá-las, cumprirás então facilmente todas as minhas prescrições e terás merecido ver-te livre das tuas provações. Mas, abstém-te dos alimentos interditos nas purificações e prossegue na obra de libertação da alma, fazendo escolha judiciosa e refletida em todas as coisas, de maneira que estabeleças o triunfo do que há de melhor em ti – o Espírito. Então, quando abandonares o corpo mortal, elevar-te-as no éter e, deixando de ser mortal, revestirás tu mesmo a forma de um Deus imortal.

Comentários de Hiérocles aos Versos Áureos

É pela filosofia que a natureza humana se desenvolve e se aperfeiçoa[12]. É por ela, com efeito, que aquela se liberta da temeridade e da loucura, que sobrevem da matéria, e que ela se torna independente do corpo mortal². Ela se aperfeiçoa pela filosofia, recobrando a sua vida superior e retornando à semelhança divina². Ora só a virtude e a verdade podem operar essas duas coisas; a virtude, por repelir o excesso das paixões; a verdade, por dissipar o erro, e por dar a forma divina àqueles que estão dispostos a recebê-la².

É bom que essa ciência, que nos deve tornar puros e perfeitos², possua regras curtas e precisas, que sejam como aforismos da Obra, e nos forneça o meio de alcançar, metodicamente, e de maneira ordenada, a felicidade, que é o nosso único fim².

Entre as regras desse gênero, que visam a filosofia universal, os versos de Pitágoras, chamados “Versos Aureos”, mantêm o primeiro lugar, e com justiça². Contém eles os princípios gerais de toda Filosofia, tanto no que diz respeito à vida ativa como a vida contemplativa². Por meio dela cada um pode adquirir a verdade e a virtude, tornar-se puro, vir a ser, com felicidade, à semelhança divina, e como diz o Timeu de Platão, (que deve ser considerado como mestre muito bem informado sobre os dogmas de Pitágoras), depois de ter restabelecido a sua saúde e recobrado a sua integridade perfeita, rever-se no seu primeiro estado de inocência e de luz.

Pitágoras começa pelos preceitos da virtude ativa: antes de todas as coisas, é mister desembaraçar-se da loucura e da inércia, que estão em nós; depois, é mister aplicar-se ao conhecimento das coisas divinas. Assim como um olho doente, ainda preso da fluxão, não poderia olhar uma luz brilhante e viva, assim a alma que não possua ainda a virtude não poderia perceber a beleza e o esplendor da verdade; também não é permitido ao que é impuro tanger o que é puro².

A filosofia prática é a mãe da virtude; a filosofia teórica é a mãe da verdade². Pode-se apreciar pelos versos de Pitágoras, em que a filosofia prática é chamada a virtude

[12] Estas notas são comentadas no capítulo "Comentários aos Comentários de Hierócles".

humana e a filosofia teórica é chamada a virtude divina. Depois de haver terminado os preceitos da virtude civil por estas palavras: Pratica bem todas as coisas, medita bem sobre elas, é mister que as ames de todo o teu coração, ele continua: São elas que te porão no caminho da virtude divina, e que te farão caminhar após as pegadas de Deus[2].

É mister, portanto, primeiramente, ser homem, depois ser Deus. São as virtudes civis e Deus que fazem o homem, são as ciências que conduzem à virtude divina. Ora, na ordem perfeita, é mister que as pequenas coisas precedam as grandes. Eis porque, nos versos de Pitágoras, os preceitos das virtudes são os primeiros, para nos ensinar que é pela prática das virtudes, tão necessárias na vida, que devemos avançar a ascender até a semelhança divina[2].

E o fim e a ordem que se propõem nesses versos é dar aqueles que os lerem o verdadeiro caráter do filósofo, antes de os iniciar em outras ciências[2].

Ademais, são eles chamados Versos Áureos por assimilar o que há de mais perfeito e mais divino neste gênero. É assim que chamamos *idade de ouro* os séculos que viram os maiores homens. Caracterizamos os costumes pelas propriedades analógicas de metais. O ouro é um metal puríssimo, sem qualquer dessas misturas terrestres que encontramos nos metais inferiores, como a prata, o ferro, e o cobre. É o único superior, porque não engendra qualquer deterioração, enquanto que os outros se oxidam na proporção das misturas terrestres que neles há[2].

A deterioração sendo a figura e o emblema dos vícios, é pois, com razão que se chamou a idade na qual reinou a Santidade e a Pureza, e que esteve isenta de toda corrupção de costume, *idade de ouro*. Igualmente estes versos, sendo soberanamente belos em todas as suas partes, foram chamados de Versos Áureos e divinos. Neles não se encontra, como nos outros poetas, um verso que é belo e outro que não o é. Todos são perfeitamente belos, representam todos igualmente a pureza dos costumes, conduzem à semelhança de Deus e revelam o fim perfeito da Filosofia Pitagórica, como se verá claramente pela explicação que propomos dar de cada um deles em particular.

Comentários aos comentários de Hiérocles

Na introdução de Hiérocles encontramos o seguinte comentário: É pela filosofia que a natureza humana se desenvolve e se aperfeiçoa. Note-se aqui, já nessas palavras, o verdadeiro sentido pitagórico: a perfeição humana atinge o seu desenvolvimento e a sua perfeição, os graus do seu desenvolvimento e da sua perfectibilidade através da filosofia, ou seja: o anelo do saber, na marcha constante para a Mathesis Megiste que se volve ao conhecimento supremo. É aí que a natureza humana vai atingir os seus mais altos graus.(nota um): É por ela, com efeito, que àquela se liberta da temeridade e da loucura, que sobrevêm da matéria e se torna independente do corpo mortal. Nota dois: A natureza humana liberta-se da temeridade, dos impulsos espontâneos que ela tem e da loucura, da falta de firmeza, da falta de razão e, consequentemente, das coisas que sobrevêm naturalmente da matéria, da nossa parte inferior. Por intermédio da filosofia ela se torna independente do corpo mortal; quer dizer, esta natureza humana atinge um grau de

independência do corpo mortal, do que morre, porque alcança, então, o que é eterno, o que não pode morrer, o que ultrapassa a vida.

Prossigamos: ela se aperfeiçoa pela filosofia recobrando a sua vida superior e retornando à semelhança divina. A filosofia, no seu afã de saber, seguindo a linha da Dialética Concreta dos pitagóricos (que é a de ajuntar cada vez mais e de captar cada vez mais as perfeições), a natureza humana recobra a sua vida superior, o caminho que lhe está prometido, o caminho superior que ela pode seguir e retornar à semelhança divina; é a via também das religiões. Pitágoras não podia ser fundador de religião porque ele considerava que a filosofia seguindo as suas vias era um verdadeiro ato piedoso, um ato de retorno a Deus. Esta é a terceira nota.

Nota quarta: Só a virtude e a verdade é que podem operar esse desenvolvimento e esse aperfeiçoamento; a virtude repelindo os excessos das paixões e a verdade dissipando o erro e dando a forma divina àqueles que estão dispostos a recebê-la e, por dar a forma divina nos tornamos cada vez mais semelhantes a divindade, pela sapiência, que é uma das nossas formas de nos aproximarmos de Deus: um dos nossos caminhos.

Prossegue o autor: é bom que essa ciência que nos deve tornar puros e perfeitos (nota cinco), ou seja a filosofia deve ser um caminho de purificação e de perfeição humana, portanto, de virtude e de cultura e de saber, por suas regras curtas e precisas, sentenças que sejam como aforismos da obra, e nos forneçam o meio de alcançar metodicamente, de maneira ordenada, a felicidade que é o nosso único bem. (nota seis). Esta ciência deve ser exposta em sentenças curtas e precisas, aforismos que correspondam à obra divina; que sejam a reprodução da Matese Suprema e nos forneça os meios de alcançar metodicamente de maneira ordenada, a felicidade – o nosso único fim – para o qual tendemos.

Dentre as regras desse gênero que visa a filosofia universal, os Versos Áureos de Pitágoras mantém o primeiro lugar e com justiça. Para Hiérocles (nota sete), eles estão, realmente, em primeiro lugar. Não há nenhuma obra que seguindo o caminho da filosofia possa juntar a virtude à verdade. Eles contém os princípios gerais de toda filosofia, tanto no que diz respeito à vida ativa como à vida contemplativa. (nota oitava). No que respeita a vida prática como a vida especulativa ou melhor, a Filosofia Prática como a Filosofia Especulativa. Por meio dela cada um pode adquirir a verdade e a virtude, tornar-se puro, vir a ser com felicidade à semelhança divina e como diz *O Timeu*, de Platão: depois de ter estabelecido a sua saúde ou de recobrado a sua integridade perfeita rever-se no seu primeiro estado de inocência e de luz.

Nota nove: Pitágoras começa pelos preceitos da virtude ativa. Antes de todas as coisas é mister desembaraçar-se da loucura e da inércia (que estão em nós), depois é mister aplicar-se ao conhecimento das coisas divinas. Compara com um olho doente, ainda preso da fluxão, que não poderia olhar uma luz brilhante e viva, assim a alma que não possua a virtude, não poderia perceber a beleza e o esplendor da verdade; também não é permitido ao que é impuro tanger o que é puro. Está bem claro o sentido da iniciação interior do pitagorismo: não pode alcançar as coisas divinas aquele que não se purificar interiormente, aquele que não alcançar os degraus cada vez superiores de uma iniciação da virtude e, também, da verdade. A filosofia não pode separar-se da virtude e a virtude dela.

Nota dez: a filosofia prática é a mãe da virtude porque dedicando-se ao estudo da vida prática do homem, e do que é conveniente ou do que não lhe é conveniente, vai estabelecer as normas do seu proceder e dos hábitos bons que ele deve adquirir. E a filosofia teórica por estudar, por procurar aproximar-se da verdade e afastar-se da falsidade é, consequentemente, a mãe da verdade. Pode-se apreciar pelos versos de Pitágoras onde a filosofia prática é chamada virtude humana e a filosofia teórica, a virtude divina. Depois de haver terminado os preceitos da virtude civil, ele afirma: pratica bem todas as coisas, medita sobre elas e é mister que as ame de todo teu coração: são elas que te porão no caminho da virtude divina e que te farão caminhar após as pegadas de Deus. Nota onze: Primeiro a virtude, a prática do bem, a aquisição dos hábitos bons e, seguindo este caminho, buscar os caminhos da virtude divina que é dado pela filosofia. É mister, portanto, ser homem primeiro e depois ser Deus; são as virtudes civis e Deus que fazem o homem. São as ciências que conduzem à virtude divina. Ora, na ordem perfeita as pequenas coisas devem preceder as grandes; eis porque nos versos de Pitágoras os preceitos das virtudes são os primeiros para nos ensinar que é pela prática das virtudes, tão necessárias na vida, que devemos avançar e ascender até a semelhança divina. Nota doze: É pela prática da virtude que estaremos enfim aptos, cada vez mais a nos aprofundar na filosofia. O fim e a ordem que se propõe nestes versos é dar àqueles que os lerem o verdadeiro caráter do filósofo antes de o iniciar em outra ciência. (nota treze): O verdadeiro caráter do filósofo e a sua verdadeira marca é precisamente a vida, é a virtude prática, a virtude humana, o cumprimento austero do seu dever, para depois, ir buscar a verdade.

Ademais são chamados Versos Áureos por marcarem o que é de mais perfeito e mais divino nesse gênero. Assim chamamos a Idade de Ouro, os séculos que viram os maiores homens e caracterizamos os costumes pelas propriedades analógicas dos metais: o ouro como um metal puríssimo sem qualquer mistura terrestre, sendo o único metal superior, já que não engendra qualquer deterioração, enquanto os outros se oxidam, na proporção das misturas terrestres; Nesta nota quatorze temos uma clara explicação do porquê são chamados de Versos Áureos, "*Carmina Áurea*". O ouro é sempre um símbolo do que não sofre as influências ambientais; do que atinge a perfeição e que consegue vencer as más influências.

Prossegue: a deterioração sendo a figura emblema dos vícios é, pois, com razão que se chamou o período, no qual reinou a santidade e a pureza, isento de qualquer corrupção, Idade do Ouro. Estes versos similarmente foram chamados de Versos Áureos e divinos, já que neles não se encontra, como em outros, variâncias. Eles são todos belos, conduzem à semelhança de Deus e revelam o fim perfeito da filosofia pitagórica.

Verso I

Honra em primeiro lugar os deuses imortais como são eles estabelecidos e ordenados pela lei.

A piedade à causa divina, sendo a primeira de todas as virtudes, é com razão que o preceito sobre a piedade é colocada à frente de todas as leis prescritas por este verso.

É mister honrar os Deuses deste universo, segundo a ordem na qual estão eles estabelecidos, e que a lei eterna, que os produziu, lhes assinalou com sua essência, colocando uns na primeira esfera celeste, outros na segunda, outros na terceira, e assim sucessivamente, até que todos os globos celestes tenham sido preenchidos.

Reconhecê-los e honrá-los, segundo a ordem e a hierarquia em que eles estão colocados por seu criador e pai, é obedecer a lei divina, é render-lhes verdadeiramente toda honra que lhes é devida, não é nem demasiadamente elevar nem rebaixar a sua dignidade nos sentimentos que tenhamos deles, mas tomá-los pelo que eles são, dar-lhes o lugar que receberam, e referir toda honra que nós lhe prestamos a um único Deus que os criou, que se pode propriamente, chamar o Deus dos Deuses, o Deus Supremo e boníssimo.

O único meio que temos de encontrar e de compreender a majestade desse ser excelente que criou o mundo, é de estarmos convencidos que ele é a causa criadora dos Deuses e das substâncias racionais e imutáveis. São essas substâncias e esses deuses que são aqui chamados Deuses imortais, porque conservam os sentimentos e pensamentos do Deus que os criou, que estão atentos e ligados a esta recordação, e que dele receberam, imutável e indivisivelmente, o Ser e o Ser-bom, como sendo as imagens inalteráveis e incorruptíveis da causa que os criou. Pois convém a Deus ter produzido de si imagens tais que elas não possam alterar-se nem corromper-se por sua tendência ao mal, assim como as almas dos homens, que são as últimas das substâncias racionais, aquelas que são chamadas Deuses imortais sejam as primeiras.

É para distingui-las das almas dos homens, que se chamam elas aqui deuses imortais, por não morrerem nunca na vida divina, não esquecendo um instante nem a sua essência, nem a bondade do pai que as criou, enquanto a alma humana está sujeita às paixões e às alterações: ora ela se lembra de seu Deus e do estágio superior em que foi criada, ora ela esquece totalmente. Eis por que as almas dos homens poderiam ser justamente chamadas de deuses mortais, como morredouras alguma vez à vida divina, por seu afastamento de Deus, e recuperando-a algumas vezes por seu retorno a ela: neste último sentido, vivendo de uma vida divina, e no outro sentido (o afastamento), caindo na morte, tanto quanto é possível a uma essência imortal de participar da morte.

É mister compreender aqui não a cessação do ser, mas a privação do bem estar, pois a morte da essência racional é a ignorância e a impiedade que acarretam após elas, a desordem e o desencadeamento das paixões. Com efeito, a ignorância do que é bom nos precipita na escravidão do que é mau, escravidão da qual não podemos nos libertar, senão pelo retorno à Inteligência e a Deus, ao qual volvemos pela reminiscência.

Ora, entre esses deuses imortais e esses deuses mortais, como acabo de os chamar, é necessário que acima do homem e abaixo dos deuses, haja uma essência que seja como um laço, um mediador, que ligue os dois extremos, de maneira que o conjunto da essência racional seja perfeitamente fusionado e unido.

Este ser intermédio não permanece absolutamente na ignorância de Deus, tampouco tem um conhecimento sempre imutável e permanente pois pode ser maior ou menor. Esse estado de conhecimento, que nunca cessa absolutamente, dá-lhe prioridade sobre o homem, mas pelo fato de variar esse conhecimento, e poder diminuir, ele permanece abaixo da natureza divina. Não é pelo progresso de seus conhecimentos que se elevou acima da natureza do homem, nem é por sua diminuição que se tornou inferior aos deuses e se colocou na posição média; mas é por sua natureza um ser do meio, um ser médio. Com efeito, Deus, que criou todas as coisas, estabeleceu esses três seres: primeiros, segundos e terceiros, diferentes por sua natureza, de tal maneira que não possam nunca se deslocar ou se confundir uns com os outros, nem pelo vício nem pela virtude.

Eternos pela essência, diferem pela categoria que lhes foi dada. Estão colocados nessa ordem, segundo as causas que os produziram. Aqui a ordem encerra os três graus da perfeita Sabedoria; ora a sabedoria só é tal porque ela produz suas obras na ordem e na perfeição, de maneira que a sabedoria, a ordem e a perfeição encontram-se sempre juntas. Assim, neste universo, os seres produzidos pelo primeiro pensamento de Deus devem ser os primeiros no mundo; aqueles que são produzidos pelo segundo, os segundos ou médios; aqueles que correspondem aos últimos pensamentos devem ser os últimos entre os seres racionais. É esse arranjamento racional com um corpo incorruptível que é a imagem íntegra e perfeita de Deus que a criou. Os seres, que tem o primeiro lugar nesse mundo são a imagem pura daquilo que há de mais eminente em Deus.

Aqueles que tem o lugar médio são a imagem média do que há de médio, os últimos são a última imagem do que é o último na divindade. Dão-se a essas três ordens os nomes seguintes: Deuses imortais – Heróis dotados de bondade e de luz – Demônios terrestres. Examinaremos a seguir esta classificação.

Volvamos aos primeiros. Que é a Lei? Qual é a ordem que lhe está conforme? Que é, enfim, a honra prestada em relação a essa ordem e a essa Lei? A Lei é a inteligência que criou todas as coisas; é a inteligência divina que tudo produziu de toda eternidade, e que o conserva também eternamente.

A ordem conforme à Lei é a posição que Deus pai e criador de todas as coisas atribuem aos Deuses imortais, ao criá-los, que faz com que uns sejam os primeiros, outros os segundos; pois bem, enquanto primeiros, eles receberam o que há de mais excelente, eles não deixam de diferir entre si, e são mais divinos uns que os outros. A marca de sua superioridade ou de sua inferioridade é a posição e a ordem das esferas celestes, que lhes são atribuídas segundo a sua essência, a sua potência ou virtude, de maneira que a Lei não olha senão a sua essência, e que a ordem é apenas o lugar que lhes foi dado segundo a sua dignidade.

Com efeito, não foram criados à aventura, nem colocados e separados ao acaso, mas foram criados e colocados com ordem como as diferentes partes e os diferentes

membros de um só todo que é o céu: são considerados, embora permanecendo separados, como permanecendo ligados e compreendidos na união de sua espécie; de modo que não se pode imaginar nenhuma mudança em sua situação, nenhum deslocamento sem imaginar a derrocada do mundo. Ora, esta catástrofe não pode suceder enquanto a causa primeira, que os produziu, for imutável e firme em seus decretos, porque ela terá uma potência igual à sua essência, ela possuirá uma bondade não adquirida mas imanente e essencial, e que, pelo amor de si mesma, ela conduzirá todas as coisas ao seu bem e felicidade. Não se pode encontrar outra causa racional da criação das coisas a não ser a bondade essencial de Deus. Deus é perfeitamente bom por sua natureza, e o que é bom não é susceptível de nenhum anseio. Todas as outras causas que se deram à criação deste universo, exceto essa bondade, tem mais as necessidades e as precisões dos homens que a independência de Deus.

Deus sendo, portanto, perfeitamente bom por sua natureza, produziu os primeiros , os seres mais semelhantes a si, os segundos, aqueles que tem com ele uma semelhança média; e os terceiros, aqueles que de todos os seres semelhantes a ele, participam menos dessa semelhança divina.

A ordem foi regulada conforme à essência de todos esses seres criados, de modo que o que é mais perfeito é preferido ao que é menos perfeito, não somente em todos os gêneros, mas, também, nas diferentes espécies; pois não é nem ao acaso que todas as coisas receberam o seu lugar e sua posição, nem por uma mutação da escolha e de vontade. Criadas diferentes pela Lei, elas tem o seu lugar conforme à dignidade de sua natureza: eis por que esse preceito: Honra-os como estão eles colocados e dispostos pela lei, deve ser entendido não somente dos deuses imortais mas também dos heróis e das almas dos homens; pois em cada um desses gêneros há uma quantidade infinita de espécies, colocadas e dispostas conforme tenham elas mais ou menos dignidade. Eis qual é a natureza e qual a ordem ou a posição das essências racionais. Qual é, então a Lei e a honra que daí se segue? Repitamos outra vez: a Lei é a virtude imutável de Deus, segundo a qual criou os seres divinos, e os colocou e classificou de toda eternidade, sem que eles possam jamais mudar. E a honra conforme a essa Lei é o conhecimento da essência desses seres que se honra, e a semelhança que se esforça de ter com aqueles, tanto quanto possível, pois o que se ama imita-se tanto quanto se pode. A honra que se presta àquele que não tem necessidade de nada consiste em receber os bens que ele nos oferece, pois não se honra a Deus dando-se-lhe alguma coisa, mas tornando-se digno de recebê-la, como dizem os pitagóricos:

Honrarás a Deus perfeitamente, se procederes de modo que tua alma seja à sua imagem.

Todo homem que honra a Deus por seus dons como qualquer que deles tem necessidade, cai, sem pensar em tal, no erro de acreditar que é maior e mais poderoso que Deus. A própria magnificência de dons e de ofertas não é uma honra para Deus, a menos que seja um espírito verdadeiramente influído que os ofereça, pois os dons e as vítimas dos loucos não são mais que alimentos das chamas, e suas oferendas nada mais do que pasto para os sacrilégios, mas o espírito verdadeiramente influído e suficientemente fortificado e fortalecido no amor une-se a Deus. É uma necessidade que o semelhante se dirija para o semelhante, e eis porque se diz que o sábio é o único sacrificador, que é o único amigo de Deus, e que só ele sabe como é mister orar, pois só ele sabe honrar e não confunde jamais a dignidade daqueles que honra, que se oferece, primeiramente, como uma hóstia pura, que

torna sua alma uma imagem de Deus, e que prepara seu espírito como um templo para nele receber a luz divina. Que oferecerás tu a Deus de todas as coisas terrestres e materiais que estão aqui, que possa ser a sua verdadeira imagem? Qual dom lhe darás tu, que lhe possa ser intimamente unido, como acontece necessariamente à essência racional purgada e purificada! Com efeito, como dizem os filósofos Deus não tem na terra um lugar mais próprio para nela habitar do que na alma pura. O que perfeitamente se adequa com esse oráculo de Apolo Pítico: "Hábito com menos prazer no brilhante Olimpo do que nas almas dos homens piedosos".

O homem piedoso é aquele que, tendo conhecimento de Deus, oferece a sua própria perfeição como a maior honra que possa dar à causa de todos os bens, que por ardor de adquiri-los, volve-se sem cessar para aqueles que podem ter esses bens, e que, tornando-se sempre dignos de recebê-los, honram inteiramente os que lhe deram sem se deterem. Todo homem que quer honrar a Deus de uma outra maneira, não por si mesmo e pelos sentimentos de seu coração dando apenas uma profusão de bens exteriores, realiza um ato inútil e vão. Aquele que busca cumprir o seu dever, não ofertando a santidade e a virtude, mas oferecendo bens temporais e perecíveis, está no erro.

São, ademais, dons que um homem honesto não consideraria por agradável que fosse recebê-los, se não forem ofertados de maneira conveniente. Sobre este ponto eis ainda uma resposta de Ápolo Pítico, que merece ser anotada: Tendo um homem imolado uma hecatombe magnífica, sem nenhum sentimento de piedade, quis saber do Deus como havia ele recebido o seu sacrifício. O Deus lhe respondeu: "a simples cevada de Hermionem foi agradável a meus olhos", fazendo assim conhecer que preferia à essa magnificência a mais miserável oferta, acompanhada de verdadeiros sentimentos de piedade. Com a piedade tudo é agradável a Deus, enquanto que sem ela nada lhe pode agradar. Eis, aqui, o bastante para o presente sobre a santidade. Como uma observação exata e imutável conserva a Lei do arranjamento deste universo, e que era costume dos antigos de nomear o guardião do nome misterioso e inefável de juramento, é pois, com razão que, após os preceitos dos Deuses, ponha-se, aqui, o preceito do juramento como uma conseqüência.

Comentários ao verso 1

São, sem dúvida, precisos e adequados os comentários feitos por Hiérocles ao primeiro verso. Através dos séculos, todos os que estudaram o pitagorismo reconheceram o valor desta obra, entretanto há alguns aspectos que podemos acrescentar vindo a completar o pensamento pitagórico.

Que nos solicita este primeiro verso? Que prestemos a nossa homenagem, honrando, em primeiro lugar, os deuses segundo eles são consagrados e ordenados pelo culto ou pela lei. À primeira vista, a mais simples das interpretações, é de que a concepção religiosa do pitagorismo é apenas uma concepção sincrética, adaptável à todas as crenças. Mas não é bem assim! Nota-se, desde logo, que Pitágoras não pretendeu elaborar uma religião. Sabemos que os órficos se aproximaram querendo arrastá-lo para o orfismo (nessa época já em decadência na Grécia), mas o Mestre revelou-lhes ser possuidor de um pensamento que subordinava o pensamento órfico, sem ser órfico, e eles o respeitaram (A Pitonisa de Delfos o consagrou como o mais completo dos órficos).

A acusação que se tem feito, e foi endereçada na época aos pitagóricos, de pretenderem criar uma religião era improcedente e explicaremos porque: em primeiro lugar, o homem para Pitágoras, era um ser em elevação que ultrapassando a animalidade alcançava, pela prática da virtude e pelo conhecimento, os níveis perfectivos mais altos. Nos comentários iniciais de Hiérocles, a vontade livre isenta de tudo o que a vicia e o entendimento clareado pelo saber e pela visão, ergueriam o homem num grau perfectivo cada vez maior. Mas elas constituíam propriamente as virtudes divinas, mas havia que solidificar com as chamadas virtudes políticas ou civis, as virtudes da vida prática, que Hiérocles tratou na abertura do seu trabalho. O homem é um ser que pode e deve consagrar-se à perfeição para que, assim, conheça o caminho, a via de retorno à divindade, ao princípio de todas as coisas e de onde ele provêm. Está, assim, contido nas máximas pitagóricas, que não podem deixar de ser consideradas para quem queira estudar os Versos Áureos, como esta que Hiérocles nos oferece: "Deus não tem na terra um lugar mais próprio para habitar do que na alma pura"; o que perfeitamente se adequa com esse oráculo de Apolo Pítico: "habito com menos prazer no brilhante Olimpo do que nas almas dos homens piedosos." O homem piedoso é aquele que, tendo conhecimento de Deus, oferece a sua própria perfeição como a maior honra que possa dar à causa de todos os bens, que no ardor de adquiri-los, volve-se, sem cessar, para aqueles que podem ser esses bens e que, tornando-se sempre digno de recebê-lo, honram inteiramente os que lhe deram, sem se deterem. Todo homem que quer honrar a Deus, de uma outra maneira, não por si mesmo e pelos entendimentos do seu coração, dando apenas uma profusão de bens exteriores, realiza um ato inútil. Aquele que busca cumprir o seu dever não acertando a santidade e a virtude, mas oferecendo bens temporais e perecíveis, se encontra no erro. Este é o sentido pitagórico da piedade. O verdadeiro temor de Deus e a verdadeira piedade consistem, no homem, em ofertar constantemente os seus atos mais dignos e mais nobres, o cumprimento dos seus deveres que o dignificam, que o elevam.

Se considerarmos desde o início esta maneira do pitagórico se colocar ante a divindade, dispensando os sacrifícios das coisas, mas ofertando os atos que enobrecem o ser humano compreendemos, então, em que consiste o religamento da criatura com o criador. Religamento com consciência do que faz, que sabe o que faz, que é propriamente o caminho religioso. Toda a atitude do pitagórico no seu modo de proceder seja para consigo mesmo, para com os outros, para o conhecimento que ele pode adquirir, para com a divindade, está incluso em qualquer culto que se possa estabelecer, pois nenhum deles poderá superá-lo.

Levando em consideração essas palavras de Jâmblico, em sua *Vita_Pitagora*[13]: “O divino Pitágoras dissimulou as centelhas da verdade guardando-as, assim, em fórmulas concisas para aqueles que poderiam fazer jorrar dela a luz, os limites infinitos, inacessíveis da especulação,” compreende-se que o pensamento pitagórico exige um método especial de alcançar o que se oculta nos seus ensinamentos. Entretanto vamos nos cingir em comentar os Versos Áureos, os quais vão se referir mais à vida prática do homem, o homem em suas relações com a Divindade, dispensando a parte mais filosófica que será desenvolvida nos nossos estudos matéticos[14].

---

[13] Jâmblico (fal. 330). Natural de Cálcis (Síria). discípulo de peripatético Anatólio e de Porfírio. Obras: “Vida de Pitágoras”, “Exortação à Filosofia”, etc.

[14] Obras sobre temas matéticos do autor: “A Sabedoria dos Princípios”, “A Sabedoria da Unidade” e “A Sabedoria do Ser e do Nada”.

O pensamento pitagórico não se revelava a qualquer um, pois exigia além de um grande esforço, um grande trabalho de penetração e, do mesmo modo, os Versos Áureos exigem um comentário cuidadoso.

Ao interpretar-se, portanto, esse primeiro verso apenas como uma espécie de posição de tolerância para com as diversas crenças religiosas, ou uma atitude de quem busca esconder a sua verdadeira fé e apenas tomar atitudes e se conformar com as maneiras que os homens usam para aproximar-se do Criador, é interpretar falsamente o ensinamento pitagórico. A elevação do homem só pode dar-se pelo caminho da purificação da vontade, do entendimento e do amor. Há necessidade aí de uma catarse constante. No segundo grau deve ele prosseguir se libertando de tudo quanto vicia o que é de mais elevado no homem: a vontade, o entendimento e o amor.

Vimos nos comentários de Hiérocles que é este o sentido da sua interpretação e é a de todos os grandes pitagóricos, ou seja: somos um ser capaz de atingir os graus eminentes, hierarquicamente superiores na vontade, no entendimento e no amor; por isso não há um pitagorismo que se cinja apenas à conquistar a liberdade, porque a liberdade sem ser assistida por um entendimento são e por um amor puro, será imperfeita. Não é apenas cultivar o entendimento pelo saber, porque o saber sem uma vontade livre, já libertada e isenta de paixões e sem um amor purificado, servirá mais para o mal do que para o bem. Da mesma forma, o amor não pode ser apenas uma anelo intenso de um bem ou de algo desejado se não for assistido por uma vontade livre e por um entendimento purificado porque, do contrário, tudo isso em vez de aproximar da Divindade, dela nos afastaria. O satanismo também pode atingir uma vontade livre, um entendimento elevado e pode ter um amor intenso nos mais altos graus, mas será uma vontade desviada para bens que não dignificam o homem, que não o elevam. Será um conhecimento que não tende para as realizações superiores, será o amor dirigido não para aquilo que eleve, mas sim para o que deprime. O grave erro foi julgar-se que bastava apenas uma vontade livre, um grande saber e um intenso amor para que o homem atingisse a sua perfeição. Não! É preciso que essa vontade seja livre das paixões e dirija-se para o bem que o entendimento ou a inteligência escolheu, e o amor deve estimular e unir tudo isso. Devem juntos tender para o alto, para o superior, do contrário esse homem, em vez de subir a escala da perfeição e aproximar-se das virtudes divinas, permanece com virtudes humanas, que os tornariam poderoso, no campo do mal e não no campo do bem. Esta distinção, a nosso ver, é muito importante.

Pitágoras e seus discípulos observaram em todas as crenças (sobretudo ele que viajara e vira os mais diversos povos) os homens prestarem homenagens aos deuses mais estranhos, porém sempre notou que tinham um anseio maior ou menor de perfeição. Se seguiam vias erradas era devido a verdade não estar bem assistida pelo entendimento. Se o ódio, às vezes, dominava, era porque o amor se desviara e se tornara ódio para tudo quanto impedia a conquista do bem por eles julgado superior. Compreendeu, então, que nem todos os seres humanos são capazes de percorrer esta via, que é a iniciação, de entrar neste caminho e passar as etapas para alcançar, enfim, a perfectibilização constante da vontade, do entendimento e do amor. Era assim preferível que estes pelo menos prestassem aos deuses o culto consagrado e guardassem cuidadosamente a sua fé. O trabalho dos pitagóricos teria que ser lento e oculto, no maior silêncio. E por que? Porque como poderiam eles ir às multidões e dizer: “A vossa crença é apenas temor, terror; vós não

praticais o mal porque temeis os castigos que a religião vos ameaça, vós praticais o bem na esperança de obterdes vantagens. Estais errados, tendes, sim, que seguir outro caminho." Essa atitude dos pitagóricos não seria absolutamente construtiva, seria perniciosa! Favoreceria o ateísmo (cujos estragos foram e são terríveis na História...) daí que, em primeiro lugar: preparar homens para que se tornassem amanhã os mestres de uma juventude que, por sua vez, quando adulta, fosse capaz de multiplicar o verdadeiro conhecimento; e que pudessem resistir à invasão das falsas idéias que assolavam as escolas e ameaçavam subverter o pensamento. Deste modo dar um conhecimento profundo, permitindo que o homem atingisse as realizações perfectivas superiores, tornando-se semelhante à Deus.

Esta era a única solução e, ainda hoje, o é! Tudo mais tem malogrado porque não podemos deixar de considerar esta verdade: a maioria dos seres humanos não tem o conhecimento suficiente, não possui os meios necessários para compreender a grandeza de uma vida pitagórica. Não podemos contar com o bem espontâneo do coração humano, porque este é raro ou, pelo menos, o é num grau tão ínfimo que não vence as paixões e os interesses aguçados por aqueles que sabem como explorá-los, para tirar vantagens dos mesmos em seu próprio e único benefício. Eis porque o pitagorismo não podia atuar como atua um partido político, nem como um simples culto que fala às multidões, procurando transmitir algumas idéias. O trabalho deles era muito maior e é muito maior hoje em dia. A construção do homem bom e justo é um trabalho milenar! Se tivesse começado e sido levado em frente, como Pitágoras pretendia, teria dado maiores frutos do que deu. Este trabalho é incompreendido por aqueles que tem uma visão estreita, utópica, quimérica da sociedade, que julgam que basta modificar apenas algumas relações humanas, mudar algumas situações para transformar profundamente e essencialmente o homem. Eles demonstram pouco conhecer a realidade da alma humana, pouco sabem do homem no seu íntimo e não percebem dos graves perigos que todo o ser humano está exposto.

Os pitagóricos através dos tempos deram o exemplo de uma vida virtuosa e pura. Em todas as ocasiões procederam dignamente à altura do que pregaram e, humanamente, realizaram o que de mais alto e mais digno o homem pode realizar em todos os setores, não só da vida prática como da vida teórica, da vida estética e artística. Eles cumpriram o que prometiam e deram o testemunho com a sua própria vida, na evidência e no valor das suas idéias.

Com isto não queremos dizer que os comentários de Hiérocles tenham falhado. Eles oferecem o que é fundamental deste pensamento, porém não tudo. Mostram que honramos a Deus perfeitamente se procedemos de modo que a nossa alma seja feita à sua imagem, ou como ele diz: honrarás à Deus perfeitamente se procederes de modo que tua alma seja a sua imagem. Este pensamento é uma máxima dos pitagóricos. Assim, também, quando diz que a honra que se presta Àquele que não tem necessidade de nada consiste em receber os bens que Ele nos oferece, pois não se honra Deus dando-se-lhe algumas coisas, mas tornando-se digno de recebê-las e, assim, dizem os pitagóricos: honrarás a Deus perfeitamente se procederes de modo que a tua alma seja a sua imagem. A nossa alma deve ser a imagem de Deus, não é portanto dando coisas, não é praticando sacrifícios, não é torturando o nosso corpo, mas sim pela da realização dos nossos atos. Toda vez que fizermos um ato superior, que represente um grau perfectivo superior, ofertamo-lo à Deus , porque é um caminho para Ele. Esta é a religião pitagórica, este é o culto pitagórico que não

se opõe a nenhuma outra religião e a nenhum outro culto consagrado, porque ambos podem viver juntos. Daí que um muçulmano poderá ser um pitagórico, assim como um budista, um taoista, um cristão, ou de qualquer outra religião..

Hiérocles chama a atenção de que o valor das nossas ofertas está sobretudo na intencionalidade que elas contém. Com a piedade tudo é agradável à Deus, enquanto que sem ela, nada lhe pode agradar. Como observação exata, imutável, conserva a lei, o *logos* do ordenamento deste universo, como era costume dos antigos iluminar o guardião do nome misterioso e inefável de juramento, sobre o qual ele vai discorrer no verso seguinte.

Para finalizar salientaremos mais um aspecto, a tri-divisão que faz de Deus, dos deuses imortais, e dos que alguns traduzem por demônios terrestres, outros por deuses subterrâneos, outros ainda, por espíritos benfazejos - e dos quais trataremos mais adiante. Mostraremos que esta divisão fica clara, mais ou menos correspondendo à divisão cristã: o homem como a inteligência mais baixa, Deus como Ser Supremo e os seres intermediários, formados pelos anjos e pelos heróis benfazejos que viriam a ser os santos que se elevariam após a morte, alcançando a imortalidade e constituindo, assim, ao lado dos anjos uma ordem intermédia para obter o equilíbrio perfeito. Hiérocles aponta esta divisão da inteligência, da mais extrema à mínima. Somos participantes deste mundo e podemos conquistá-lo, dependendo tal exclusivamente do nosso esforço e da nossa atuação na vida.

A recomendação de Pitágoras, aos seus discípulos, é que reconhecessem a obrigação de se submeterem às manifestações de cultos, como estavam estabelecidos pelas tradições religiosas. O pitagórico não podia ficar numa "torre de marfim", alheio ao culto exterior porque este é compreensível e, de certo modo, necessário. Se muitos podem viver com o culto exclusivamente interior, é mister o culto exterior por razões que não iremos expor agora. Pitágoras as conhecia e sabia que os pitagóricos não deveriam permanecer à parte; aceitava que praticassem o culto consagrado na região onde vivessem porque o principal não era considerar este culto como o único válido. Para o pitagórico era seu dever assemelhar-se à Deus, tentando alcançar níveis perfectivos superiores e devia mesmo tentar alcançá-los! Esta é a razão, observa Fabre d'Olivet, e isto não é hipocrisia, como alguns procuraram interpretar dizendo que os pitagóricos posteriores seguiam os cultos religiosos mais variados (budistas, taoistas, católicos, protestantes, etc.). Eles são católicos, na proporção que o catolicismo é uma aproximação de Deus e serão taoistas, na proporção que o taoismo for também uma imitação de Deus. Similarmente Cristo será uma imitação de Deus e nós, uma imitação de Cristo. Hipocrisia há naqueles que fazem o culto exterior sem tê-lo no interior comenta Fabre d'Olivet, e em continuação chama a atenção sobre certas seitas religiosas. Diz ele: "sabe-se, com Plutarco, que os lugares, os nomes diferentes é que levam à diferentes deuses, que os gregos e os bárbaros, as nações do norte e as do centro adoram a mesma divindade e podem ser levadas facilmente à unidade da essência essa infinidade de atributos e como fazem, hoje em dia, os respeitáveis dos antigos samanianos, os sacerdotes dos burmans que adoram Deus, qualquer que seja o altar e o templo assim como o local onde se encontre".

E faz uma anotação: "o sacerdote dos burmans são chamados Rahans; mas cujo nome genérico é de Samana (de onde vem o de samanianos), que lhes davam os antigos, e tem um espírito de tolerância muito grande. Assim é que visitam, com a mesma devoção, os pagodes, as mesquitas e as igrejas. Não se vê perseguir nem serem perseguidos por causa da

religião. Os brâmanes, os muçulmanos, os cristãos ocupam, entre eles, empregos importantes, sem que isso os escandalizem. Olham todos os homens como seus irmãos. Os brâmanes tem o mesmo pensamento. Essas palavras notáveis estão no Bhagavad-Gita: "Uma grande diversidade de cultos, semelhantes no conteúdo, mas variados nas formas, são manifestados pela vontade do Ser Supremo. Uns seguem um culto e outros apegam-se a outro. Todos eles estão purificados de suas ofensas por seu culto particular. Deus é o dom da caridade; Deus é oferta; Deus é o fogo do altar; é o próprio Deus quem faz o sacrifício e Ele será obtido por aquele que faz d'Ele o único objeto de suas obras".

Isto era o que faziam os discípulos de Pitágoras, de acordo às ordens do seu mestre. Eles viam nos deuses das nações os atributos do Ser Inefável, que não era nomeado (já que os pitagóricos não nomeiam o nome de Deus), mas falam no Ser Supremo para respeitar os seus diversos nomes.

O número desses atributos ou a precisão dos mesmos pode variar nos cultos, mas em todos existe, inegavelmente, uma compreensão nítida de alguns e até de todos; por isso eles tem que prestar reverência ao culto consagrado pela lei. E todos estes cultos secretamente, interiormente, no íntimo de si mesmo, os pitagóricos os reúnem como caminhos diversos, que marcham para o mesmo caminho real que leva a Deus.

Verso II

O juramento

Respeita o juramento ao lado de toda espécie de religião

Acabamos de ver que Lei é a virtude de Deus, pela qual ele opera todas as coisas, imutavelmente e de toda eternidade. Em conseqüência dessa lei, diremos que o juramento é a causa que conserva todas as coisas no mesmo estado, que lhes dá estabilidade garantida pela fé do juramento e guarda, assim, a ordem estabelecida pela lei, de tal modo que o imutável arranjamento de todos os seres criados nada mais é que o efeito da lei produtora, e do juramento conservador.

Pois, que todos os seres permaneçam arranjados e dispostos é a principal obra e o primeiro efeito do juramento divino, para que seja sempre guardado por aqueles que pensam em Deus, mas que é muitas vezes violado por aqueles que nem sempre pensam nele, e que algumas vezes o esquecem. Com efeito, à medida que se afastam de Deus, violam o juramento, e o guardam na medida que dele se aproximam.

O juramento não é mais que a observação das leis divinas, é o laço pelo qual estão ligados ao Deus criador todos os seres criados para conhecê-lo. Os que estão sempre unidos a ele respeitam sempre o juramento; aqueles que algumas vezes dele se afastam, tornam-se ímpios em relação a esse juramento, não somente transgredindo a ordem da Lei divina, mas também violando a Fé do juramento divino. Tal é o juramento que se pode dizer inato e essencial aos seres racionais de se manterem sempre ligados unicamente a seu Pai e Criador, e de não transgredirem jamais, de nenhuma maneira, as leis que ele estabeleceu.

O juramento ao qual recorremos na vida civil é sombra e como cópia do primeiro, impele retamente à verdade aqueles que dele usam como é mister, pois dissipando a ambigüidade e a incerteza dos desígnios do homem, torna-os claros e certos, fixa-os e força-os a permanecerem tais como foram declarados, quer em palavras, quer em ações, descobrindo de um lado a verdade, do que já foi feito, e do outro, exigindo um penhor sobre o que ainda se tem de fazer. Eis porque é mais justo que o juramento seja respeitado antes de tudo. O primeiro juramento, primeiro por sua essência, como sendo o guardião da eternidade é respeitável. O juramento humano que é um recurso assegurado nas práticas da vida deve ser respeitado como imagem do primeiro e como aquele que após o juramento divino encerra o máximo de certeza e de verdade, que purifica aqueles que aprenderam a respeitá-lo. Ora, o respeito devido ao juramento consiste apenas na observação fiel, tão inviolável quanto possível do que se jurou. Esta observação constitui a virtude que une à estabilidade e à verdade do estado divino aqueles que a cultivam numa necessidade voluntária.

A inefável santidade do primeiro juramento pode-se recorrer pela conversão a Deus, quando, pelas virtudes purgativas, nós nos curamos da transgressão desse juramento divino: mas a santidade e a fidelidade do juramento humano conservam-se pelas virtudes políticas. Aqueles que possuem essas virtudes são os únicos que podem ser fiéis nos juramentos da vida civil. Pai da infelicidade e do perjuro, o vício espezinha o juramento pela instabilidade e pela inconstância de seus costumes. Com efeito, como o avaro será fiel quando se tratar de receber dinheiro ou de devolvê-lo? O intemperante ou o covarde poderão ser fiéis a seu juramento? Uns e outros, onde crêem eles encontrar seu proveito, não despojarão o respeito do juramento, e não renunciarão a todos os bens divinos pelos bens temporais e perecíveis?

Mas aqueles em que a posse das virtudes é firme e assegurada, sabem conservar o respeito que exige a majestade do juramento. Ora,. a via mais segura para conservar inviolavelmente esse respeito consiste em não usá-lo nem muitas vezes, nem temerariamente, nem ao acaso, nem por pequenas coisas, nem para dar mais aparência de segurança ao que se conta.

É preciso reservá-lo para as coisas necessárias e honradas, e para as únicas ocasiões em que não parece que haja outro meio de salvação do que pela verdade sob juramento. O único meio de que todos os assistentes sejam persuadidos da verdade do que dizemos é de fazer de modo que nossos costumes estejam de acordo com nossos juramentos, e de não deixar a nosso próximo nenhum motivo de suspeita de que sejamos capazes de preferir qualquer que seja a fortuna, a verdade, quer tenhamos ou não jurado. Este preceito: respeita o juramento nos ordena não somente ser verdadeiros e fiéis no juramento, mas ainda de dele nos abstermos. Pois não usá-lo em demasia é o melhor caminho para sermos sempre fiéis e verdadeiros. O hábito de jurar precipita facilmente no perjúrio; ao contrário a raridade do juramento faz com que o observemos; pois é preferível que não se jure, mas se se jurar, deve-se ser verdadeiro e fiel.

A linguagem, não avançando demasiadamente, não correndo à frente da reflexão, pelo infeliz hábito de jurar, o espírito não se deixa corromper pelo avassalamento das paixões. O espírito é conduzido e regido pelos costumes honestos, e a língua é mantida sob rédeas pela abstinência do juramento. Ora, a fidelidade ao juramento adequa-se

perfeitamente com a honra, que o primeiro verso nos ordena de prestar aos Deuses, pois ela é a companheira inseparável da piedade. Também o juramento é o guardião da Lei divina, para a ordem e o arranjamento deste universo.

Honra, pois, esta Lei, obedecendo ao que ordena: respeita o juramento, não servindo-te dele em todas as ocasiões, de maneira que não tendo o hábito de jurar, teu juramento seja sagrado, pois a santidade do juramento nada mais é do que uma pequena parte da piedade.

E eis que tratei bastante sobre os primeiros seres, sobre a lei divina que produziu a ordem e o arranjamento e sobre o juramento, que é a seqüência e a dependência dessa Lei. Ora, por que é mister após os Deuses imortais honrar o ser que chamamos Angélico, o autor prossegue.

Verso III

Honra após os heróis cheios de bondade e de luz

Aqui nos encontramos agora em face dos seres médios entre as essências racionais, que ocupam o segundo lugar após os deuses imortais, precedem a natureza humana, e ligam os últimos seres com os primeiros. Mantendo o segundo lugar, tem direito a honras secundárias, como estão subentendidas nestas palavras do primeiro preceito: Honra-os como estejam eles colocados e dispostos pela Lei. Sabe-se que toda força e a virtude dessa honra consistem em conhecer verdadeiramente a essência daqueles que honramos. Este conhecimento, fazendo-nos encontrar de início, sem dificuldade, tudo o que devemos dizer e fazer para honrá-los como é mister. Pois como falar convenientemente àqueles que não conhecemos e como oferecer presentes aos que ignoramos a dignidade? A primeira e a verdadeira honra, em relação a esses heróis cheios de bondade e de luz, é o conhecimento de sua essência, de sua ordem, e o discernimento preciso de seu emprego, assim como da perfeição que dão, por sua parte, a este universo, segundo o lugar que ocupam. Pois devemos proporcionadamente em todas as coisas à sua essência, a honra que lhes rendemos, e esta medida só pode vir do conhecimento que deles tivermos. É apenas na proporção que conhecemos a natureza e o lugar de cada ser que poderemos prestar-lhes a honra que merecem, e que a lei quer que lhes prestemos. Não honraremos nenhuma natureza inferior à natureza humana: honraremos principalmente os seres que são superiores a nós por sua essência, e aqueles que, sendo nossos iguais, distinguiram-se e elevaram-se acima de nós pela eminência de sua virtude.

De todos os seres superiores a nós por sua essência, o primeiro e mais excelente é Deus, que criou todas as coisas, e é também quem deve ser honrado acima de tudo, sem qualquer comparação. Aqueles que estão depois dele, e por ele os primeiros no mundo, pensam sempre nele, que exprimem e representam fielmente em si mesmos todos os bens, que a causa que os criou os tornou participantes, são aqueles que o primeiro verso chamou os Deuses imortais, porque não morrem e guardam sempre a diferença, que não se altera nunca que eles tem para com Deus.

A eles cabe, após Deus, as primeiras honras. As segundas honras e as honras médias são para os seres médios; quer dizer, aqueles que ocupam o segundo lugar, e que são

aqui os Heróis cheios de bondade e de luz, que pensam sempre em seu criador e que são brilhantes pela luz que emerge da felicidade que gozam em si, não porém, sempre da mesma maneira, nem sem qualquer mutação.

Com efeito, estão unidos a Deus como um meio, e receberam a graça de estarem sempre volvidos para ele sem poderem dele se afastar, marcham sempre em torno desse primeiro ser, mas com esforços que nem sempre são iguais. Pelo pleno conhecimento que tem de si mesmos, separam e abrem ao mesmo tempo a intimidade imutável que os primeiros seres tem com Deus, fazendo do fim da intimidade o começo de sua iniciação. Eis porque se chamam Heróis excelentes.

O epíteto excelente indica por sua raiz que estão cheios de bondade e de luz, não caindo jamais nem no vício nem no esquecimento; quanto ao termo de Herói vem de uma palavra que significa Amor, e indica aqui que cheios de amor por Deus, eles não buscam senão ajudar a passar dessa vida terrestre para uma vida divina, e a tornarem-se cidadãos do céu. Chamam-se, assim, bons demônios, como instruídos e sábios nas leis divinas, e alguma vez se lhes dá o nome de anjos, como por nos declararem e anunciarem as regras para uma vida reta e para a felicidade. Algumas vezes também segundo esses três sentidos são divididos em três classes esses três médios: aqueles que mais se aproximam dos seres celestes e divinos, que chamamos Anjos; aqueles que são presos às coisas terrestres, que chamamos Heróis, e, finalmente, Demônios aqueles que mantém o meio, igualmente afastados dos dois extremos, como Platão tantas vezes tratou. Outros dão-lhe apenas um único dos três nomes, chamando-os Anjos, Heróis ou Demônios, conforme as distinções que estabelecemos acima. É assim que usou o autor desses versos.

Ele os chama de Heróis cheios de bondade e de luz, porque são, em relação ao primeiro gênero, como o esplendor em relação ao fogo, como o filho em relação ao pai. Eis por que são celebrados como filhos de Deus, e com justiça, pois não nasceram de raça mortal, mas são produzidos por sua causa uniforme e simples, como a luz vem da essência do corpo luminosos, eu digo a luz clara e pura, após a qual imagina-se facilmente uma luz misturada de trevas. A esta luz obscura corresponde, analogicamente, o terceiro gênero de seres, quer dizer, o gênero humano, devido à tendência que tem ao vício e ao esquecimento, que o torna incapaz de pensar sempre em Deus. Ele é inferior aos seres que nele pensam sempre, porque cessam algumas vezes de nele pensar: tais são suas trevas. Mas são superiores aos seres sem razão, porque uma ou outra vez retomam o pensamento sobre Deus e que algumas vezes são atraídos pela ciência celeste, quando se juntam aos coros do alto, despojados das afeições carnais, libertos de toda corrupção do corpo: tal é a sua luz. Aquele que honrou com essa graça divina torna-se digno de nossas homenagens e nossos respeitos, como tendo servido e honrado em si a igualdade de nossa natureza pela participação ao que há de melhor. Ora, todo homem que ama a Deus deve também amar o Ser, quer tenha com Deus alguma semelhança, que possua essa semelhança de toda eternidade, quer tenha sido ela adquirida após algum tempo, como os homens que se distinguiram pela eminência de sua virtude, dos quais vai tratar o verso seguinte.

Verso IV

Respeita também os demônios terrestres, prestando-lhes o culto que lhes é legitimamente devido

As almas dos homens ornadas de verdade e de virtude, consideradas como cheias de ciência e de luz, são chamadas Demônios: mas para distingui-las dos demônios, que são tais por sua natureza, e que tem a posição intermédia, acrescenta-se o epíteto terrestres, para fazer entender que eles podem conversar com os homens, animar corpos mortais, e habitar sobre a terra. O nome de demônios os separa dos homens maus e ímpios, que são ignorantíssimos e, por conseguinte, afastados do ser dos demônios; ademais, juntando-se o epíteto terrestre eles os separam daqueles que estão sempre cheios de luz e de ciência, e que não são de natureza nem para viver sobre a terra, nem para animar corpos mortais. O nome de Demônio terrestre só convém aquele que, sendo homem por sua natureza, tornou-se demônio pela hábito e pela ligação, e sábio nas coisas de Deus. O terceiro gênero é chamado simples e propriamente terrestre, como sendo o último na ordem das substâncias racionais e inteiramente entregue à vida terrestre, enquanto o primeiro gênero é chamado celeste, o segundo é chamado etéreo. Assim, pois, todos os homens sendo terrestres, quer dizer, tendo o terceiro e o último lugar, entre as substâncias racionais, e não sendo todos Demônios, quer dizer, dotados de ciência e de luz, é com razão que o autor dos versos juntou esses dois nomes Demônios terrestres, para significar os homens sábios e virtuosos, pois todos os homens não são sábios, nem todos os sábios são homens, pois os heróis e os deuses imortais, que, por sua natureza são muito superiores aos homens, são também dotados de sabedoria e de virtude.

Esse verso nos ordena, pois, respeitar e venerar os homens, que encontraram um lugar nas ordens divinas, e que podem ser olhados como iguais aos demônios, aos anjos e aos heróis. Não é necessário crer que se nos aconselha aqui respeitar e honrar qualquer gênero de demônio vil e desprezível, como o uso ordinário da palavra Demônio terrestre poderia persuadir. Em regra geral absoluta todos os seres inferiores à natureza humana não devem de modo algum, ser honrados por aqueles que são tocados do amor de Deus, e que sentem sua dignidade e sua nobreza.

Não honraremos nenhum homem após os seres superiores se ele não se tornar semelhante a ele, e se não estão compreendidos no coro divino. Qual é, pois, a honra e o respeito que se lhes deve? E, diz o verso, de lhes render o culto que lhes é legitimamente devido. Este culto consiste em obedecer aos preceitos que nos deixaram e olhá-los como leis invioláveis, para seguir os mesmos caminhos que eles seguiram na vida, guardar que nenhuma inveja possa impedi-los de nos ensinar e que, tenham transmitido aos seus sucessores com mil dificuldades e mil trabalhos, como uma herança imortal, consignando em seus escritos para bem comum dos homens, os elementos da virtude e as regras da verdade.

Obedecer às suas regras, e nelas conformar sua vida, é honrá-los mais verdadeiramente do que fazer as libações mais esquisitas sobre os seus túmulos, ou de lhes oferecer os mais suntuosos sacrifícios.

Eis qual é a honra que se deve aos seres superiores, honra que começando pelo Criador, e passando pelos seres médios, celestes e etéreos, termina nos homens que foram virtuosos e pessoas de bem.

É mister honrar os pais que a vida nos deu. Embora não tenham alcançado a perfeição, eles não deixam de merecer nossos respeitos, devido ao uso e a dignidade dos laços familiares. Eis o que aqui foi dito.

Comentários aos versos II –III – IV

Nos comentários de Hiérocles à respeito do juramento, pouco há o que acrescentar. O juramento pode ser considerado, também, como inato e essencial; próprio dos seres racionais e consiste em estarem ligados unicamente à seu Pai e Criador, e de não transgredirem jamais as leis que Ele estabeleceu. Respeitar o juramento ao lado de toda espécie de religião é uma decorrência do que já comentamos no verso I. No verso III: Honra após os heróis cheios de bondade e de luz. Há anotações e certos temas feitos pelos pitagóricos a este verso que gostaríamos de nos deter, sobretudo quanto a tradução destes dois termos: heróis cheios de bondade e de luz que alguns traduzem por heróis benfazejos e espíritos semi-deuses, para encontrar, depois, no verso IV: respeita também os demônios terrestres, prestando-lhes o culto que lhes é legitimamente devido.

Fabre D'Olivet inicia os comentários a este verso dizendo que Pitágoras considerava o universo como um todo animado, cujas inteligências divinas classificadas cada uma segundo as suas perfeições na sua esfera própria, eram membros dessa esfera. Por isso ele foi o primeiro a dar a esse todo o nome grego de *Cosmos*, que quer dizer aquilo que foi posto em ordem, que foi arranjado segundo um princípio fixo e regular, uma Lei. Os romanos traduziram por *Mundus* (que não expressa bem o conceito grego). Essa unidade, considerada como princípio do mundo é de onde deriva o nome que damos ao universo. Pitágoras colocava o universo como princípio de todas as coisas e dessa unidade teria saído uma díada infinita. A essência dessa unidade e a maneira como a díada dela emanou e como retornaria, eram os mistérios mais profundos da sua doutrina, os objetos sagrados da fé dos seus discípulos – os pontos fundamentais que ele proibira de serem revelados.

Pode-se dizer que o pensamento pitagórico consideraria o universo como um todo organizado, arranjado, segundo o *logos* (expressão usada por eles). Encontramos em Filolau e em outros pitagóricos (não há a menor dúvida), mas como algo criado, feito pelo Pai, pelo Criador e, do qual, desta unidade – "o *hen-proter*" – saiu uma díada – "*hen dyas*" – um-dois – "*hen dyas aóristos*" – um-dois indeterminado de onde proviriam então todas as coisas e dele dar-se-ia a formação de todas as coisas, combinação dessa díada indeterminada e o retorno de tudo isso, este ser criatural à divindade constituiria alguns dos segredos da doutrina pitagórica. Estes ensinamentos eram secretos porque não há, sobre eles, uma explanação clara[15].

Observa-se, assim, que este universo seria formado de diversas esferas nas quais estariam estes heróis, cheios de bondade e de luz e os demônios terrestres. Deve-se tomar a

[15] Em "Pitágoras e o Tema do Número" fizemos uma explicação filosófica, baseada nos textos existentes, co utilizando o método dialético-concreto.

palavra demônio no sentido positivo e não no sentido pejorativo que lhe foi dado, posteriormente, por influência do Cristianismo e, finalmente, o homem e as coisas terrestres. Isto está claramente exposto no verso III, nos comentários que Hiérocles faz. Só podemos acrescentar no referente aos heróis, alguns comentários importantes, como os de Fabre D'Olivet, de que os deuses, os heróis e os demônios – *theos, heroas e daimon* – deles derivam os seres princípios que atingiram a perfeição, os seres princípios dominadores às existências terrestres. A palavra *theos* é formada da palavra hebraica "*aôs*", um ser princípio, precedido da letra hemântica "*th*" que é o sinal da perfeição. *Heroas* é composta da mesma palavra hebraica "*aôs*", precedida da palavra "*he*" que exprime tudo que domina, de forma que heróis seriam um princípio dominador. *Theos*, seria o princípio da perfeição e a palavra *daimon* (vem de *demo*, a terra, daí Deméter, a mãe terra e de "*on*" existência, *on, ontos*, o ser ôntico).

Quanto ao termo *eon, aion, eion*, os gregos usavam e os pitagóricos citavam constantemente. Segundo Fabre D'Olivet essa palavra "*aion*", em grego, deriva do egípcio e do fenício "*a*i", um princípio de vontade, um ponto central de desenvolvimento e também de "*ion*", que é a faculdade generativa[16].

No verso IV o epíteto de demônio terrestre já está explicado: é a tradução da palavra demônio e há uma distinção no sentido desprezível da palavra e no sentido superior que lhe dá Hiérocles, que diz ser o culto que se deve render a esses demônios terrestres, aos seres humanos que se salientaram, que se tornaram heróis, aqueles que tem funções superiores na humanidade e que podem exercer domínio sobre nós em certos aspectos, aos quais temos que prestar culto, respeitá-los quando este culto é legitimamente devido e está de acordo com a lei. Não o culto imposto pelo tirano, mas o que é justo ante as concepções religiosas.

Com o verso IV terminamos a primeira parte que pertence a fase de *paraskeiê*- fase da preparação do iniciante - aquela que o ser humano liberta-se dos preconceitos, do sectarismo e tem uma visão mais ampla das diversas crenças e do que nos liga ao Ser Supremo, prestando-lhe as homenagens que lhe são devidas. Deste modo prepara-se para as virtudes civis superiores que são a purificação de si mesmo, que o vão tornar um companheiro dentro da sociedade, um homem que pode acompanhar os outros, que pode participar. Companheiro, é o segundo grau, o de *cathartysis***,** quando se realiza a purificação.

Verso V

Honra também teu pai, e tua mãe e teus mais próximos parentes.

O autor acaba de nos ordenar respeitemos e veneremos as pessoas de bem, como homens divinos que gozam de felicidade. Aqui ele nos exorta a honrar nosso pai e nossa mãe, e aqueles que estão ligados pelos laços do sangue, quaisquer que sejam, simplesmente por necessidade de parentesco.

[16] "Ion" significa, num sentido restrito, uma pomba que foi o símbolo de Vênus. É "Yoni" dos hindus e o mesmo que "Yn" dos chineses, quer dizer, a natureza plástica do universo.

Pois os que são em relação a nós seres superiores, como os celestes que tem o papel de pais, pela ligação que há entre eles e nós de toda eternidade, e os Heróis, de parentes, nosso pai e nossa mãe, o fazem nesta vida mortal, assim como os próximos, que os tocam mais proximamente pelo sangue, e que, por essa razão, devem receber de nós as primeiras honras, após nosso pai e nossa mãe. Como os honraremos? Será regulando a nossa vida sobre os seus sentimentos, de modo que não façamos senão o que lhes for agradável. Mas, dessa maneira, nossa pressão para a virtude tornar-se-á uma pressão para o vício, se acontecer serem eles viciosos. Por outro lado os desprezaremos, devido ao conhecimento que temos de seu vícios? Como então obedecer a lei que aqui se prescreve? Podemos, não honrando nem nosso pai e mãe. que são a imagem de Deus, nem os próximos, que são a imagem dos Heróis, podemos, digo, ser ímpios para com aqueles com os quais nos conviria assemelhássemo-nos?

E essa virtude, que cremos praticar, desobedecendo aos nossos pais, não produzirá um grande mal, que é a impiedade? E ao contrário, se lhes obedecermos em tudo, como poderíamos, então, afastarmo-nos da piedade e da prática das virtudes se acontece que, pela corrupção de seus costumes, eles não nos ensinam a verdade e a virtude. Se tudo que nos ordenarem nosso pai e nossa mãe é bom e verdadeiro a honra que nós lhe rendemos se adequará perfeitamente à honra e obediência, que devemos aos Deuses. Mas se a vontade de nossos pais não está sempre conforme às leis de Deus, que devem fazer aqueles que se encontram envolvidos nessa espécie de contradição e de antinomia? Devem fazer outra coisa que o que se pratica quotidianamente nos outros deveres que em certas conjunturas são incompatíveis, e onde é mister, necessariamente, violar um para observar o outro?

Duas boas ações sendo-nos propostas, uma boa e outra melhor, deve-se preferir a melhor, quando não se puder realizar ambas. É uma boa ação obedecer a Deus e é também uma boa ação obedecer aos pais. Se o que Deus e nosso pais exigem de nós se adequa e tende ao mesmo fim, é uma grande fortuna para nós, e esse duplo dever é indispensável. Mas se Deus nos ordena uma coisa e nossos pais outra, e elas são contraditórias e inadequadas, devemos obedecer a Deus, desobedecendo a nossos pais, na medida somente em que eles não obedecem as leis divinas, pois não é possível que aquele que quer observar as regras da virtude se adeqüe sempre com aqueles que as violam.

Em todas as outras coisas honraremos nosso pai e nossa mãe, de todo nosso poder, sem restrição, servindo-lhes nós mesmos, fornecendo-lhe abundantemente, de todo coração, os bens de que precisam, pois é justo que se sirvam daqueles que engendraram e alimentaram. Mas o que nós não recebemos deles a lei o declara livre e liberta-o de todo poder; ela nos ordena de buscar o verdadeiro pai, e a ele nos apegarmos, e trabalhar para nos tornarmos conforme à sua imagem. É por esse meio que podemos conservar os bens divinos e os bens humanos. Do mesmo modo não negligenciaremos nossos parentes sob um vão pretexto de virtude, assim também não cairemos por uma obediência cega e insensata, no maior de todos os males, que é a impiedade.

Se eles nos ameaçaram com a morte, devido á nossa desobediência, ou de nos deserdar, é mister não temamos as ameaças, é mister pensar previamente no que caem as ameaças. Eles não ameaçam senão sobre o que criaram, mas o que está a salvo do seu poder, o que não pode sofrer de sua injustiça, o que não sobrevem deles, é mister conservá-lo livre e submetido a Deus. A verdadeira honra que a virtude nos ordena prestar a nossos pais, é de

não poupar a seu serviço nem nossos corpos, e de lhes estar inteiramente submetidos nesses dois ministérios. É próprio, é justo de nunca lhes recusarmos o serviço de nossas mãos; ao contrário, quanto mais penoso for esse trabalho vil, um trabalho de escravo, devemos mais nos sentir contentes e honrados ao fazê-lo. Também não devemos recusar-lhes os bens, que lhes são necessários, e diminuir do que precisam por um espírito de avareza. Devemos fornecer-lhes abundantemente tudo de que tem necessidade, e mostrarmo-nos felizes por servi-los com nossos bens e nossas pessoas. Praticar essas coisas com alegria é cumprir a lei da virtude e pagar os direitos da natureza. Eis qual é a honra que devemos a nossos pais. Aquele que devemos aos próximos, que não é senão o segundo, mede-se pelo grau de parentesco, de maneira que, após nosso pai e mãe, honraremos mais ou menos nossos parentes, segundo a natureza mais ou menos a eles nos una.

Comentários ao verso V

Analisemos os comentários de Hiérocles: honra também teu pai e tua mãe e os teus mais próximos parentes. A purificação pitagórica começa com o culto da família, amar aos pais e todos os parentes ou como foi traduzido por alguns: ser bom filho, irmão justo, esposo terno e bom pai. Professa o culto da família, estabelece o cumprimento dos deveres para com o pai, a mãe e todos os parentes.

Os comentários de Hiérocles são suficientes, somente iremos acrescentar algumas anotações baseadas em Paul Carton. Segundo ele é com justa razão que, no Instituto Pitagórico o culto da família antecipava o da amizade, porque ao melhor amigo, não pode impor-se a continuidade de afeição e, sobretudo, de espírito de sacrifício de um pai e de uma mãe capazes para com os filhos. A experiência mostra que se pode chegar a substituir um amigo, mas nunca voltar a encontrar um coração de mãe. O culto da família, que comporta o amor dos antepassados, a fundação de um lar e a procriação dos filhos, apresenta-se como um dos fatores primordiais do progresso humano, porque a individualidade não se realiza plenamente senão quando é uma obra familiar.

Para o pitagorismo o homem arquétipo, original ou cósmico, era uma unidade andrógina, formado de duas metades, separadas ou transformadas na involução carnal. Diz o Gênesis: “ele o criou à imagem de Deus, macho e fêmea os criou; depois Deus tirou e separou a mulher do homem tomando-lhe a este uma de suas costelas, um dos seus lados”. A mulher, para o pitagorismo, não é nem superior nem inferior ao homem, nem pode ser considerada como igual ou desigual, porque ela é uma complementária tanto por sua conformação material, como pelo seu instinto, pela sua atuação, pela sua maneira de agir e pelas suas funções na vida humana.

O terceiro elemento da família é o filho. Ele completa a trindade de forças que se reúnem para constituir uma nova unidade, segundo o modo quaternário ou tetrádico pitagórico, que este autor passa a analisar. Para que a família forme um todo harmonioso, capaz de progresso, é preciso que o pai dê o exemplo de ordem completa. Poderá, então, imprimir uma justa direção ao lar, proteger e vigiar o filho, selecionar os seus instintos, suprimindo os baixos impulsos, a violência da animalidade, pois o homem no seu natural não é bom, mas deve esforçar-se para aproximar-se de Deus, deve ter um ideal de perfeição.

Quanto ao culto da família, fundamental na purificação do homem, nada mais temos a acrescentar apenas citar um comentário feito por Fabre D'Olivet, em que ele chama a atenção para a tendência que vivemos hoje (já no seu tempo tão acentuada na França), que é da luta contra a família e a transformação para concentrar o amor do homem num ser de razão que se chama "pátria" ou "nação". Verdadeira violentação da realidade porque este amor à pátria só pode existir quando a pátria é aquela que é de nosso pai, porque sem pai, sem família, a pátria não tem sentido, não tem fundamento. E, para justificar a posição pitágórica ele escolhe trechos do Êxodo de Moisés, onde também se observa este sentido de ligação ao pai e a mãe como fundamento de toda sociedade humana.

Verso VI

Entre todos os homens escolhe para teu amigo aquele que se distinga por sua virtude.

Após o preceito que prescreve a honra primordial que devemos ao primeiro parentesco e aquele que regula os deveres que temos para com nosso pai e mãe, e seus próximos, preceito que decorre do primeiro, eis agora a Lei que se nos dá para contrair a amizade. E, além dos de nossa família, que nos cabe escolher para nosso amigo o homem mais honesto, reunirmo-nos a ele e comungar em virtude com ele, de modo que seja por um nobre fim que façamos nosso amigo o homem honesto, e não em vista de qualquer outro interesse. Esse preceito é semelhante àquele que nos foi dado sobre as pessoas de bem, que estão mortas, ali dizem-nos que não devemos honrar e venerar senão aqueles que tem em plenitude ciência e luz, nos diz também que não devemos fazer nossos amigos senão aqueles que são probos e virtuosos. Para os amigos dá-nos a escolha, para nossos parentes e seus próximos é a natureza que nos dá. Um pai e um irmão atraem sempre naturalmente o respeito, mas para os outros, os amigos, há apenas a virtude que é o seu preço, como é ela que dá o mérito daqueles que estão mortos.

É a própria natureza que torna respeitáveis os seres que precedem esses últimos, e nos ordena honrá-los. No céu são os Deuses e os Heróis (os anjos), aqui embaixo são nossos pais, que, na natureza mortal, nos representam constantemente a imagem do parentesco imortal que nos liga a esses Deuses e a esses Heróis. Eis como se deve procurar e adquirir um amigo. Quanto aos meios de conservá-lo, tanto quanto contribuam ao nosso verdadeiro bem, ou de abandoná-lo se ele tende a corromper, e a não mais obedecer os preceitos e os conselhos que tendem para a perfeição, é o que ele vai nos ensinar.

Versos VII – VIII – IX

Segue sempre os seus mansos conselhos e as suas ações honestas e úteis.
E nunca odeies teu amigo por uma leva falta, tão quanto o possas.
Ora, a potência habita ao lado da necessidade.

Trata-se aqui da maneira de se conduzir para com os amigos. Primeiramente, é mister ceder-lhes e obedecê-los quando nos dão conselhos honestos, e quando fazem alguma coisa para a nossa utilidade. É por esse bem comum que a lei da amizade nos liga, enquanto que eles nos ajudam a fazer crescer em nós a virtude, nós os ajudamos na mesma ordem.

São como companheiros de viagem, que marcham juntos no caminho da melhor vida, o que um vê melhor que outro, deve dizer-lhe no interesse comum, e um e outro, fazendo parte de tudo o que neles há de honesto e útil, cedem por sua vez aos mútuos conselhos. Nunca devemos questionar com nossos amigos por razões de riqueza, de glória, nem do que quer que seja perecível e mortal: e odiar por uma leve falta aqueles que são nossos amigos pelos maiores bens.

É mister, então, suportar nossos amigos em todas as coisas, ligados que estamos a eles, pela maior de todas as necessidades, pelos laços da amizade.

Há só um caso em que não os suportaremos: nós não lhe cederemos quando eles se deixarem corromper; nós não os seguiremos, de nenhuma maneira, quando eles se afastam das vias da sabedoria para entrar num outro tipo de vida, pois nós nos deixaríamos arrastar com eles para longe do caminho da virtude; mas faremos todos os nossos esforços para reconduzir o nosso amigo à boa via.

Se não pudermos persuadi-lo, não nos manteremos em repouso sem olha-lo como nosso inimigo, devido à nossa antiga amizade, nem como nosso amigo, devido à sua corrupção. De maneira que, por esta única razão, nós o deixaremos e o renunciaremos, como incapaz de nos ajudar a conservar a virtude, a única coisa pelo qual nós o havíamos buscado. Mas é mister considerar bem que esta separação não degenere em inimizade, pois embora tenha sido ele o primeiro a romper a nossa união, estamos obrigados de ter um grande cuidado para chamar-lhe a atenção ao seu dever, sem nos rejubilarmos da queda de um amigo, sem insultar o seu erro e a sua falta, mas, ao contrário, compadecendo-nos de sua infelicidade com dor e chorando e pregando por ele, e não esquecendo nada do que poderia levá-lo à salvação pelo arrependimento.

Ora, o que pode trazê-lo de volta é não discutir com ele sobre o bem nem sobre a glória, é não privá-lo de nossa companhia com altivez e afetação, é não triunfar sobre as suas infelicidades ao exaltar a nossa ambição e a nossa vaidade. E como o que contribui mais para fazer conservar os nossos amigos, ou a nos dar o direito de deixá-los, ou de lembrar-lhes os cumprimento de seu dever pelo arrependimento é suportar os seus erros, é não entrar com eles em qualquer discussão demasiadamente cerrada sobre nossos interesses, ter indulgência, não tomar tudo rigorosamente numa palavra, ter paciência e tão grande tanto quanto esteja dentro de nossas possibilidades.

Eis por que o autor dos versos acrescenta: tanto quanto possas. A seguir, para que nós não meçamos a potência à vontade, mas pelas forças da natureza, tanto quanto a necessidade superveniente pode fazer encontrar, ele nos adverte que a potência habita ao lado da necessidade. Com efeito cada um de nós pode convencer-se que a necessidade pode nos levar a encontrar cada dia mais força do que havíamos julgado possuir. É mister portanto aceitarmos que devemos suportar nossos amigos até onde a necessidade nos faça ver que nós o podemos, e a necessidade da amizade nos torne suportável o que acreditávamos insuportável; e é mister não imaginar que a coragem e valor só possam ser empregadas para resistir aos golpes e aos choques da violência e da força. Tudo que pode conservar nossos amigos, ou a eles nos aproximar, faz parte das próprias ordens da necessidade divina e, por conseguinte, requer uma maior paciência. Ora, para os sábios, a necessidade do espírito é mais forte e mais poderosa do que toda força vinda de fora. Quer se examine a necessidade que vem das circunstâncias e das conjunturas, quer se examine a necessidade da vontade, necessidade livre, independente, que está contida nos limites da ciência, e que emana das Leis divinas, encontrar-se-á a medida da potência que está em si, potência que esse verso quer que se empregue quanto a seus amigos, não rompendo facilmente com eles, e não os odiando por uma falta leve. Esse verso considera como de pouco valor todas as coisas que não pertençam a alma; proíbe-nos de mudar nossa amizade em ódio, devido a vis interesses, ordena-nos, por um indiferença integral pelas coisas exteriores, de recuperar o nosso amigo, e de nos pôr em estado de nos prestar esse testemunho que nos conservaram nossos amigos, tanto quanto dependeu de nós; que nós tenhamos observado e reposto no seu caminho os que se deixaram dominar pelo vício, que não lhes tenhamos dado nenhum motivo para romper conosco, nem proceder igualmente quando eles tenham sido os primeiros a renunciar a nossa amizade. Eis o que exige a lei sagrada da amizade, lei que é uma virtude supereminente e que, como perfeitíssima, supera todas as outras virtudes, pois o fim das virtudes é a amizade e seu princípio é a piedade.

As regras da piedade são para nós a semente dos verdadeiros bens, e o hábito da amizade é o mais perfeito fruto das virtudes. Assim é mister sempre conservar a justiça, não somente com aqueles que bem a usam conosco, mas também com aqueles que procuram nos fazer o mal com receio de devolvendo o mal pelo mal, cair no mesmo vício que eles, do mesmo modo que é mister conservar sempre a amizade, quer dizer a humanidade para aqueles que são de nossa espécie. Ora, nós daremos a justa medida à amizade, colocaremos cada um na ordem e lugar conveniente, se amamos as pessoas de bem, por amor da natureza e por amor de suas inclinações, e como conservando neles a perfeição da natureza humana; e se amamos os maus, cujas inclinações e sentimentos, nada tem que possa nos fazer procurar a sua amizade, e se nós os amamos somente por amor da natureza, que nos é comum com ele. Houve razão em dizer: o sábio não odeia ninguém, ele ama apenas as pessoas de bem: pois amando o homem em geral, não pode odiar o mau, e buscando o virtuoso para se comunicar com ele, escolhe sempre para objeto de sua afeição o mais o mais perfeito. Na medida e regras de sua amizade, ele imita a Deus, que não odeia nenhum homem, mas ama, preferentemente, o homem de bem, e que, estendendo o seu amor a todo gênero humano, tem o cuidado de distribuir a cada particular a parte que ele merece, chamando e unindo a ele as pessoas de bem, lembrando o cumprimento do seu dever os desertores da virtude pelas leis da sua justiça. Assim cada um retoma a sua parte, segundo seu mérito e a utilidade que pode dela retirar. É assim que devemos conservar a amizade para todos, partilhando a cada um segundo seu mérito e sua dignidade: nós praticaremos a temperança e a justiça para com todos os homens, e não somente para com os justos e os

temperantes: nós não seremos bons com os bons e maus com os maus, pois se agíssemos assim todos os acidentes teriam o poder de nos mudar e não teríamos para nós nenhum bem que pudéssemos estender e distribuir aos outros homens. Se adquirimos o hábito da virtude, não depende do primeiro que vem a nós de fazer perdê-la. Firmes sobre seus fundamentos inderrocáveis não mudaremos as disposições e os sentimentos em relação àqueles que encontrarmos. Devemos agir, como fazemos com todas as virtudes como com a amizade, que é a maior de todas elas. A amizade não é outra coisa que a humanidade que se desenvolve em geral sobre todos os homens, e em particular sobre as pessoas de bem: eis por que o nome da humanidade, quer dizer que o amor dos homens lhe convém particularmente,.

Examinado este artigo, passemos aos outros.

Comentários ao versos de VI a IX

No verso VI, VII, VIII e IX aparece a segunda missão do pitagórico: o culto da amizade. Entre todos os homens escolhe para teu amigo aquele que se distingue por sua virtude, segue sempre os seus mansos conselhos e as suas ações honestas e úteis e nunca odeies teu amigo por uma leve falta, tanto quanto possas. Ora, a potência habita ao lado da necessidade.

Nos comentários de Hiérocles destacam-se estes pontos: o culto à família funda-se em alguma coisa natural, mas o culto a um amigo já é uma construção da vontade humana. Por isto é que nos Versos Áureos ele ordena honrar pai e mãe e os parentes, mas quando se trata dos amigos, diz: escolhe, porque já é um ato de vontade, de escolha. Devemos, assim, escolher para amigos mais íntimos aqueles que são honestos no seu modo de proceder, que podem nos orientar e nos guiar. Ceder, sempre que possível, aos seus conselhos e suas ações, desde que sejam honestos e úteis porém, impedir que nos corrompam, se acaso se afastem das vias da sabedoria e da virtude. Nunca devemos odiá-los por uma falta pequena, tanto quanto possamos, porque nós não podemos dominar a nossa afetividade plenamente e sempre lembrar-mo-nos que, ao lado da potência deste poder, desta vontade, habita a necessidade – simpatética e antipatética. Devemos impedir é que o nosso afastamento degenere em inimizade, como diz Hiérocles, pois embora tenha ele sido o primeiro a romper a nossa união, estamos obrigados a ter um grande cuidado para chamar-lhe a atenção ao seu dever, sem nos rejubilarmo-nos da sua queda, sem insultar o seu erro e a sua falta. É preciso compadecermo-nos da sua infelicidade, com dor, chorando e pregando por ele e ajudando-o à salvação pelo arrependimento.

Adiante aponta haver uma lei sagrada da amizade, que é uma virtude super eminente e, como perfeitíssima, supera todas as outras, pois o fim das virtudes é a amizade e o seu princípio é a piedade. Dizia Pitágoras que o sábio não odeia ninguém. Ele ama as pessoas de bem, mas não odeia. Ama o homem em geral. Não pode odiar o mal. Busca o virtuoso para com ele comunicar-se; escolhe-o para objeto de sua afeição mais perfeita. A amizade tem como regra imitar o amor de Deus, que não odeia nenhum homem e ama preferentemente o homem de bem.

Praticaremos a temperança e a justiça para com todos os homens e não somente para com os justos e os temperantes. Não seremos bons com os bons e maus com os maus,

pois se agíssemos assim, todos os acidentes teriam poder de nos mudar e não teríamos para nós nenhum bem que pudéssemos estender e distribuir aos outros homens. Termina dizendo: a amizade não é outra coisa que a humanidade que se desenvolve, em geral, sobre todos os homens e, em particular, sobre as pessoas de bem. Eis porque o nome da humanidade quer dizer que o amor dos homens lhe convém particularmente.

Vejamos os comentários de Fabre D'Olivet. Pitágoras, após estudar os deveres que tem o seu nascimento direto na natureza humana, vai recomendar os deveres que decorrem do estado social. A amizade segue-se imediatamente à piedade filial, ao amor fraternal, mas ele faz uma distinção de sentido, já que ordena: honrar os parentes e diz: escolhe o teu amigo. E por que? Porque o amor que nos liga ao pai e mãe, aos irmãos, às irmãs e aos parentes é algo que surge da natureza, que está ligado à fortuna ou à necessidade, mas a essa fortuna, a essa necessidade, a natureza livre do homem tem a vontade e esta regula a vida humana na vida social. Jamais o homem se separa da necessidade, mas também, não se separa da vontade. São os dois móveis opostos em que vive o homem. Eles tem sua força numa causa superior que os antigos chamavam Nemesis, o decreto fundamental, e que nós chamamos Providência[17].

O sentimento da Nemesis, na ética grega, era sentir a presença da necessidade da nossa natureza e a liberdade da nossa vontade. As duas se opunham, muitas vezes, mas tínhamos um campo de ação em que a nossa necessidade não podia impedir as realizações da nossa vontade e entre estas, nas ações da vontade, está precisamente a amizade.

Reconhecendo-os, Pitágoras colocava-se, assim, dentro da concepção dos antigos egípcios que estabeleciam: o homem é mortal em relação ao corpo, mas é imortal em relação à alma; o que vem a constituir o homem essencial. Como imortal ele tem autoridade sobre todas as coisas, mas relativamente à parte material e mortal de si mesmo ele está submetido ao destino, a vontade – *a anankê.*

Quem não entendeu bem como se dá a liberdade humana foram os estóicos, que se afastaram da concepção de Pitágoras e, por isso, caíram em erros éticos importantes. O mesmo se deu com os discípulos de Platão, que acabaram por afirmar que a matéria era o princípio do mal, o que nunca foi exposto claramente nem por Pitágoras, nem por Platão; eles sempre fizeram questão de dizer justamente o contrário. E não se pode atribuir, também, esse pensamento a Zoroastro, porque ele não estabeleceu o mal como um princípio tão poderoso como o bem, ou que fosse um princípio de todas as coisas.

Calcídio (cit. por Fabre D'Olivet) diz que Pitágoras demonstrou que os males existem necessariamente, porque a matéria é má em si. Jamais disse que a matéria fosse um ser absoluto, que o mal compusesse a sua essência. Hiérocles que estudara Pitágoras e Platão negou que tanto um como outro tivesse exposto alguma vez, que a matéria fosse um ser existente por si mesmo; ao contrário, provou que Platão havia ensinado, seguindo os passos de Pitágoras que o mundo havia sido produzido do nada e que seus seguidores se enganavam quando pensavam que ele tivesse admitido uma matéria incriada. Plotino,

[17] Nemesis deriva das palavras fenícias "*nam*", "*nem*", que exprime toda sentença, toda ordem, tudo que é enumerado de viva voz e *eshish*, tudo que serve de princípio, de fundamento.

Jâmblico, Proclo, Simplício seguem o mesmo pensamento de Hiérocles e, ao comentarem esta parte, negam estas interpretações que foram atribuídas à Pitágoras e Platão.

Prossegue Fabre D'Olivet dizendo que a potência, o poder, a vontade, a necessidade, que estão colocadas nestes versos, não são fontes absolutas do bem e do mal. A necessidade não é má em si, nem em si a vontade é por natureza boa, é o uso que o homem fizer delas, o emprego que fizer pela sabedoria, pela ignorância, a presença da virtude ou do vício que pode, então, resultar um ato bom ou mal. Esta é a verdadeira interpretação.

Paul Carton comenta que no culto da amizade, no amor aos nossos semelhantes, a escolha que cabe ao homem do amigo, é para aquele que for mais virtuoso e mais sábio. O título de amigo não pode ser dado a qualquer um. Seria uma profanação assim o empregarmos. Deve ser atribuído aquele que for digno de recebê-lo. É em virtude da lei de hierarquia universal que se devem escolher os amigos entre os melhores homens. Aquele que vale menos deve com efeito estar submetido ao que vale mais. Está na ordem das coisas só se reconhecer a autoridade à virtude, ou seja, na vida social a única autoridade que se pode admitir é a virtude, assim como na Filosofia é a demonstração e na Ciência é a prova.

Seguir os conselhos calmos e salutares do amigo é dever de cada um. O amigo, dizia Pitágoras, é um outro eu. É preciso honrá-lo como a um deus. A amizade é a igualdade da harmonia, palavras de Diógenes de Laércio[18]. Para fazer e ter amigos, o caminho não é prodigalizar bens materiais ou favores, dinheiro, prazeres como muitos fazem e com isto só conseguem cercar-se dos lisonjeiros e parasitas, os quais desaparecem nas horas das desgraças. Um homem, como Aristóteles, que tanto elogiou a amizade, na hora da desgraça disse: "amigos, não há amigos"..

O nosso amigo também erra, comete faltas e devemos compreendê-lo; mostrando-nos indulgentes e complacentes com os seus erros e suas faltas, cooperando para tirá-lo da situação de queda em que, por acaso, se encontre. Diz Pitágoras (cit. de Diógenes de Laércio): nas relações sociais evita transformar os amigos em inimigos! Esforça-te, pelo contrário, por tornar os inimigos em amigos. Estima os indivíduos honrados sem odiar os maus. Esse é um preceito pitagórico; amar o amigo não quer dizer que odiemos o mau, porque devemos olhar o mau como ser humano, que está exigindo o nosso apoio. Deve-se, sim, dar amizade para as pessoas de bem e ser benevolente para com eles de um modo sincero, mas também ser benevolente para com os maus, porém nunca de modo a permitir que essa benevolência possa levá-los a ampliar sua capacidade perniciosa.

Numa passagem Paul Carton comentando esses versos diz: os pitagóricos aplicavam, simplesmente, a todos os homens o espírito da bondade que exerciam para toda criação. Além disso eram inclinados à benevolência inalterável, porque sabiam que a humanidade é um grande ser coletivo, pelo que cada indivíduo, dela componente, tem interesse no aperfeiçoamento do semelhante, visto a ascensão individual não poder realizar-se separadamente; antes, pelo contrário, se encontra ligada ao progresso da humanidade inteira. Funda-se no princípio da lei da participação coletiva , na mesma vida e na mesma felicidade que une todos os homens.

---

[18] Diógenes de Laércio – Historiador do século III d.C. Autor de uma coleção de vidas e opiniões dos mais célebres filósofos. Ffonte importante para a história da filosofia grega.

O esforço individual deve, pois, tender a criar para transmitir, a produzir para dar, a trabalhar para amar e é, somente, no culto da família, no amor da pátria e na religião de ordem divina que as aspirações de progresso e de felicidade podem encontrar o pleno desenvolvimento. O amor pitagórico ao próximo e o espírito cristão de caridade devem ser levados até o sacrifício dos bens e mesmo da vida, porque o homem deve comportar-se à semelhança de Deus. O ato de criação é um sacrifício do espírito divino que consentiu introduzir-se na matéria e baixar até a vida infinitesimal, do mesmo modo, que a manutenção diária da natureza terrestre e da vida humana é uma emanação, isto é, dom pessoal da substância do verbo, porque nada do que foi feito foi feito sem Ele, diz São João.

O ser humano deve ofertar todos os atos de sua vida, os atos superiores à Divindade e, ante essas duas potências que regulam e dirigem a evolução humana, a *anankê* dos gregos e o *factum* dos latinos e a vontade, se a primeira é determinada antecipadamente, a segunda é livre. Mas a necessidade é composta de dois elementos: há uma lei fatal da evolução, que quer tudo que provém de Deus, volte, depois de um ciclo de evolução para Ele; uma atração invencível que é a potência do amor divino por todas as criaturas, traduz-se em cada ser pela força interior que o impele, malgrado seu, a nascer, crescer, viver, multiplicar-se e morrer. É o que constitui a corrente da vida! É ela que apesar das suas rebeliões e dos seus erros incita cada indivíduo a lutar para viver, vencer a ignorância, descobrir a verdade para melhorar a sorte, e resignar-se a morrer para se transformar. Esta lei enuncia o progresso universal e humano e a ascensão de todos os seres ao conhecimento e à felicidade divina, como necessidade irrevogável. E, de fato, toda natureza se eleva e progride de maneira infinita na longa escala vital dos vegetais, dos animais, dos homens e dos seres supra humanos. O mal não tem mais do que existência efêmera. Não há lugar para ele no Absoluto. Serve somente para educar e para esclarecer, e acaba sempre por destruir-se a si mesmo. O triunfo mais ou menos rápido do bem está assegurado. Esta lei de evolução fatal era representada pelos antigos de forma simbólica: a serpente que, enrolada em círculo, morde a cauda. Como ela constituía a verdade, porém perigosa para ser revelada às almas não preparadas, era reservada ao ensino esotérico. Aparecia num símbolo, alegoria ou enigma, como nas frases dos Versos Áureos: “O poder vive perto da necessidade”.

Prossegue Paul Carton: a necessidade, isto é, o que o homem sofre sem querer em dada ocasião, comporta ainda, consonante a doutrina pitagórica, segundo elemento que é a bagagem individual – o *karma* dos hindus - o que ele acumulou dentro de si de bom ou de mal durante as experiências vitais anteriores, que deve então, expiar ou aquilo de que se deve beneficiar. Nesta parte discordamos do comentarista porque nada há no pitagorismo que nos afirme a experiência de vidas anteriores.

Temos a dizer para finalizar que a vontade no homem procede livremente. É o que nele luta com vista ao progresso a realizar: é o agente pessoal de regresso consciente merecido para Deus, para a força criadora por excelência. É tudo no homem porque resume o poder de resistência ao mal e de direção para o bem. Se o homem evolucionasse, por exemplo, para Deus, pela simples atração do destino sem um esforço pessoal, sem que pelo discernimento e pela liberdade de decisão escolhesse o caminho, não haveria nenhum mérito na sua ação e ele não poderia aspirar a felicidade suprema. A liberdade é a garantia da felicidade suprema. Graças à inteligência e à vontade o homem pode evolucionar na direção da razão e na direção da sabedoria, portanto ele é guiado dentro de si por poderes que

ultrapassam a animalidade, que recebeu de Deus e que tem a possibilidade de aumentar a liberdade e o poder criador.

Paul Carton afirma que não precisamos nos insurgir contra a necessidade, porque as nossas imperfeições e nossos obstáculos naturais são vencíveis, devemos, sim, ser humildes e pedir pela oração, a assistência providencial para vivermos em harmonia de acordo com Deus e com a natureza. Possuímos um poder análogo ao poder divino, somos guiados por uma corrente de inspiração e forças superiores, que fazem crescer em nós a personalidade.

Versos X – XI

É mister que saibas que todas essas coisas são assim, mas acostuma-te a suplantar e a vencer essas paixões. Primeiramente a gula, a preguiça, a luxúria, a cólera.

Tais são as paixões que é necessário reprimir e reduzir, a fim de que elas não perturbem e não paralisem a razão. Coragem, pois, e armado de boas instruções, reprimamos integralmente a loucura cujas diferentes partes se prestam reciprocamente como armas para cometer o pecado, como por via de conseqüência. O excesso no comer provoca um longo sono, e os dois, juntamente, produzem uma força e uma saúde que levam, imoderadamente, ao amor, e irritando a parte concupiscível da alma, impulsionam-na à intemperança.

A parte irascível, vindo após juntar-se à parte concupiscível, o homem não teme nenhum perigo, nenhuma luta o atemoriza, afronta tudo para satisfazer os seus desejos, tanto para a sua dose de bebida, como para outras voluptuosidades. Acostuma-te, pois, a manter essas paixões sob rédeas a começar pela gula, a fim de que as partes irracionais da alma se acostumem a obedecer a razão, e que possas, inviolavelmente, observar a piedade para com os deuses, o respeito para com os pais e outras prescrições precedentes.

A observação dos primeiros preceitos depende daqueles: violá-los-emos, infalivelmente, se as paixões não estão submetidas e não obedecem à razão. Ou, então, será a cólera que nos excitará contra os nossos pais, ou a concupiscência nos armará contra as suas ordens, ou, ainda, a cólera nos precipitará na blasfêmia ou no desejo das riquezas ou do perjúrio. Numa palavras, todos os males são causados pelas paixões, quando a razão não tem força para fazê-los entrar na ordem.

Eis as fontes de todas as impiedades, de todas as guerras que dividem as famílias, das traições dos amigos, de todos os crimes que se cometem contra a lei. Por isso os maus são forçados a exclamar como a Medeia do teatro.

> Uns dirão: “Vejo todos os desfalecimentos em que me vou obscurecer. Mas minha fraca razão cedendo à minha cólera...
>
> Outros: Conheço todos os males que minha mão vai cometer.
> Mas minha razão, cedendo à minha cupidez...
>
> Ou então: Teus conselhos são muito bons, vejo-lhes a utilidade.

Mas os laços vergonhosos que cativam minha alma
Me impedem obedecer.

Pois tudo o que é capaz de razão, sendo bem disposto para tudo o que é belo e honesto, é sempre despertado, sempre pronto para obedecer aos preceitos da razão, enquanto a tendência de suas paixões, como massas de chumbo, não o arrasta para o abismo do vício.

É mister, pois, que conheçamos e saibamos quais os nossos deveres, e nos acostumemos, tanto quanto esteja em nosso poder as nossas faculdades brutais de obedecer a razão que está em nós. Com efeito, as paixões uma vez submetidas, a razão estará em estado de observar, inviolavelmente, os primeiros preceitos, a propósito dos quais se diz: É mister saber que sempre estas coisas são assim. Quanto aos preceitos seguintes diz-se: Acostuma-te a vencer. Isto para nos ensinar que a parte racional conduz-se pela instrução e pela ciência, e que a parte brutal se rege pelo hábito e pelas formações; se se pode assim falar que são alguma coisa de corpóreo. É assim que os homens dominam e domesticam os animais apenas pelo hábito. O apetite acostumado a contentar-se numa medida justa, e suficiente torna as outras paixões do corpo mais moderadas, a cólera menos violenta e menos empolgada, de maneira que não sendo violentamente agitada pelas paixões, podemos meditar com tranqüilidade sobre o que temos de fazer. Por isso aprendamos a conhecer a nós mesmos, a conhecer o que somos na verdade, e a respeitar-nos quando nos conhecemos, e desse conhecimento, desse respeito, que decorre de modo infalível, vem o afastamento das ações vergonhosas, quer dizer de todos os males que são chamados vergonhosos, porque são indecentes e indignos de serem produzidos por uma substância racional. Eis do que vamos falar.

Comentários aos versos X - XI

É mister que saibas que todas essas coisas são assim, mas acostuma-te a suplantar e a vencer as paixões, que são: a gula, a preguiça, a luxúria e a cólera.

Os comentários de Hiérocles nos mostram com clareza o pensamento pitagórico, distinto do pensamento estóico. Não se trata de destruir as paixões, mas de vencê-las. O ser humano precisa conservar as suas paixões porque elas são também uma força para ele, mas o que é preciso é suplantá-las e vencê-las e isto se pode fazer por meio da vontade, do entendimento e do amor – o verdadeiro caminho pitagórico – que é também o caminho cristão. Dessas paixões inicia-se a vitória sobre aquelas que são mais fáceis de vencer, como a gula, a preguiça, a luxúria e a cólera.

Esta parte dos Versos Áureos trata da cultura pessoal, especificamente da cultura mental, que dá ao homem o domínio sobre si mesmo. Mais adiante diz Hiérocles, acostuma-te a manter as paixões sobre rédeas, e que consiste, ao começar pela gula, de fazer com que as partes irracionais – que constituem a nossa alma infundada no nosso corpo – se acostumem a obedecer a razão, e que possas observar a piedade para com os deuses, o respeito para com os pais e outras prescrições precedentes.

Observa o autor que ao comentar as palavras: "acostuma-te a vencer" e isto com intuito de nos ensinar que a parte racional conduz-se pela instrução e pela ciência, e que a parte brutal se rege pelos hábitos e pelas formações, se assim se pode falar, que são alguma

coisa de corpóreo. É, desta forma, que os homens dominam e domesticam os animais, pelo hábito. O apetite acostumado a contentar-se a uma medida justa e suficiente, torna as outras paixões do corpo mais moderadas, a cólera menos violenta e, sucessivamente, o homem pode, pouco a pouco, ir dominando as suas paixões.

Versos XII – XIII

Não cometas nunca nenhuma ação vergonhosa, nem com os outros, nem em particular, e sobretudo respeita a ti mesmo.

Sucede, freqüentemente, que fazemos particularmente ações vergonhosas, porque as acreditamos indiferentes, e que não teríamos, contudo, realizado perante o testemunho de outros por respeito a eles. Acontece ao contrário que com outros cometemos o que não seríamos capazes de fazer sozinhos. Eis por que o poeta fecha aqui os dois caminhos que podem nos levar ao que é vergonhoso e mau, pois se a tudo quanto é vergonhoso deve-se-lhe verdadeiramente fugir, não há circunstância que possa torná-lo nunca digno de ser buscado. Eis por que juntou os dois, nem com os outros nem contigo em particular. A fim de que a solidão não te leve jamais ao que é indecente, nem que a companhia e o número dos cúmplices te absolvam de teu crime. Após o qual acrescenta a causa que unicamente protege do mal: sobretudo respeita-te a ti mesmo, pois se te acostumas a respeitar-te, terás sempre contigo um guarda fiel, que respeitarás, que nunca se afastará de ti, e que te guardará à vista; pois acontece muitas vezes, que muitas pessoas fizeram com os amigos, os domésticos, como participantes, o que eles não teriam feito diante deles. E não tinham nenhuma testemunha?

Não falo de Deus, pois Deus está longe do pensamento dos maus. Não tinham por testemunha a sua alma; quer dizer, eles mesmos? Não tinham o julgamento de sua consciência? Eles tinham-na sem dúvida, mas subjugados e absorvidos por sua paixão, eles não viam mais nada: os que estão nesse estado desprezam a sua razão, e a tratam pior do que tratam o mais vil escravo.

Estabelece, portanto, a ti mesmo como teu senhor e teu vigilante e os olhos do entendimento fixados sobre este guarda fiel, inicia a afastar-te do vício. O respeito que terás de ti mesmo tornar-se-á, necessariamente, uma fuga de tudo o que é vergonhoso e indigno de ser cometido por uma substância racional, e aquele que julga indignos de si todos os vícios familiariza-se, insensivelmente, com a virtude. Eis porque o poeta acrescenta:

Versos XIV – XV - XVI – XVII

A seguir, observa a justiça em tuas ações, e em tuas palavras.
Não te acostumes a comportar-te na melhor coisa, sem regra e sem razão.
Mas faz sempre esta reflexão que pelo destino é ordenado a todos os homens morrer.
E que os bens da fortuna são incertos, e do mesmo modo como se pode adquiri-los, também se pode perdê-los.

Aquele que respeita a si mesmo, torna-se seu guarda, para impedir cair em qualquer vício. Ora, há numerosas espécies de vícios: o vício da parte racional, que é a loucura; o da parte irascível que é a covardia; o da parte concupiscível, que é a intemperança e a avaricia. O vício que se estende é a injustiça. Para evitar, pois, todos esses vícios, temos necessidade de quatro virtudes: da prudência para a parte racional; da coragem, para a parte irascível; da temperança para a parte concupiscível, e para todas essas partes juntas, temos

necessidade da justiça, a mais perfeita de todas as virtudes, e que reinando em umas e outras as engloba todas como suas próprias partes.

Eis por que esse verso nomeia a justiça em primeiro lugar, a prudência a seguir e após a prudência e depois desta, os mais excelentes efeitos que podem sair dessa virtude e que contribuem à perfeição, à integridade ou totalidade da justiça. Pois todo homem que raciocina bem, e que usa de prudência adquire a coragem contra as dificuldades, contra os prazeres, a temperança, e num e noutros casos, a justiça; Assim a prudência está no princípio das virtudes, a justiça no seu fim, e no meio estão a coragem e a temperança, pois a faculdade, que examina tudo pelo raciocínio, que busca sempre o bem de cada um, em todas as ações, a fim de que todas as coisas se façam com razão e na ordem, assim pode ser definida a prudência.

Quer dizer que ela é a disposição superior de nossa essência racional, graças à qual todas as nossas outras qualidades estão em bom estado, de maneira que a cólera é valente, e a cupidez temperante. Enfim, corrigindo todos os nossos vícios e animando todas as nossas virtudes, a Justiça retira com abundância da virtude do homem imortal para ornar o homem mortal; pois é originariamente do espírito divino que as virtudes lançam seus raios na alma racional; são elas que constituem a sua forma, a sua perfeição, e toda a sua felicidade. E da alma as virtudes se refletem por um secreta comunicação sobre esse ser insensato, quero dizer, sobre o corpo mortal, a fim de que tudo que está unido à essência racional, seja pleno de beleza, de decência e de ordem. O primeiro, e como guia de todos os bens divinos, a prudência, sendo bem fundada e fortalecida na alma racional, faz que se tome o bom partido em todas as ocasiões, que se suporte corajosamente a morte, que se sofra com paciência e mansidão a perda dos bens e da fortuna; pois unicamente a prudência pode sustentar sabiamente e com intrepidez as mutações de nossa natureza, e da fortuna que são conseqüência dela. Com efeito, a prudência conhece pela razão a natureza das coisas. Ela sabe que é uma necessidade, que o que é composto de terra e de água se resolva nos elementos que o compõe: ela não se irrita contra a necessidade nem que esse corpo mortal morra, ela não conclui pela não providência, pois sabe que todos os homens devem morrer, e que a duração do corpo está fixada com antecedência.

Ela sabe que quando o último momento é vindo, não devemos acovardarmo-nos, mas recebê-lo e submetermo-nos voluntariamente como à lei divina; a própria significação da palavra destino é que Deus, por seus decretos, destinou, marcou para a nossa vida mortal limites necessários, além dos quais não podemos passar. Será peculiar à prudência seguir os decretos dos deuses; buscando não propriamente não morrer, mas morrer bem. Da mesma forma ela não ignora a natureza dos bens da fortuna, ela sabe que eles vêm hoje e que lhe abandonarão amanhã, segundo certas causas que estão destinadas, marcadas e às quais é vergonhoso resistir, pois não somos senhores para reter e conservar o que não pertence ao nosso poder. Ora, certamente, nem o corpo, nem os bens, nem tudo o que está separado da essência racional está em nosso poder, e como não depende de nós adquiri-lo, não depende de nós, ademais, guardá-lo tanto quanto queiramos. O que devemos fazer é recebe-los quando eles sobrevêm, devolvê-los quando se vão, e sempre com muita virtude. Assim praticará nossa essência racional se ela não se acostumar a comportar-se sem regra e sem razão, em todos os acontecimentos da vida.

Que ela se habitue, pois, a seguir as regras divinas, que definiram e determinaram tudo o que possa nos corresponder, pois o que depende de nós e está em nosso poder tem um força extrema. Com efeito, podemos muito bem julgar das coisas que não dependem de nós e não nos deixar retirar a virtude da nossa liberdade, pela afeção das coisas perecíveis.

Que diz, pois, o juízo prudente e sábio? Diz que é mister usar bem do corpo e das riquezas, enquanto nós os temos, e fazê-los servir à virtude. Quando estamos a ponto de os perder é mister reconhecer a necessidade e acrescentar a todas as nossas virtudes a da tranqüilidade e a da indiferença. O único meio de conservar a piedade para com os deuses, e o equilíbrio da justiça é acostumar a razão a bem usar de todos os acidentes, e de apor as regras da prudência a todas as coisas que nos parece acontecer sem regra e ao acaso, pois nós não conservamos a virtude senão com a condição de pensar com retidão. Jamais aquele que não tem nem regra nem razão em tudo que faz, seguirá os seres melhores que nós, porque melhores que nós, mas os olhará como tiranos que o forçam e o oprimem. Jamais ele volverá seus olhos para aqueles com que ele vive e jamais fará bom uso de seu corpo e tampouco de suas riquezas.

Vêde aqueles que fogem da morte, ou que estão possuídos pelo desejo de conservar as suas riquezas; vêde em que injustiças, em que blasfêmias caem necessariamente, revoltados contra Deus, negando a sua providência, quando se vem chegados ao ponto que fugiam precisamente, fazendo a seu próximo todas as espécies de injustiças, providenciando tudo para arrebatar-lhes os bens, e relacionando tudo ao seu próprio interesse.

Assim a lesão que fazem a esses infelizes essas falsas opiniões, torna-se manifesta, e vê-se decorrer daí os maiores males, a injustiça para com os homens, a impiedade para com os Deuses. Aquele que, obedecendo a um preceito citado aqui, espera corajosamente a morte, com um juízo purificado pela razão, não sofre assim, e não crê que a perda dos bens seja insuportável. Daí nascem todos os movimentos e todos motivos que o levam à virtude, pois aí ele aprende que é preciso abster-se dos bens de outrem, de não fazer mal a ninguém, de não procurar nunca seu proveito à custa da perda e do prejuízo de seu próximo.

Ora, é o que não poderá jamais observar aquele que se persuade que está acostumado a conduzir-se em tudo sem regra e sem razão, não discerne o que há em nós de mortal e que tem necessidade de riquezas e o que é susceptível de virtudes e que a virtude ajuda e fortifica; pois só esse justo discernimento nos pode levar à prática da virtude e nos excitar a adquirir o que é belo e honesto, aquisição à qual nos impelem movimentos totalmente divinos, que nascem desses preceitos: Conhece-te a ti mesmo e Respeita-te a ti mesmo.

É por nossa própria dignidade que é mister medir todos os nossos deveres, tanto em nossas ações como em nossas palavras. A observação de nossos deveres não é outra coisa que a observação exalta da justiça. Eis por que a justiça é posta aqui à cabeça de todas as outras virtudes, por tornar-se a medida e a regra de todos os nossos deveres. Observa a justiça, diz ele, tanto em tuas ações como em tuas palavras.

Não pronunciarás jamais nenhuma blasfêmia, nem na perda de teus bens, nem nas dores mais agudas, para não ferires a justiça em tuas palavras. Tu não tomarás jamais o bem de teu próximo, não maquinarás jamais a perda ou a infelicidade de qualquer homem, para não ferir a justiça nas tuas ações.

Enquanto a justiça ocupar nossa alma, guardá-la e defendê-la, cumpriremos sempre todos os nossos deveres para com os Deuses, para com os homens, e para conosco mesmo. Ora, a melhor regra e a melhor medida da justiça é a prudência.

Eis por que após o preceito: Observa a justiça, ele acrescenta e não te acostumes a comportares-te em nada sem razão; também a justiça não pode subsistir sem a prudência. Com efeito não há verdadeiramente justo senão o que a prudência perfeita limitou. Ela não se comporta em nada sem razão, ela examina e pesa com cuidado o que é deste corpo mortal, do que tem ele necessidade. A prudência encontra tudo vil e desprezível em comparação com a virtude, e que faz consistir toda a sua utilidade na melhor disposição da alma, disposição que dá a todas as outras coisas o ornamento e o preço que elas podem receber. Eis qual é o fim destes versos: é fazer nascer na alma daqueles que os lêem estas quatro virtudes práticas, com a sua exata e vigilante observação, tanto nas ações como nas palavras. Um desses versos, com efeito, inspira a prudência, outro a coragem, outro a temperança, e aquele que precede a todos exorta a cultivar a justiça, que se estende em comum sobre todas essas virtudes, e esse verso: que os bens da fortuna são incertos e do mesmo modo que podemos adquiri-los podemos também perdê-los é acrescentado aqui para fazer entender que a temperança é sempre acompanhada da liberabilidade, virtude que regula a receita e a despeza nos bens da fortuna; pois recebê-los e gastá-los quando a razão o quer e ordena, tal decisão, corta pela raiz a mesquinhez e a prodigalidade. Todas essas virtudes vêm de uma fonte primeira do preceito: Respeita-te a ti mesmo, que está incluso no: Conhece-te a ti mesmo, que deve preceder em todas as nossas boas ações, e em todos os nossos sentimentos. Com efeito de onde saberíamos que devemos moderar nossas paixões e conhecer a natureza das coisas? Pois de início pergunta-se se isso é possível ao homem, e, depois, pergunta-se se isso é útil. Parece até ao contrário que as pessoas de bem são muito mais felizes em sua vida, no que não tomam onde não deveriam tomar, e pagam o que devem pagar. No que respeita o corpo, é ele mais exposto aos maus tratamentos, no que não buscam dominar, nem fazem a corte aqueles que dominam, de forma que se não há em nós uma substância que tire toda utilidade da virtude, é em vão que desprezaremos riquezas e dignidade. Eis porque aquele que, persuadidos que a alma é mortal, ensinam que se deve cultivar a virtude são antes vãos oradores, do que verdadeiros filósofos; pois se após nossa morte não restasse alguma coisa de nós de modo a tirar todo seu valor da verdade e da virtude tal como dizemos ser a alma racional, jamais teríamos desejos puros das coisas belas e honestas porque a única suspeita de que a alma é mortal amortece e sufoca todo ímpeto para a virtude e impulsiona a gozar das voluptuosidades corpóreas, quaisquer que elas sejam, venham de onde vierem.

Com efeito, como essas pessoas poderiam pretender que um homem prudente e que faz uso de sua razão não deva adequar totalmente a seu corpo pelo qual a alma apenas subsiste, pois não existe por si mesmo, pois é um acidente de tal ou qual conformação do corpo.

Sendo assim como se faria que abandonássemos o corpo por amor da virtude, quando estamos persuadidos que iremos perder a alma com o corpo, de modo que esta virtude, pela qual sofreremos a morte, não se encontrará em nenhuma parte e não existirá.

Mas esta matéria foi amplamente tratada por homens divinos que demonstraram, invencivelmente, que a alma é imortal e que a virtude é todo o seu ornamento.

Portanto, após haver marcado com o selo da verdade esta opinião da imortalidade da alma, passemos ao que se segue, acrescentando ao que já havíamos estabelecido, que como a ignorância de nossa essência acarreta após ela, necessariamente, todos os vícios, o conhecimento de nós mesmos, o desprezo de tudo o que é indigno de uma natureza racional, produzem em tudo e em toda a parte, a observação segura e raciocinada de nossos deveres, e é em que consiste a justa medida de todas as virtudes em particular, pois enquanto olhamos e consideramos a nossa essência como nossa única regra, encontramos, em todas as coisas, o que é o dever, e o cumprimos segundo a reta razão, conforme à nossa essência. Tudo o que torna a alma melhor e a leva à felicidade que convém à sua natureza, é verdadeiramente a virtude e a lei da Filosofia: e tudo o que apenas a um certo bem-estar humano, nada mais é que a sombra da virtude, buscando os louvores dos homens, não passam dos artifícios de um escravo que se disfarça e que emprega todo o seu esforço para parecer antes virtuoso do que realmente o ser.

Do uso que fazemos de nossa reta razão segue-se, necessariamente, que nós nos comportamos levianamente sobre todos os acidentes desta vida que nos parecem acontecer sem qualquer ordem, mas nós buscamos, diligentemente, neles distinguir as causas, e nós as justificamos, e as suportamos com coragem, sem nos queixarmos dos seres que tem cuidado de nós, e que, distribuindo a cada um segundo o seu mérito, não deram a mesma dignidade e a mesma categoria àqueles que não fizeram parecer a mesma virtude em sua primeira vida. Como se poderia, pois há uma providência, que nosso alma incorruptível por sua essência, possa, contudo, escolher entre o vício e a virtude, como poderia, digo, que os próprios guardiães da lei que quer que cada um seja tratado segundo o seu mérito, tratem igualmente aqueles que não são iguais, e não dão a cada um esta parte da fortuna que lhe pertencem, e diz-se que cada homem vindo ao mundo, escolheu para si mesmo segundo a sorte que lhe coube? Se não há, pois, uma providência que distribui a cada um o que lhe é devido e que nossa alma seja imortal, é evidente que em lugar de acusar de nossas infelicidades aquele que nos governa, devemos apenas olhar para nós mesmos, e é daí que tiraremos a virtude e força de curar e de corrigir todas essas infelicidades, como os versos seguintes vão nos ensinar.

Com efeito, encontrando em nós mesmos a causa de uma tão grande desigualdade, primeiramente diminuiríamos pela retidão de nossos juízos a amargura de todos os acidentes da vida; depois, pelo estudo das coisas sagradas, faremos remontar nossa alma para o que há de melhor, nós nos libertaremos integralmente de tudo o que sofremos de mais desagradável e de mais sensível, pois sofrer sem conhecer a causa de seu sofrimento, sem ter idéia do que pode ser seu verossímil princípio, é próprio de um homem acostumado a comportar-se sem razão e sem reflexão. É o que esse preceito nos proíbe expressamente, pois é impossível que aquele que não busque a verdadeira causa desses males, acuse deles os Deuses, sustentando que eles não existem ou que eles não fazem o que deveriam fazer. Esses sentimentos ímpios não se limitam a aumentar os males que sobrevêm

da primeira vida, mas incitam também a alma ao crime, privam-na de seu livre arbítrio, mantendo-a no esquecimento das causas pelas quais ela sofre aqui embaixo. Mas, para filosofar sobre estas coisas, escutemos os versos seguintes.

Comentários aos versos XII à XVII

Não cometas nunca nenhuma ação vergonhosa, seja com os outros seja em particular e, sobretudo, respeita-te a ti mesmo. São valiosos os comentários de Hiérocles e nada há a acrescentar. A seguir observa a justiça em tuas ações e palavras. Não te acostumes a comportar-te na melhor coisa sem regra e sem razão, mas faze sempre esta reflexão que pelo destino é ordenado a todos os homens morrer e que os bens da fortuna são incertos, do mesmo modo como se pode adquiri-los, também se pode perdê-los.

Vemos que temos que evitar toda e qualquer ação vergonhosa, quer em particular sem testemunhas, só com Deus (o ateu não o aceita), quer com o testemunho de outro, porque temos que partir de um princípio, que é o respeitarmos a nós mesmos. A justiça é a grande virtude pitagórica e, Hiérocles, chama-nos atenção sobre este tópico. Sempre temos necessidade da justiça e é a mais perfeita de todas as virtudes e que, reinando umas e outras, as engloba como suas próprias partes. Eis porque este verso nomeia a justiça em primeiro lugar, logo em seguida, a prudência e depois os efeitos dela, e que vão contribuir à perfeição, à integridade, à totalidade dela. Todo homem que raciocina bem, que usa de prudência, adquire a coragem contra as dificuldades, os prazeres, a temperança e, em um e outros casos, a justiça. Esta é, inegavelmente, a virtude fundamental porque da sua prática impõe-se a habitualidade de todas as outras.

Para sermos justos temos, necessariamente, que sermos prudentes, porque a justiça impõe o pleno conhecimento das partes que são pesadas e julgadas, e isso exige que desenvolvamos o hábito da prudência e, consequentemente, o conhecimento e a ciência. Por isso a justiça amada, desde o momento que passa a ser anelada pelo coração humano impulsiona o homem ao melhor conhecimento das coisas, levando-o também à circunspecção, à capacidade de ver em seu redor, de um ponto eqüidistante todas as coisas. Impulsiona-o a compreender não só os seus direitos, mas também os seus deveres e a ver os seus semelhante numa medida adequada, correspondente também aos seus direitos e aos seus deveres.

Leva-o a não prejudicar a quem quer que seja, a reconhecer os direitos alheios e a lutar pelos seus. Endereça, também, a coragem, porque tudo isso implica, exige um coração e um sentimento forte porque desejará que se cumpra e se faça aquilo que deve ser feito. Carrega um sentido mais completo do dever. Profunda razão tinham os pitagóricos em afirmar que a justiça era a mais nobre, a mais elevada das virtudes humanas e fortalecia todas as outras: a prudência, a moderação, a coragem e consequentemente, as quatro virtudes cardeais, as quatro virtudes fundamentais do homem, as quatro virtudes civis ou políticas (no sentido grego), as quatro virtudes que o homem deve ter para a sua convivência social, suas relações sociais e humanas. De maneira que educando a virtude, observando-a nas ações e nas palavras, vamo-nos acostumando ao justo termo e, depois, a comportar-nos de modo a não atuar sem regra e sem razão.

Hiérocles comenta o proceder sempre com regra e com razão, refletir sobre o destino a que todos estamos ordenados: que é o de morrer. Compreender que esta é uma lei divina, que nos leva a um limite da nossa existência e a qual não podemos ultrapassar por não possuirmos meios normais para tal façanha. Poderíamos prolongar, talvez, a nossa vida ou melhorar, mas nunca tornar-nos absolutamente imortais, porque desde que tenhamos um corpo, que é por sua vez corruptível e também o fato de que o desenvolvimento da nossa unidade vital se processa obediente a uma lei da evolução – a lei do sete - devemos considerar e compreender, também, ao lado disso, que não somos apenas isso, mas uma vontade que pode reger tudo e que pode vencer esta necessidade dentro de determinados limites, isto é, dentro do que pode acontecer, do que pode sobrevir em relação ao futuro. Este é algo que é dado ao homem, não o passado nem o presente, porque vivemos dentro da lei da necessidade, Deus nos deu o futuro para que nós o dominássemos e o que é a Ciência e o saber no homem, senão o intuito dele, por esses meios, de conseguir dominar o futuro? Na verdade a ciência do homem é um meio de domínio sobre as coisas. Elas não acontecem ao acaso e sem regras, como alguns pensam. Há uma lei férrea que rege todas as coisas – lei que vem do Um - a lei da Unidade. A dignidade do homem, a nossa própria dignidade é que deve ser a medida de todos os nossos deveres; a dimensão das nossas ações e das nossas palavras; a observação dos nossos deveres nada mais é que a observação exata da justiça. Diz Hiérocles: eis porque a justiça é posta aqui, é a cabeça de todas as outras virtudes, por tornar-se a medida e a regra de todos os nossos deveres. Observa a justiça, diz ele, tanto em tuas ações como em tuas palavras.

Ora, a melhor regra e a melhor medida da justiça é a prudência; e após o preceito: observa a justiça, acrescentou: e não te acostumes a comportar-te em nada sem razão. A justiça não pode subsistir sem a prudência, que exige um conhecimento. Não há verdadeiramente justo senão o que a prudência perfeita limitou. Ela não se comporta em nada sem razão, pois examina e pesa com cuidado o que é deste corpo mortal, do que ele tem necessidade.

Cultivar a justiça é, portanto, o verdadeiro caminho do pitagórico, porque não esqueçamos que os bens da fortuna são incertos e que, do mesmo modo como podemos adquiri-los, podemos perdê-los. Não devemos, pois, apegarmo-nos a eles pois esta é uma maneira de sermos dominados pelas coisas e não de dominá-las. Respeitar-se a si mesmo é algo que está incluso no “Conhece-te a ti mesmo’, porque, conhecendo o que somos e o que podemos ser, a nossa perfectibilidade, as nossas grandes possibilidades, por amor a nós mesmos devemos ser grandes, se podemos sê-lo. Estas são as normas que o pitagorismo nos ensina.

Mais adiante ele faz ver que devemos lutar pela virtude, pela nossa elevação, já que possuímos uma alma que subsiste à vida do corpo e merece, exige, que a cuidemos porque é imortal e vai estar, em nossas mãos, o seu bem ou a sua desgraça.

Vejamos os comentários de Fabre D’Olivet: o ponto de partida do pitagorismo é sempre a liberdade da pessoa humana e sua capacidade de subjugar, em graus maiores ou menores, as suas paixões. Entre os que afirmam não sermos um ser volvido pelas nossas paixões e como os estóicos, que para vencê-las, para reprimir os seus excessos, temos de destrui-las, a posição pitagórica é bem clara: somos um misto de necessidade e liberdade. As paixões constituem a nossa necessidade. Há nelas algo de irresistível no seu sentido

natural, mas dispomos, contudo, de uma mente tão poderosa que é capaz de pouco a pouco suplantar essas paixões, dominá-las, vencê-las, sem destruí-las; porque o pitagorismo não prega que a nossa vitória seja feita sobre uma morte, mas sim, através de uma ressurreição, de uma exaltação, de uma sublimação de nós mesmos!

O autor compreendeu muito bem esse aspecto e mostrou que Platão havia sentido esta verdade e a havia indicado em diversas passagens de suas obras, sobretudo no segundo diálogo do Hipias, em que mostra se parecer pelo designo que o homem bom ou mal, virtuoso ou criminoso, verídico ou mentiroso só o é pelo poder da sua vontade, e que a paixão que o leva à virtude ou ao vício, à verdade ou à mentira é nula para ele. De forma que nenhum homem é mau senão pela faculdade que tem de ser bom, nem bom senão pela faculdade que tem de ser mau. Mas se o homem tem a faculdade de ser bom ou mau a seu bel prazer, não é ele levado irresistivelmente para o vício ou para a virtude?

Fabre D'Olivet diz que esta pergunta sempre impressionou aos pensadores e provocou inúmeras concepções, e daí fazer uma interpretação da concepção do pecado original no Cristianismo como sendo o modo de enfrentar este problema no que aliás ele erra, porque não tem uma noção clara deste tópico.

Estuda Moschus[19], filósofo fenício, praticamente o fundador da física e criador da primeira teoria atômica, secundado por Leucipo, Demócrito, Epicuro e pelos que se deixaram levar pela concepção da necessidade, passando pelos eleatas e estóicos e chega a conclusão que a posição pitagórica é a mais justa, a mais razoável, a mais real, a melhor fundada porque não necessita de lançar mão de nenhuma hipótese já que se funda na realidade do homem. O homem é um ser movido pela necessidade, mas que pelo seu entendimento e pela sua vontade domina, vence, suplanta suas paixões sem precisar destruí-las. Este pensamento é o de todas as grandes religiões: Krishna, Zoroastro, Lao Tseu, Orfeu e é encontrado em todos os livros religiosos. Portanto é uma doutrina universal, sempre presente em todas as grandes religiões.

O problema que se coloca aqui é o problema do mal. Fabre D'Olivet dá a entender que o tema não foi resolvido por Platão (claramente ele declarou não ter dado uma solução) e os pitagóricos se calavam sobre a origem do mal e diziam que havia um segredo que não podiam revelar a não ser para aqueles que estivessem iniciados.

No pouco que se encontra registrado pode se deduzir que eles diziam assim como os escolásticos, que o mal era um acidente, não existindo de *per se*, não é algo que se dê *per se* e sim *per accidens*. Assim não é algo substancial, algo primário, princípio das coisas, mas decorre das relações das coisas entre si e da observação da própria coisa, olhada segundo os seus graus perfectivos. Pode-se afirmar que o aspecto mau de uma coisa está na proporção das perfeições de que ela carece e o aspecto bom, no grau das perfeições que possui. O mal é, assim, alguma coisa que acontece e, como todo acontecimento, é frustável, é vencível, é reduzível cada vez mais e passível de ser modificado. Daí que o homem pode reduzi-lo cada vez mais, seja na sua vida individual como na social. Em vez de estar acusando a Divindade como criadora do mal, deverá compreender que este decorre da

[19] Moschus, filósofo fenício que viveu no século XII ou XIII a.C.

deficiência da própria criatura. Havendo criação necessariamente teria que haver o mal, pela própria deficiência do ser criado.

Voltando a Fabre D'Olivet , ele declara que Pitágoras olhava o homem sob três modificações principais como o universo e dava ao homem o nome de microcosmos ou de pequeno mundo, composto similarmente ao universo que, comparado a um grande todo animado, composto de inteligência, alma e corpo recebia o nome *Pan* ou *Phane*s[20].

O homem ou microcosmo era formado de corpo, alma e inteligência e Pitágoras chamava a atenção desse ternário. O vício da alma era a intemperança; o da faculdade irascível era a covardia e o da faculdade racional, a loucura. O vício, estendendo-se sobre as três faculdades seria a injustiça e elas seriam as faculdades da alma racional, irascível e apetitiva, segundo a divisão dos pitagóricos. Para evitar esses vícios, o filósofo recomendava quatro virtudes principais a seus discípulos: a temperança para a faculdade apetitiva; a coragem para a faculdade irascível; a prudência para a faculdade racional e para as três juntas: a justiça que ele considerava como a mais perfeita das virtudes da alma.

Passemos aos comentários de Paul Carton, acrescentando os nossos, à proporção que haja necessidade de esclarecer um ou outro ponto.

Pitágoras estabelecia uma obrigação fundamental através de suas máximas: nunca ignores que deves aprender a dominar as paixões. Este é um dos primeiros deveres do homem para consigo mesmo e, segundo o Mestre, era fundamental para a educação de si mesmo e para o progresso do ser humano. O homem, após esse domínio constante das paixões, pode alcançar os pontos mais elevados da sua perfectibilização, estabelecendo uma série de regras fundamentais como ponto de partida.

Uma das máximas pitagóricas era afirmar que o pior flagelo do homem era a irreligião, depois, a falta de sobriedade. Esta era a primeira virtude a ser conquistada. A luta contra a gula e contra a intemperança como o primeiro dever individual, porque nada pode prejudicar tanto ao caráter como os excessos da mesa e da bebida. A sobriedade leva a um apaziguamento dos desejos corporais, a tranqüilização dos ímpetos, o que adquire-se através de uma atividade própria do corpo, do exercício corporal, ou seja, pode-se usar o corpo para obter esta vitória sobre as suas fraquezas, através de uma boa alimentação frugal, sóbria, evitando os alimentos excitantes em demasia ou artificiais ou tóxicos e tudo o que possa abalar os nervos e excitá-los.

A atividade é outro meio de desenvolver e por em ação as disposições inativas, não permitindo que a preguiça, a ociosidade, a inércia, tomem conta e estimulem os vícios. Aqueles que não trabalham, que não se dedicam a alguma coisa, em pouco tempo tem o espírito cansado, perturbado. Enfraquece-se a vontade e, consequentemente, seu caráter e daí dá-se uma deteriorização moral, além de levá-los a ociosidade, ao tédio e, consequentemente ao desgosto de todas as coisas. Como diz Paul Carton: o homem preguiçoso é um homem que prepara para si uma vida sombria, uma sorte dolorosa, que

[20] "*Pan*" em grego significa "Tudo", e "*Phanes*" deriva da palavra fenícia "*ânesh*", o "Homem", precedida do artigo *ph*. Estas duas palavras vem da mesma raiz *ân*, que, em sentido figurado exprime a esfera de atividade, e em seu sentido próprio, a circunscrição do ser, seu corpo, sua capacidade.

entrava as forças da própria evolução. O trabalho é um alimento para o espírito, porque nos obriga a entrega das nossas forças vitais superiores, vivifica-nos e engrandece-nos, estimulando o desenvolvimento dos nossos músculos e também da nossa inteligência. Toda atividade, naturalmente ordenada, é boa e deve ser usada e empregada. Devia ser impressionante, no mundo grego, a quantidade de ociosos como também entre os romanos. Homens cercados de escravos para todas as funções, até para as intelectuais – escravos para pensar como se fossem máquinas cibernéticas – o que não deixava de ser uma marcha para a destruição. Contra isso lutou o pitagorismo porque o homem deve afanar-se, trabalhar porém não desordenadamente, mas dentro de uma disciplina para que suas forças desabrochem plenamente!

Este desenvolvimento do homem, entretanto, se processa dentro do corpo, com as suas possibilidades corpóreas. Outro ponto a considerar é a castidade. A luxúria é um obstáculo, diz Paul Carton, insuperável à elevação do espírito, porque estabelece o domínio das paixões puramente animais, além de causar um dispêndio prodigioso de forças vitais, o que leva ao esgotamento intelectual e físico. Os prazeres carnais devem ser evitados tanto quanto possível, admitindo-se somente aqueles que são legítimos, que estão envoltos no pensamento de uma unidade espiritual o que os faz humanos; senão seriam meramente animais. Para o pitagorismo a castidade é a prática dos prazeres carnais, mas envoltos no pensamento da unidade espiritual, isto é, como atos humanos e não como atos animais.

Daí afirmar que devemos ser castos não só nos nossos atos, mas também, no nosso pensamento e nas nossas palavras. O sexo só é grande quando unido ao amor, pois tendo esta unidade espiritual é superior; do contrário é um ato animal e não somos animais, dizem os pitagóricos. Temos que elevar a nossa humanidade e não cair na animalidade! Isto não quer dizer que abandonemos as necessidades do corpo, as necessidades fisiológicas. Ser casto é ser sóbrio e digno nas práticas desses atos. Eles devem estar elevados por um sentimento de amor sublimado, de amor espiritualizado, de alguma coisa que nos eleve. Esse é o sentido verdadeiro da castidade para o pitagorismo.

Eles aconselhavam também o não arrebatamento pela cólera, já que esta é uma fraqueza normal no ser humano, mas vencível. A cólera, pela sua violência, tende a obscurecer a razão, a aniquilar a vontade e faz com que sejamos arrastados a cometer atos repreensíveis dos quais, posteriormente, nos arrependemos amargamente. Paul Carton observa que os coléricos são os que estão mais sujeitos às doenças, pois os que tem mais calma, lutam e conseguem uma melhora. As pessoas coléricas vivem, em geral, em discórdia; em angústia perpétua com seus semelhantes e provocam a falta de respeito e de confiança. Não tem amigos porque lhes falta afabilidade e são levados a precipitação no seu julgamento. Suas conclusões são irrefletidas e imponderáveis e daí cometerem injustiças criando um ambiente desagradável. Pitágoras dizia: "não batas num animal inofensivo"; "não quebres um galho de uma árvore", ou seja: "nunca praticar um ato onde a cólera esteja presente".

Deve haver uma procura de maior afabilidade possível, calma e brandura nas palavras, domínio da fúria que é o caminho da insubmissão e do ódio.

Os Versos Áureos, assim, passam a entrar na ação da vontade: sede irrepreensível ante os outros e a si próprio. Acima de tudo respeitar-se a si mesmo. Tudo que se faça na

nossa vida, nossas palavras e atos sejam inspirados na mais pura justiça. Dizia Pitágoras numa máxima: há certeza de atingir o mais alto grau de virtude, se se é verdadeiro e benfazejo. É preciso evitar tudo quanto implica desonestidade: a mentira, o roubo, a injustiça, a hipocrisia. Dizer sempre a verdade. Dedicar-se à investigação da verdade em todas as coisas e dizia o Mestre: a maior caridade é proclamar a verdade porque este é o caminho daquele que auxilia, que orienta para o bom termo. É a atuação do bom mestre, do bom guia, que ensina e dá aos outros os meios intelectuais para poder vencer as deficiências e as dificuldades. Proclamar a verdade é proclamar o conhecimento exato, é indicar os caminhos do saber, como meio também de dominar as coisas e vencê-las e poder transformá-las em bens mais úteis, mais convenientes. Ser caridoso não é apenas dar bens materiais que possuímos, mas dar bens espirituais, já que são eles que fortalecem o homem e o podem elevar, tirando-o do estado de miséria. Os pensamentos devem sempre dirigirem-se para o bem, assim como as nossas conversas devem ser sobre assuntos construtivos. Evitar que as nossas palavras sejam injuriosas. Os pitagóricos, levavam isto a sério. Segundo Cícero se abstinham até de pronunciar palavras nefastas ou termos impuros, com receio de atraírem sobre si influências funestas. Esta é a forma de nos elevarmos, de nos respeitarmos de tal modo que nem em nossos próprios pensamentos cometamos uma ofensa. Não mintamos a nós mesmos; não tentemos nos enganar como nos enganamos pelo orgulho, pela vaidade. Ser no íntimo como no exterior, o que é verdadeiro deve ser exposto, custe o que custar! A vida é uma ciência, é a ciência do dever, o que ensina fazer o bem pelo bem, dizer a verdade pela verdade, sem preocupação com as vantagens ou desvantagens que possam daí resultar.

No caminho da humanidade é preciso evitar viver maquinalmente. Não sermos apenas homens que comem, que bebem, que dormem. Seres que atravessam a vida como coisas impulsionadas pelos vendavais da existência, folhas soltas ao vento, movidos pelas suas paixões no conflito dos interesses e vítimas das nossas vaidades. Eis uma máxima pitagórica: não viver como máquinas nem como coisas, viver como homens!

Daí ser importante refletir sobre o nosso destino comum, sobre os nossos papéis na sociedade, sobre os nossos atos; em suma, sobre tudo quanto diz respeito à nossa vida.

Viver com dignidade e trabalhar, mas sem contrair hábitos de luxo e de ostentação; adquirir hábitos modestos, simples, sem nos preocuparmos a não ser com as regras da vida honesta e sã. Cuidarmos para que o essencial não nos falte e sobretudo a coragem e a justiça. Nunca pensarmos que a riqueza e o excesso de bens suntuários seja a felicidade.

Versos XXVIII – XXIX – XXX

Consulta e delibera antes de agir, a fim de não te entregares a ações loucas.
Pois é de um espírito pobre falar e agir sem razão e sem reflexão.
Mas faze tudo quanto a seguir não te aflija e não te obrigue ao arrependimento.

A consulta sábia e prudente não produz as virtudes, mas as aperfeiçoa e as conserva. De maneira que é ela a mãe, a alimentadora, a guarda das virtudes, pois quando consultamos tranqüilamente em nós mesmos que caminho devemos seguir, a virtude se faz escolher por sua própria beleza. Após essa escolha, a alma bem afirmada por essa consulta,

sustenta todas as espécies de trabalho e de combates pela virtude; e já acostumada à posse das coisas belas e honestas, ela conserva seu juízo são e íntegro na perturbação das calamidades mais desagradáveis, de modo que tudo quanto vem de fora para atemorizá-la, não pode fazê-la desmentir ou obrigá-la a mudar de opinião, como de se persuadir que há uma outra vida feliz do que aquela que ela escolheu.

Assim há três efeitos tangíveis da sábia consulta: o primeiro é a escolha da melhor vida; segundo, é a prática dessa vida, que escolhestes; e a terceira, a guarda segura e exata de tudo que foi sabiamente deliberado.

Desses três efeitos: o primeiro é a razão, que precede a execução do que queremos fazer e que coloca, por assim dizer, os primeiros princípios das ações. O segundo é a razão, que acompanha a execução e que acomoda e ajusta com antecedência cada ação com os princípios que a precedem. E o terceiro é a razão que segue a execução e que, examinando cada ação, que se vem de fazer, julga se ela foi feita a propósito e como deve ser feita: assim, em todas as coisas, vêem se brilhar as belezas da consulta sábia e prudente. Ora ela gera as virtudes, ora ela as alimenta e as aperfeiçoa e finalmente, ela vela pela sua conservação, de maneira que é ela mesma o começo, o meio e o fim de todos os bens e é nela que se encontra a libertação de todos os males, e é apenas por ela que podemos aperfeiçoar as nossas virtudes. Pois sendo nossa natureza racional e por conseqüência capaz de deliberar e consultar, e levada por sua vontade e sua escolha a tomar um partido bom ou mau, se ela escolhe bem, então a boa vida que ela abraça conserva sua essência, enquanto que uma escolha feita sem razão corrompe-a tudo quanto esteja nela. Ora, a corrupção do que é imortal é o vício, cuja mãe é a temeridade, do que este verso nos ordena de fugir afim de que não façamos ações loucas, e as ações loucas são as ações infelizes e más; pois falar ou agir, sem razão e sem reflexão, é próprio do miserável, quer dizer, é próprio do infeliz. Se tu consultas antes de agir, jamais cometerás ações insensatas, que só podem afligir aqueles que temerariamente agiram, sem consultar, pois o arrependimento mostra evidentemente o vício da escolha, cuja experiência fez sentir seu prejuízo.

Ao contrário, o que segue ao bom conselho, a bondade e a segurança da escolha, mostram pelas próprias ações a utilidade que daí resulta. Digo utilidade não do corpo nem das coisas exteriores, mas de nós mesmos, a utilidade só olha por nós, qual nos ordena aqui consultar antes de agir e de não fazer senão as ações que não nos afligirão desde logo, quer dizer, que não afligirão a nossa alma. Pois que serve ao homem reunir grandes riquezas, pelos perjúrios, pelos assassínios, por outras espécies de obras de celerados? Que lhe serve ser rico por fora quando deixa a sua alma na pobreza e na privação dos únicos bens que lhe são verdadeiramente úteis? Há mais infelicidade em ser insensível, e se algumas vezes a consciência o leva a um sentimento de suas ações, ele não pode senão sofrer o remorso, que elas provocam, e mortalmente atemorizado pelos suplícios do inferno, ele não vê outro remédio para seus males do que o próprio nada. Tal o funesto estado a que se vê reduzido. Busca curar um mal por outro mal, procurando na morte da alma a consolação de seus crimes, ele condena a si mesmo a não ser nada mais após a morte, para se libertar das penas, senão a idéia que o último juízo lhe faz visualizar. O mau não quer que a alma seja imortal, com medo de viver outra vida, na qual ele vai sofrer. E nesse pensamento, previne a sentença de seu juiz, e condena-se a si mesmo à morte, como sendo justo que a alma criminosa não exista mais. Nisso esse infeliz precipitado no vício por sua temeridade e sua loucura, volve contra si mesmo uma sentença, conforme a seus excessos e a seus crimes.

Mas o mesmo não se dá quanto aos juizes dos infernos, como eles formam seus julgamentos sobre as regras da verdade, eles não pronunciam que a alma não deve mais existir, mas não deve mais ser viciosa; e trabalham para corrigi-la e para purgá-la ordenando-lhe penas para a salvação da própria natureza, do mesmo modo que os médicos que, por meio de incisões e de cautérios curam as úlceras mais malignas. Esses juizes punem o crime para expulsar o vício pelo arrependimento, e não aniquilam a essência da alma e não a reduzem a não ser: ao contrário, eles a reconduzem a ser verdadeiramente pela purgação de todas as paixões que a corrompem. Pois a alma está em perigo de se perder, de aniquilar a sua essência, quando ela, afastando-se de seu bem, precipita-se no que é contra a sua natureza, e quando ela retorna ao que é conforme à sua natureza, ela encontra toda a sua essência e recobre este ser puro que ela havia alterado e corrompido pela mistura das paixões. Eis por que é mister sobre todas as coisas, ter o cuidado de não pecar, e se se pecou correr à frente da pena, como o único remédio de nossos pecados, corrigindo nossa temeridade e nossa loucura pelo socorro salutar da prudência e da razão, pois após termos caído de nossa inocência pelo pecado, nós a recuperaremos pelo arrependimento e pelo bom uso que fazemos do castigo de Deus para nos reerguer.

O arrependimento é o começo da Filosofia, a abstenção das palavras e das ações insensatas, é a primeira providência de uma vida que não estará mais sujeita ao arrependimento; pois aquele que consulta sabiamente antes de agir, não cai nas infelicidades imprevistas e involuntárias, e não comete, sem nela pensar, essas ações, do qual teme as conseqüências e resultados, mas dispõe do presente e se dispõe a tudo que pode acontecer contra a sua expectativa, eis por que nem a esperança dos bens a fará renunciar a seu verdadeiro bem, nem o temor dos males a conduzirá a cometer o mal, mas tendo seu espírito sempre ligado às regras que Deus prescreveu, regula sobre elas a sua vida.

Mas a fim que conheças quanto é miserável falar e agir sem razão, vê Medeia clamar seus furores nos teatros. A violência de um amor insensato impeliu-a a trair os pais, a seguir um estrangeiro, e depois, desprezada por este estrangeiro, ela encontra seus males insuportáveis, e nesse pensamento, ela exclama:

Que os raios do céu venham romper minha cabeça!

Após ela se entrega às ações mais atrozes. Em primeiro lugar, é loucamente e sem razão que ela pede que o que é feito não seja feito; depois, em verdadeira insensatez, louca, ela cuida de curar seus males por outros males, pois crê desfazer o começo de suas infelicidades por um fim ainda mais infeliz, pensando encobrir, pelo assassínio insensato dos filhos, o casamento feito sem reflexão como uma precipitação cega.

Se queres ainda olha Agamenon de Homero. Esse príncipe, castigado e punido por não ter sabido pôr um freio à sua cólera, exclama, chorando:

Ah, estou perdido, minhas forças me abandonaram!

E no mau estado desses casos, ele extingue por uma corrente de lágrimas o fogo de seus olhos, que a cólera havia alumiado na sua prosperidade.

Tal é a vida de todo insensato. Ele é impelido e manejado pelas paixões contrárias; insuportável em suas alegrias, miserável em suas tristezas, fogoso e altivo quando espera, covarde e mesquinho quando teme; numa palavras, como não há a generosa segurança que dá o sábio bom conselho, muda de sentimento com a fortuna. A fim, pois, de não dar ao público dessas espécies de cenas, tomemos a reta razão por guia em todas as nossas ações, imitando Sócrates, que diz em certa parte: "Vós sabeis que não é hoje que eu tomei o hábito de não obedecer a nenhum dos meus senão à razão que me parece a mais reta e a mais justa, após tê-la bem examinado."

Por estas palavras nenhum dos meus, ele entende todos os seus sentidos.

Com efeito, todas essas coisas que nos são dadas para servir à razão, como a cólera, o desejo, o sentimento, e o próprio corpo, que existe para servir de instrumento a todas essas faculdades, todas essas coisas são nossas, não são porém nós. É mister não obedecer a qualquer coisa senão à reta razão, como diz Sócrates: quer dizer, à parte racional que está disposta segundo a natureza, pois é a única que pode ver e conhecer o que deve dizer e fazer.

Ora, obedecer a reta razão e obedecer a Deus é a mesma coisa, pois a parte racional esclarecida da irradição que lhe é própria e natural, não quer senão aquilo que quer a vontade de Deus. A alma bem disposta, segundo Deus, está sempre de acordo com Deus, e tudo o que ela faz, ela o faz olhando sempre a divindade e a luz brilhante que a cerca. Enquanto que a alma que está disposta de maneira contrária e que olha o que é sem Deus e tenebroso, está empolgada aqui e ali pela aventura, erra sem manter o caminho certo, destituída do entendimento, caída da Divindade, de tudo o que faz a verdadeira regra, de tudo o que é belo e honesto. Eis os grandes bens, os bens infinitos que oferece o conselho sábio e prudente, e os grandes males que advêm necessariamente da temeridade e da falta de reflexão. Mas aconselhar antes de agir, além desses grandes bens que acabamos de falar produz ainda um bastante considerável; é que reprime todos os movimentos da opinião e nos leva à verdadeira ciência e nos faz manter uma vida que pode deixar de ser deliciosa, pois ela é boa e é justa em alto grau.

Comentários aos versos de XXVIII a XXX

Consulta e delibera antes de agir, a fim de não te entregares à ações loucas, pois é de um espírito pobre falar e agir sem razão e sem reflexão; faze tudo quanto não te aflija e não te leve ao arrependimento.

A virtude é sempre a regra fundamental, o emprego da razão, do raciocínio ou a escolha sábia, é o caminho para todos os nossos atos. Temos que nos acostumar a usar a razão e a distinguir o que pretendemos fazer para saber se procedemos bem. Os comentários de Hiérocles são importantes, mostrando-nos que a corrupção do que é imortal é o vício cuja mãe é a temeridade. O vício do espírito é a má razão, é o raciocínio falso. Temos que evitar tudo isso, e como? Consultando antes de agir, verificando o porquê das nossas ações e escolhendo, com o máximo cuidado, o modo de proceder. Temos que evitar estes estados de infelicidade que muitos, como Agamenon, descrito por Homero, que depois dos erros cometidos, pedia o castigo já que não fora capaz de colocar um freio na sua cólera e tê-los evitado.

Sócrates dizia: “Vós sabeis que não é hoje que eu tomei o hábito de não obedecer a nenhum dos meus sentidos senão a razão, que me parece a mais reta e a mais justa após tê-la bem examinado.”

Estas palavras ditas na sua defesa são bem expressivas e mostram como deve proceder um verdadeiro pitagórico.

A alma bem disposta, segundo os deuses, está sempre de acordo com Deus e, tudo o que faz e executa, ela o faz olhando a divindade e a luz brilhante que a cerca, como por exemplo, aconselhar-se antes de agir. Mas como?

Versos XXXI – XXXII

Não faze nunca coisa alguma que não saibas.
Aprende tudo o que é mister saber, e por este meio levarás uma vida deliciosa.

Compreender as coisas que não sabemos, isso impede apenas de fazer faltas; mas aprender o que leva à boa vida, além de nos impedir também de fazer faltas, tal nos dirige e nos faz vencer em tudo o que empreendemos.

O conhecimento de nossa própria ignorância que excita a opinião, e a aquisição da ciência asseguram o sucesso de nossas empresas. Essas duas coisas são muito belas: Conhecer o que não sabemos, e aprender o que ignoramos, elas são seguidas de uma vida muito bela e deliciosa, e essa vida deliciosa não existe senão para aquele que está isento de opinião e cheio de ciência, que não se orgulha de nenhuma das coisas que sabe, e que quer aprender tudo o que merece ser aprendido.

Ora nada merece ser aprendido senão o que nos leva á semelhança divina, que o que nos pode dar os meios de saber agir como se deve agir, a fim de que não façamos ações loucas, que nos ponhamos fora de estado de sermos seduzidos e enganados, pelo que quer que seja, nem por palavras, nem por ações.

O que merece ainda ser aprendido é o que nos torne capazes de fazer a diferença dos raciocínios que se entende, o que nos faz suportar a divina fortuna e nos dá um meio de corrigi-la, o que nos ensina a não temer nem a pobreza nem a morte, e a praticar a justiça, o que nos torna temperantes, sobretudo o que se chama os prazeres, o que nos instrui sobre as leis da amizade e do respeito que devemos àqueles que nos deram a vida, o que nos mostra a honra e o culto que devemos aos seres superiores.

Eis quais são as coisas que esses versos nos dizem, que é preciso aprender, que são seguidas de uma vida deliciosa.

Pois aquele que se distingue por sua virtude goza de voluptuosidades que não são seguidas de arrependimento e que imitam a constância e a estabilidade da virtude que oferecem; pois toda voluptuosidade é a seqüência natural de uma ação, qualquer que seja. A voluptuosidade não subsiste por si mesma, mas acontece quando fazemos tal ou qual ação. Eis por que a voluptuosidade segue sempre a natureza da ação. As ações piores produzem as

piores voluptuosidades; e as melhores ações produzem as melhores voluptuosidades. De sorte que o virtuoso não está somente acima do vicioso pela beleza da ação, mas o ultrapassa, ainda pelo ganho da voluptuosidade, pela qual parece, que só o vicioso se precipitou no vício. E com efeito, uma disposição é melhor que outra disposição. Também uma voluptuosidade é preferível a outra voluptuosidade. Assim numa vida virtuosa, na qual reluz a semelhança com Deus, é verdadeiramente divina, e que a vida viciosa é brutal e sem Deus é evidente que a voluptuosidade do virtuoso imita a voluptuosidade divina, segundo o entendimento e o próprio Deus, enquanto que a voluptuosidade do vicioso (quero bem empregar para ele o mesmo termo) não imita senão movimentos empolgados e brutais, pois as voluptuosidades e as tristezas nos mudam e nos arrancam de nosso estado. Aquele, pois, que vai colher onde deve fazê-lo, enquanto o faz, é feliz, aquele que ignora esses justos limites é infeliz. Assim, pois, a vida vazia de opinião, é a única isenta de faltas; aquela que está cheia de ciência é sempre feliz e perfeita, e, por conseguinte, deliciosa e boníssima.

Não façamos jamais o que não sabemos fazer, e o que sabemos, façamo-lo quando for mister. A ignorância produz as faltas, o conhecimento oferece a oportunidade, pois diversas coisas boas por si mesmas tornam-se más, quando elas não são feitas no tempo devido. Escutemos, pois, o preceito religiosamente, no que nos ordena de reprimir nossos movimentos e reter nossos atos, e aprender não tudo, mas o que merece ser conhecido. Pois assim ele nos incita às ações honestas e virtuosas, pois o bem-viver não consiste em ser isento de faltas, mas em fazer tudo o que é mister. Para um, basta desembaraçar-se das idéias pré-concebidas, para outros não pode ser senão o fruto da ciência.

Ora, de um e de outro, quer dizer: viver isento de faltas e de bem viver, eis a vantagem que te acontecerá; levarás uma vida deliciosa. Qual é esta vida deliciosa? Ela não é outra que a vida que goza de toda voluptuosidade que vem da virtude, na qual se encontram o bem e o agradável. Se desejamos o que é belo e ao mesmo tempo o que é agradável, qual será o contexto de que o verso chama de vida deliciosa? Pois aquele que escolhe o agradável, ou o vergonhoso, embora esteja durante algum tempo satisfeito pelo que lhe dá prazer, é muito breve entregue à amargura do arrependimento, pelo que há de vergonhoso em suas ações.

Aquele que escolhe o belo com o penoso, pode ter sido de início sacrificado pelo trabalho, mas bem cedo o belo suaviza a dor, enfim, com a virtude, ele goza de todos os frutos da voluptuosidade pura. Se com efeito se faz com prazer alguma coisa de vergonhoso, o prazer passa, e o vergonhoso permanece. Quando se faz alguma coisa de belo, com mil penas e mil trabalhos, as penas passam e apenas o belo permanece. De onde se segue necessariamente que a má vida é tristíssima e amargurada, e que a boa vida, ao contrário, é deliciosa.

Isto basta para a inteligência destes versos, mas como o cuidado do corpo não é indiferente para a perfeição da alma, vejamos o que acrescenta o Poeta.

Comentários aos versos XXXI – XXXII

Nestes versos encontra-se o preceito: "não faze nunca alguma coisa que não saibas. Aprende tudo o que é mister saber, e por este meio levarás uma vida deliciosa."

Se nos pusermos em ação para fazer aquilo que conhecemos bem, que já tenhamos estudado, dificilmente erraremos. Analisar as nossas experiências nos aspectos benéficos ou maléficos para evitar a repetição de erros que possam ser reiterados. São regras práticas, porém importantes, porque precisamente a loucura está no fazer sem prestar atenção ao que se faz.

Sabemos que todo ato, toda ação é uma seqüência natural de toda ação à voluptuosidade, mas nesta não está ligada apenas as ações más, como muitos crêem, porque há, também, ações boas nos momentos de voluptuosidade. Quem salvou uma vida, quem ajudou alguém, quem deu uma palavra de conforto, quem ajudou a desviar-se do mau caminho dando um bom conselho, sente no fundo a voluptuosidade do seu ato. Enganam-se aqueles que pensam que ela não deve ser desejada. Não. Ela é uma decorrência fatal da execução do próprio ato: se ele for bom, ela será fundamentada no bem; se for mau, ela poderá vir fundada no mal. Isto quer dizer que podemos ter momentos de prazer praticando o bem. De forma que a felicidade provém da prática de atos virtuosos e esta felicidade alimenta-se a si própria e isto acarreta maior força. Não devemos jamais tentar fazer aquilo que não sabemos, porque a ignorância é a causa de muitas faltas, enquanto que o conhecimento nos ajuda a realizar melhor os nossos atos; daí que devemos reprimir toda ação que esteja fundada no desconhecimento dos seus próprios resultados. Devemos ser capazes de medir o que pode acontecer e saber como proceder.

Aquele que escolhe o agradável com o vergonhoso embora permaneça por algum tempo satisfeito com o prazer, em breve se entregará a amargura do arrependimento. Se escolhe o belo com o penoso, mesmo que de início tenha sido sacrificado pelo trabalho, logo o belo suaviza a dor e com a virtude goza de todos os frutos da voluptuosidade pura. Se faz o prazer com alguma coisa de vergonhoso, o prazer passa e o vergonhoso fica. Se faz alguma coisa com o belo junto com muitos esforços, as penas passam mas o belo permanece. De onde se segue que a má vida é triste e amargurada e que a boa vida é deliciosa.

Fabre D’Olivet analisa os versos e parte para uma análise da cultura corporal, porque, além da cultura espiritual e mental o homem tem que cuidar daquela para atingir a perfeição. Inicia com os primeiros versos que já foram analisados e discorre sobre o papel de Pitágoras na construção do termo Filosofia e das palavras simbólicas emitidas por ele, como: “não se deve atiçar o fogo com a espada", "não se deve colocar o bom alimento no vasilhame impróprio", "nem todas as matérias são próprias para se fazer uma estátua de mercúrio” – máximas enigmáticas mas que indicam que se deve evitar todo o excesso – que é o fundamento do pitagorismo – que não se deve, portanto, sair do justo meio. Assim diz ele, "não se deve usar da espada na causa de Deus e da verdade; não se deve confiar a ciência à uma alma corrompida" ou, como dizia Cristo: “atirar pérolas aos porcos e nem dar aos cães as coisas santas”, pois nem todos os homens são igualmente adequados à receber a ciência e a tornarem-se modelos de sabedoria, refletindo a imagem de Deus.

Este é um dos problemas mais sérios da nossa época, já que ela se caracteriza pela tendência em dar a ciência a qualquer um, independentemente das condições morais e sem verificar se eles seriam capazes de usar o conhecimento e o saber para o bem. Não basta dispor de uma vontade livre, de um entendimento que abranja a maior soma de conhecimentos e de um amor intenso, porque o satânico também o pode ter, mas há uma

necessidade de que tudo seja apoiado sobre a virtude, sobre o homem virtuoso, que é guiado pela reta razão, e que deseja a prática do bem. Aquele que sabe respeitar o direito de seu semelhante e da pessoa humana, que tem o amor ao bem de todos, porque pode ter um amor muito intenso mas apenas para o seu bem ou do seu grupo, tornando-se assim, um elemento pernicioso.

Os pitagóricos sempre julgaram que o conhecimento não deve ser dado àquelas pessoas que não tenham bases virtuosas suficientes, para serem uma garantia de que não irão aproveitar-se do conhecimento do saber e da própria liberdade para executar o mal e prejudicar o seu semelhante. Esse é um tema atualíssimo e muito sério. Podemos continuar abrindo escolas para todo mundo, criando monstros de conhecimento, cheios de erros e maldade que poderão contribuir para perverter a humanidade. Pitágoras colocava-se contra o movimento pseudamente democrático da sua época, na falsa democracia fundada em políticos demagogos que só desejavam a ascensão aos altos postos, o que os pitagóricos não aceitavam.

Fabre D'Olivet chama a atenção sobre este ponto, e observa que devemos ter o máximo cuidado de fechar os nossos olhos e os nossos ouvidos aos preconceitos e temer o exemplo alheio, pensando sempre pela nossa própria cabeça. Estes preconceitos que recebemos da falsa ciência, mal orientada, dos equívocos que certas palavras produzem, daqueles que julgamos superiores, mas que transmitem conhecimento perniciosos e destrutivos, tudo isso ameaça o ser humano. É preciso afastar o que está errado. Temos que ter esta capacidade de consultar, deliberar, escolher livremente sem deixarmo-nos arrastar pelas ações loucas, de agir sem saber para onde tendemos e por que o fazemos; esta necessidade de olhar no presente, de contemplar o futuro, de ver as conseqüências do que pode advir, de ter uma capacidade de captar, não só os possíveis mas os prováveis. Tudo isto o homem necessita adquirir, vindo a fazer parte da sua liberdade porque, dentro da própria necessidade, no próprio contexto das leis que regulam os acontecimentos do mundo, ele pode adquirir conhecimentos que lhe possibilitarão evitar os males, diminuir os obstáculos e conquistar a liberdade.

Não deve tentar realizar alguma coisa para a qual não esteja suficientemente preparado. Toda doutrina de Pitágoras consiste nisso, em saber distinguir o que não se sabe, o que se ignora do que se sabe e esta foi também a orientação que, posteriormente, Sócrates e Platão foram dar para que o homem tivesse o cuidado de saber escolher entre os caminhos a seguir, para tomar os verdadeiros rumos que pode levá-lo aos resultados que lhe são mais benéficos.

Quando o ser humano tem noção que a verdade e o erro encontram-se misturados nas opiniões, deve abster-se de rejeitar em bloco uma doutrina ou de aceitá-la totalmente. Não deve rejeitá-la porque tem um ponto de discordância ou aceitá-la porque encontra um ponto de semelhança. É necessário evitar cuidadosamente não só a intransigência que forma os entusiasmos imerecidos como as impiedosas difamações; o espírito de opinião antecipada que os faz recusar todo valor a um sistema científico ou filosófico, porque um de seus dados é inexato; a intolerância que nos incita a recusar todo valor a uma religião, porque um de seus dogmas é inadmissível; o sectarismo que se arroga o privilégio de só ele possuir a verdade integral e o direito de a impor a todos; a pretensão individual que é obstáculo ao

progresso pessoal. Só o que é indubitavelmente contrário a lei moral e a lei natural deve ser formalmente reprovado e reprimido.

Comenta Paul Carton: à cada homem se deve falar a linguagem que ele compreenda e oferecer a parte de verdade que possa perceber. Além disso, não nos devemos mostrar impacientes se os resultados de nossos ensinamentos se tornam demorados. A vida é uma evolução, cujo desenvolvimento depende da faculdade de cada um, isto é, do que se tiver adquirido anteriormente. Se são maus é necessário melhorá-los devagar. É por isso que, ordinariamente, uma nova expressão da verdade, mais completa, mais perfeita, não poderia ser admitida subitamente. É necessário preparar o caminho. Compreende-se, assim, porque é que pregando só as mais altas virtudes e atacando os piores vícios, Pitágoras condenava ao mesmo tempo todo apelo à violência, toda tentativa de rebelião contra as leis existentes e todo pensamento de recriminação, como contrários ao plano de evolução e ao espírito de sabedoria. Devemos esclarecer os ignorantes com paciência; ensinar os extraviados com humildade e repelir os maus sem ódio. É uma máxima pitagórica: "se o erro triunfa momentaneamente, o sábio afasta-se e aguarda com paciência." O papel dos sábios é predizer o flagelo que ameaça, indicar os remédios que podem desviá-lo ou impedi-lo , mas se a sua voz não for ouvida, afasta-se sem ódio e sem remorso. Espera com paciência. Virá a destruição, mas, finalmente, triunfará o bem, porque o sacrifício, o sofrimento por que passarão os que erraram indicará o melhor caminho.

Refletir bem sobre o que se vai dizer e sobre o que se vai fazer. As pessoas que querem proceder bem devem buscar o convívio com as pessoas que procedem bem, porque lhe será mais fácil aprender o que é mais justo e o mais digno. Não se deve discutir com indivíduos mal intencionados, porque só se atiça o mal fogo, e "não adianta atiçar o fogo com a espada", dizia Pitágoras. Deve-se falar e proceder somente quando a nossa razão houver aprovado, indicando que o que vamos fazer é justo. Evitar os atos impensados, porque o que infelicita o homem é falar e proceder sem regra nem medida. Prever as conseqüências para não termos amanhã motivo de arrependimento.

A modéstia deve juntar-se a humildade, a humildade profunda, e deve nos levar a ser como Cristo pregava: a não ser que vos torneis criancinhas, não entrareis no reino dos céus. É necessário atingir aquela pureza que a criança possui. Devemos aproveitar todas as ocasiões de nossa vida para nos instruirmos, pois não há prazeres superiores que os prazeres de um espírito são. Mas tudo isto não basta se não forem acompanhados também do cuidado corporal. Passemos agora da cultura pessoal e da cultura mental para as regras da cultura corporal.

Versos XXXIII – XXXIV – XXXV

É mister não negligenciar de modo algum a saúde do corpo.
Deve-se-lhe dar com medida beber e comer e os exercícios de que ele tem necessidade.
Ora eu chamo justa medida o que não te incomodará.

Este corpo mortal nos tendo sido dado como um instrumento para a vida que devemos levar aqui embaixo, não devemos nem engordá-lo por um tratamento muito indulgente, nem emagrecê-lo por uma dieta muito rigorosa, pois um e outro excesso

produzem os mesmos obstáculos e impedem que possamos servimo-nos dele. Eis por que o poeta nos exorta aqui a tratá-lo com moderação, e não a negligenciar, nem quando ele se empolga por excesso de saúde, nem quando é combalido pelas doenças, a fim de que, conservado um estado em que ele deve estar naturalmente, esteja pronto a fazer tudo que a alma, que o conduz, lhe ordenar, a ir onde ela o queira, pois a alma é que se serve do corpo, o corpo é o que serve a alma.

O artesão é, pois, obrigado a ter cuidado do objeto do qual se serve, pois ele não deve querer somente se servir dele, é mister, também, tomar todo cuidado natural e necessário, para mantê-lo sempre em estado de executar as nossas ordens, e porque, por sua natureza, está sempre na geração e na corrupção, e que a assimilação e a evacuação entretêm-no e o alimentam, quer que o alimento, substituindo o que nele deperece, quer pelos exercícios que ajudam a evacuação do que abunda: é mister, pois, estabelecer uma justa medida, e alimentos que façam a repressão e exercícios que façam a evacuação. Esta dupla medida é dada pela razão que adequa o hábito corporal com as operações intelectuais da alma. Assim a razão tem o cuidado do estado de saúde que convém ao Filósofo.

Esta razão escolherá, pois, os exercícios e os alimentos que não engordem demasiadamente o corpo, e que também não impedem de seguir os movimentos intelectuais; pois não é somente de um corpo que ela se ocupa, mas de um corpo que serve aos pensamentos da alma.

Eis por que ela rejeita o regime atlético, porque ele não tem cuidado senão com o corpo, e que foge também do cuidado supérfluo do corpo, como inteiramente contrário à luz inteligente da alma. Mas o regime que pelos bons hábitos que oferece ao corpo, pode melhor contribuir às disposições necessárias para aprender as ciências e para fornecer a todos as ações belas e honestas, eis aquele que escolherá o homem que quer abraçar a vida da razão, pois é a esta que se diz: Ora, o que chamo justa medida é o que não te incomodará.

Que a medida do cuidado que terás do teu corpo não te incomode, tu que tens uma alma racional. Tu que és o guardião de todos os preceitos, que se vem de te dar, tu és obrigado a escolher o beber e o comer e os exercícios que tornam o corpo obediente às ordens da virtude, e que não levam a parte brutal a pular e a escoiçar contra a razão que a conduz, mas esta medida e cuidados que é preciso ter do corpo , deve ser regulada com bastante atenção e prudência, como sendo a primeira causa de todos os seus movimentos desregulados, pois o cavalo não se torna vicioso e não se torna senhor senão quando é demasiadamente alimentado e mal dirigido pelo escudeiro.

Falando da medida que é preciso seguir para o corpo o poeta pôs o beber antes do comer, porque é mais difícil de proibir-se e mais fácil de abusar, e que o beber perturba demasiadamente o bom hábito do corpo. O homem , sem o perceber, passará além da justa medida mais facilmente ao beber que ao comer. Ele põe em terceiro lugar os exercícios, porque corrigem a repleção que o alimento causou, prepara o corpo a alimentar-se mais sãmente, pois estas duas coisas não fazem senão um círculo entre elas e se sucedem naturalmente: o alimento e o exercício; o exercício e o alimento. O bom alimento dá lugar ao bom exercício , e o bom exercício ao bom alimento. Ora, a medida justa de um de outro não é a mesma para este e para aquele. Cada um tem cuidado de seu corpo segundo as vistas particulares, e segundo o uso que dele quer tirar. Todo homem cuida de acomodar seu

corpo à profissão que abraça. O lutador o prepara a todos os movimentos da luta, o lavrador aos trabalhos do campo, um outro o forma para uma outra espécie de serviço. Que fará então o filósofo? Em vista de que tomará ele cuidado de seu corpo e por que meio poderá torná-lo um instrumento? É visível que é o da Filosofia e de todas as suas obras. Ele não o alimentará, e não o exercerá em tudo, senão na justa medida em que o corpo deve tornar-se um instrumento de prudência e sabedoria, e tendo sempre cuidado, principalmente e previamente da alma, e para o amor dela somente, do corpo. Pois o filósofo não preferirá jamais a parte que serve àquela que dela se serve , como ele não negligenciará absolutamente a primeira, devido a outra. Ele terá cuidado do corpo na ordem e na linha conveniente como de um instrumento que ele refere à saúde e ao estado e à perfeição da virtude das qual ele se serve. Eis por que ele não o alimentará com todas espécies de alimento, mas apenas com aqueles que é mister para alimentá-lo, pois há aqueles que não devem lhe ser apresentados, porque tornam pesado o corpo, e arrastam a alma a todas as espécies de afeições terrestres e carnais, e é desses alimentos que o poeta fala, quando diz: Mas abstém-te de todos os alimentos que nomeamos ao tratar das expiações e da libertação da alma , e serve-te por isso de teu juízo. Ele rejeitará, pois, inteiramente todos esses alimentos por aqueles pelos quais ele pode se alimentar, e regulará a quantidade e o tempo, e como diz Hipócrates: examinará a estação, o lugar, a idade, e outras coisas semelhantes, o que não lhe permitirá de se encher sem exame e sem reflexão de tudo que pode alimentar. E ademais o mesmo regime não convirá ao jovem e ao velho, ao são e ao doente, àquele que acaba de entrar no estudo da Filosofia ou aquele que tem já um grande progresso e já alcançou a perfeição.

A medida pitagórica compreende todas estas coisas nestas palavras: o que não te incomodará, pois por estas poucas palavras ele refere ao cuidado do corpo, tudo o que tende e contribui à felicidade filosófica, e após o que disse da saúde da alma, acrescenta que não é mister, de maneira alguma, negligenciar a saúde do corpo, de forma que por isso ele nos ensina o que faz a virtude da alma que se serve do corpo, e, aqui, o que faz a saúde que oferece a conservação do corpo, que serve de instrumento. Junta, pois, estas duas coisas e encontrarás, quem quer que sejas, a quem o preceito se dirige, a justa medida do cuidado que se toma do corpo: o que não te incomodará, quer dizer o que não impedirá a intenção filosófica e que poderá ajudar a alma a caminhar no caminho da virtude.

Ao dizer a medida do beber e do comer, ele bane da mente a falta e o excesso e não recebe e não abrange senão o que mantém o meio que é moderado, e é apenas por esta moderação que se pode atingir ao domínio da gula, da preguiça, da luxúria e da cólera. Pois a medida de que se fala aqui reprime todo excesso nessa espécie de coisas, e exclui tudo que incomoda, o que rebaixa e o que acarreta a alma, que se dirige para a inteligência, quer dizer para Deus, pois é mister que a alma que se eleve para a inteligência, goze de uma inteira tranqüilidade, que ela não seja agitada pela violência das paixões, é mister que todas as coisas exteriores estejam submetidas, a fim de que, sem perturbação, ela possa meditar sobre as coisas do alto. Eis a medida que não te incomodará.

É ela que te tornará senhor de tuas paixões, conservará teu corpo, que te descobrirá a virtude da alma, que não destruirá nem alterará o estado de instrumento do qual se serve, pois é uma parte da virtude saber conservar o seu corpo, e torná-lo próprio a todos os usos que a Filosofia dele deve tirar.

Mas, como o cuidado do corpo não consiste somente no beber e comer, e que o corpo tem necessidade de muitas coisas, como roupas, calçados, móveis, alojamentos, e que em todas essas coisas é preciso guardar a justa medida, banindo o luxo e a sujeira, o poeta acrescenta com razão os versos:

Comentários aos versos XXXIII, XXXIV, XXXV

Comenta Hiérocles que não se deve negligenciar, de modo algum, a saúde do corpo, dando-lhe com justa medida de beber e comer, sem esquecer os exercícios dos quais ele necessita.

Acrescentemos algumas considerações: evitar o supérfluo, pois pode causar uma quebra da sobriedade que é fundamental para o cuidado do corpo. A justa medida não nos incomodará, pois é proporcionada a cada um. O corpo não deve ser cuidado apenas com uma finalidade atlética, mas para tornar-se instrumento, também, do saber, do conhecimento superior. Assim é que deve proceder o filósofo.

A justa medida pitagórica diz: “aquilo que não te incomodará”, referindo-se ao cuidado do corpo e, cada um, deve alcançá-lo ou seja, o que não nos enfraqueça ou nos torne doentios até o limite que não impeça a alma de caminhar pelo caminho da virtude.

Versos XXXVI – XXXVII – XXXVIII - XXXIX

Acostuma-te a uma maneira de viver limpa e sem luxo.
Evita fazer o que atraia a inveja.
E não dispende impensadamente como o que não conhece o belo e o honesto;
Mas não sejas nem avaro, nem mesquinho. A justa medida é excelente em todas as coisas.

Não é somente no beber e no comer que a justa medida é boa, diz o autor destes versos, mas, também, nas outras coisas, quando elas são igualmente afastadas do excesso e da falta; pois em tudo podemos passar duplicemente desta justa medida, quer do lado da magnificência, quer do lado da mesquinhez.

Uma e outra são condenáveis e indignas aos costumes do filósofo, e muito afastadas desta modéstia que é mister guardar no que concerne ao corpo, pois a limpeza, levada a um certo ponto, torna-se luxo e molície, e a simplicidade ultrapassada degenera em mesquinhez e em sujeira.

Para não cair no primeiro defeito, pela limpeza, nem no último, pela simplicidade, mantenhamos o meio, evitando os vícios vizinhos dessas duas virtudes, ao tomar todos os dois como corretivos um do outro. Abracemos um a vida simples, que não seja de falta de limpeza, e uma vida limpa, que não seja demasiadamente luxuosa. Guardemos, pois, a justa medida em tudo o que concerne ao corpo. Tenhamos roupas limpas, mas sem magnificência, uma casa limpa mas sem luxo, do mesmo modo nos móveis e também em tudo mais: pois a alma racional, comandando o corpo, é da justiça e do bom cuidado que o que concerne ao corpo seja regulado pela razão que, persuadida que tudo deve corresponder à sua dignidade, não sofra nem da sujeira nem do luxo.

Para afastar-se, pois, da magnificência, ela recorre à simplicidade, e ela se atira na limpeza para evitar o que é vilão e disforme. Ela, por exemplo, quer vestidos que não sejam de uma fazenda muito fina, mas limpa, da baixela que não seja nem de ouro nem de prata, mas de uma matéria comum e própria, uma casa que não seja nem guarnecida de mármore nem de outras pedras de grande preço, nem demasiadamente grande nem demasiadamente bela, proporcionada ao seu uso. Em uma palavra, a limpeza em toda maneira de viver exclui o luxo, como de nenhum uso, e recebe a simplicidade suficiente bastante para todas as necessidades.

Com efeito, os vestidos, a casa, os móveis nos servem sobretudo, quando são limpos e nos sejam proporcionados; pois, para que um grande prato para uma pequena porção e para que também um prato sujo, que estrague essa porção de alimento que nos desgosta? Que necessidade tem de uma grande casa um homem que enche apenas um pequeno canto e para que serve, também, uma casa suja que não se pode habitar? O mesmo em todas as coisas, encontrarás sempre dos dois lados, que tudo é inútil e de nenhum uso, fora do que junta a simplicidade à limpeza, pois desde que ultrapassas a medida da necessidade, tu te atirarás na imensidade do desejo.

Assim, pois, mede bem todas as coisas necessárias à vida, que tu possas incluir em sua justa medida, que é igualmente afastado dos dois excessos contrários. Acostuma-te, pois, diz o poeta, a uma maneira de viver limpa; mas a seguir, vendo que esta limpeza poderia nos atirar no luxo, acrescenta: e sem luxo. E ele poderia dizer simplesmente: acostuma-te a uma maneira de viver que seja sem luxo. Mas ele viu que essa simplicidade poderia cair no sórdido: eis por que ele acrescentou limpa e sem luxo, prevenindo, assim a queda de um e de outro lado, por seu próprio contrapeso, a fim de que dos dois resulte um gênero de vida forte e digno do animal racional.

Regulando, assim, nossa vida, tiraremos dela, ainda, um grande bem, é que evitamos a inveja que se segue sempre do que ultrapassa, quer exageremos de um lado ou de outro, então excitamos contra nós nossos próprios concidadãos, que, ou se irritam de nosso luxo, ou, então, deploram a nossa sujeira; ora nos acusam de prodigalidade, ora de avarícia, e de ser sórdidos e vis. É o que significa propriamente a palavra inveja, pois ao dizer-nos: Evita fazer o que atrai inveja, quer dizer o que atrai repreensão racional dos homens. Ora, a razão e o sentimento geral dos homens deploram a maneira de viver, o luxo e a sujeira, e a prodigalidade e a mesquinhez. Eis por que a honestidade e o meio termo, em todas as coisas exteriores, mostram as boas disposições de nossa alma, e fazem ver que a justa medida é o que há de melhor; pois é preciso tanto quanto possível que aquele que ama o repouso se abstenha de tudo que está sujeito a inveja, que não provoque essa inveja, como uma besta feroz, a fim de poder, sem perturbação, avançar no estudo da virtude.

Nós vivemos acobertos da inveja ao abraçar um gênero de vida simples e limpa e a evitar o fasto daqueles que ignoram em que consiste a honestidade e a vida sã; de sua ignorância resulta dois grandes males, um dispêndio e uma poupança fora de tempo, da qual uma é vituperada como orgulho e outra coma baixeza. Esses dois extremos são evitados pela liberalidade, virtude que consiste em dar e em receber, que encontra sempre, na receita e na despesa, o que é honesto e são, e que se adequa a todas as coisas exteriores com a reta razão.

Eis as reflexões profundas que esse Filósofo nos dá em seus versos, sobre o uso que devemos fazer de nosso corpo e de todas as coisas exteriores, a fim de que, por seu emprego, vejamos brilhar, em nossa conduta, a beleza da virtude. O preceito seguinte não é mais do que um sumário de tudo que ele acaba de dizer.

Comentários aos versos de XXXVI a XXXIX

Acostuma-te a uma maneira de viver limpa e sem luxo. Evita fazer o que atrai a inveja e não gastes impensadamente como quem não conhece o belo e o honesto; não sejas avaro ou mesquinho. A justa medida é excelente para todas as coisas. A limpeza sem luxo era uma regra fundamental dos pitagóricos. Viver na simplicidade e ter o suficiente para as necessidades.

Verso XL

Não faze as coisas que te poderão prejudicar, e raciocina antes de fazê-las.

Eis um preceito que muitas vezes nos é dado a dizer: Mas faze o que em conseqüência não te aflija, ou chamo justa medida o que não te incomodará; noutra parte: que ninguém por suas palavras nem por suas ações nunca te seduza, ou não te ponhas a dizer ou a fazer senão o que é útil para ti.

E, aqui, ele nos põe diante dos olhos todos esses preceitos com essa sumária recapitulação, aconselhando-nos de abstermo-nos de tudo o que pode nos prejudicar, e fazer tudo o que pode nos servir.

Ora, faz-se facilmente a distinção entre essas duas espécies de ações, quando se raciocina antes de agir, e se se considera o que é factível, e o que não o é. E é tempo de raciocinar e de consultar, quando não é ainda compreendido e que não é ainda posto em ação; quanto a estas palavras as coisas que não poderão te prejudicar, nós as explicaremos, como explicamos acima o preceito que ele deu quando disse: o que não te afligirá, explicando esse te, o que é verdadeiramente o homem, a essência racional; quer dizer, o homem que abraçou a sabedoria e que faz todos os seus esforços para tornar-se semelhante a Deus, pois esse homem interior está ferido por tudo que é contra à reta razão, por tudo que é contra a lei divina, por tudo que impede a semelhança com Deus e destrói em nós a sua imagem. Todas essas coisas vem ordinariamente do comércio daqueles com que vivemos e do cuidado que temos do corpo ao qual estamos ligados, do uso que fazemos das riquezas, e que não foram inventadas senão como um recurso para o corpo e que nós chamamos, por esta razão, com uma palavra que indica que elas devem servir às necessidades do corpo.

É preciso, pois, diz o Poeta, que aquele que está abrasado pelo amor dos bens divinos tome bem cuidado de se deixar, de nunca se deixar persuadir a fazer o que não lhe é útil, e que ele não conceda nunca ao seu corpo o que lhe será prejudicial, que não receba nem admita nada que possa afastá-lo do estudo da Sabedoria, do que ele tenha logo de se arrepender. Devemos prevenir todas essas coisas pelo raciocínio, que precede à ação, a fim de que o exame que faremos de todos os nossos atos, após o cumprimento, possa oferecer-nos uma agradável lembrança, é ao que ele se dedica nos versos seguintes:

Comentários ao verso XL

Não faze as coisas que te poderão prejudicar, raciocina , portanto, antes de fazê-las. Aquele que abraça o caminho da sabedoria deve esforçar-se para tornar-se semelhante à Deus.

O nosso raciocínio deve ser: é um caminho para Deus? É. Então podemos segui-lo, porque não prejudica. É um caminho que afasta de Deus? É. Então não devemos segui-lo pois poderá nos prejudicar. Devemos, diz Hiérocles, cuidar do corpo para que não seja prejudicial o seu estado e nos afaste do estudo da sabedoria e daí nos arrependermos. O ponto mais alto, para os pitagóricos, era o conhecimento das leis eternas e dos primeiros princípios: a Matese[21].

Com estes comentários terminamos a parte que corresponde a purificação humana – a *catarse* – e penetramos no grau de perfeição – o *teleiôtes*.

Fabre D'Olivet faz algumas considerações quanto à saúde, que é um dos pontos mais importantes. Os pitagóricos se dedicavam ao cuidado da saúde e era freqüente envelhecerem com pleno domínio da mente. Homens como Xenófilo, Apolônio de Tiana, inclusive Hipócrates de Cós (pai da Medicina na Grécia) e muitos outros teriam atingido idades avançadas.

A regra fundamental do cuidado corporal é a sobriedade e esta consiste em dispensar como medida do corpo, os alimentos e ao espírito, o repouso. Um dos pontos importantes consiste em saber qual era o regime alimentar aconselhado pelos pitagóricos. Sabemos que muitos naturalistas modernos afirmam que Pitágoras proibia, terminantemente, o uso do vinho e da carne. Não é verdade! Não os proibia quando regrados, assim como o uso de tóxicos quando fossem ministrados sob certas regras e fossem benéficos para o corpo, como medida curativa. Dizia, sim, que predominando na alimentação os alimentos de origem vegetal, pouco a pouco, o homem iria se abster do excesso de carne e das bebidas (sobretudo as fermentadas), e com o decorrer do tempo não teria mais gosto por elas; aí alcançaria o equilíbrio.

Paul Carton também comenta algumas passagens quanto à cultura corporal. A cultura mental deve ser simultânea, diz ele, com a corporal. Cuidar da saúde do corpo porque a do espírito adquire-se pela obediência das leis espirituais, que vão regular a elevação do pensamento, a formação da inteligência, a educação da vontade e a purificação do entendimento. Uma educação que despreze os cuidados do corpo ou os cuidados do espírito é falha. O atletismo, nos seus excessos, pode ser uma forma falha se não acompanhar o atleta o desenvolvimento do seu espírito. Assim, o verdadeiro sábio deve, ao mesmo tempo, ser um sacerdote do espírito e um médico do corpo. A Medicina, ensinada no Instituto Pitagórico, fez com que os pitagóricos alcançassem renome não só como educadores, mas também, como médicos. A ciência médica é devedora à Pitágoras de dois

[21] "Mathesis Megiste" é uma expressão dos pitagóricos, que traduzida significa "instrução suprema". Seria a décima ciência dos antigos, investigada por autores medievalistas e escolásticos, que a consideravam como produto da intuição sapiencial ou da contemplação sapiencial, descrita nos livros sapienciais da Bíblia. A Mathesis Megiste constrói um universo de discurso válido para todas as esferas do conhecimento humano, enquanto que as diversas disciplinas tem o seu universo de discurso apenas delimitado ao seu campo. Procura, assim, uma linguagem universal.

progressos muito importantes: retirar a medicina do confinamento dos templos para a praça pública; reconhecer e ensinar a influência dos números na marcha das doenças, preparando o caminho para Hipócrates, que foi um pitagórico.

O uso moderado dos alimentos e das bebidas é muito importante, pois tanto a super alimentação como a sub alimentação são flagelos para a humanidade. O excesso de jejum e de abstinência de certas religiões era combatido pelo pitagorismo. Bastava, diziam eles, ser sóbrios e aí estaria o caminho a seguir. Não se pense que significava que se devia usar e fazer de tudo, apenas no meio termo. Não, porque isto não seria o pensamento pitagórico, mas fazer-se de tudo que é bom dentro do meio termo porque, do contrário, os excessos são prejudiciais.

O exercício principal, e que eles admitiam ser o mais perfeito, era o caminhar. Nele estaria a perfeita harmonização do corpo.

Dizia Pitágoras: "é necessário fazer grandes coisas sem as anunciar e sem as prometer". "É melhor atirar uma pedra ao acaso do que uma palavra frívola e inútil: não digas pouco em muitas palavras, mas sim muito em poucas palavras." Deve-se evitar dar prestígio aos lisonjeiros, aos demagogos, aos mentirosos. A verdade não deve espalhar-se por meio de processos retumbantes, violentos e de uma propaganda agitada. As boas sementes não devem ser lançadas em terreno pedregoso, mas exige uma preparação da terra. A superioridade do espírito exige que o homem seja preparado para entender as grandes idéias, daí que o sábio deve proceder com calma para evitar os propagadores demagogos – os “moedeiros falsos”- que se aproveitam delas para benefício próprio.

Evitar gastar a mais do que é necessário ou entregar-se à avareza: evitar a gula, os dispêndios exagerados, o luxo; viver modestamente e preparar o corpo para que nos auxilie a penetrar nas verdadeiras leis da vida e no conhecimento da sabedoria superior, a Matese Megiste.

Não devemos fazer nada que possa prejudicar-nos e é fácil saber quando algo nos prejudica. Se marcharmos para Deus estamos no bom caminho, no que é conveniente. Se nos afastarmos, será prejudicial. Devemos evitar os raciocínios falsos, as conclusões apressadas. Pitágoras aconselhava que se fizesse duas colunas e que se escrevesse de um lado os argumentos prós e, do outro lado, os argumentos contra, antes de decidir qualquer coisa. Como uma ginástica mental, para sabermos como proceder e este é, realmente, o processo dialético mais importante para o desenvolvimento da inteligência: saber pesar os prós e os contra. O filósofo é aquele que quando vê-se, em face de um problema, que parece-lhe insolúvel, aguarda, pondera, e acaba encontrando a verdadeira solução. Com estes conselhos acaba a parte da purificação.

Versos XLI – XLII – XLIII - XLIV - XLV

Não deixe jamais tuas pálpebras fecharem-se ao sono, logo que te deites sem que submetas ao exame da razão todas as suas ações do dia.
Em que falhei? Que fiz? Que omiti do que deveria fazer?
Começando pela primeira de tuas ações, continua assim sucessivamente.
Se nesse exame encontrares que fizeste faltas sê severo para contigo mesmo; se

procedeste bem, rejubila-te do que fizeste.

Quando chegares a este ponto, reúne em tua memória todos os preceitos que acabo de te dar, a fim de que, no tribunal interior de tua alma, ao olhares as Leis divinas, possas fazer, seguramente, o exame do que fizeste de bem ou de mal. Pois como o exame de nossas ações passadas poderia nos pôr em estado de nos censurarmos ou de louvar-nos a nós mesmos, se o raciocínio que os precede não nos houvesse posto diante dos olhos certas leis e certas regras, segundo as quais devemos conduzir nossa vida e que deve ser para nós como um fim divino, para o qual dirigimos todo segredo da nossa consciência.

Pitágoras, nos ordena fazer esse exame todos os dias , sem falta, a fim de que a assiduidade da recordação, o torne mais seguro e mais infalível. Ele quer que o façamos à noite, antes de dormir, a fim de que todas as noites, após todas as ações do dia, prestemos uma conta exata diante do tribunal da consciência, e que esse exame severo de nossas disposições seja como um cântico que cantamos a Deus, ao deitar.

Em que falhei? Que fiz? Que omiti? Que deveria ter feito?

Por esse meio regulamos toda a nossa vida em regras que foram prescritas e conformaremos a nossa razão que julga segundo o entendimento divino que faz a Lei. Pois, que diz o legislador? Que devemos honrar os seres superiores, segundo a ordem e a hierarquia, que é preciso ter muita consideração e respeito para com nosso pai e nossa mãe, e para com todos os nossos parentes; buscar e amar as pessoas de bem, dominar nossas paixões e nossas afeições terrestres, respeitar a nós mesmos, em tudo e em toda parte, praticar a justiça, reconhecer a brevidade desta vida e a instabilidade das riquezas; receber com submissão a sorte que o juízo divino nos envia, não nos entregarmos com agrado senão aos pensamentos dignos de Deus, e conduzir incessantemente nosso espírito ao que há de melhor; não amar e não abraçar senão os raciocínios que merecem verdadeiramente este nome; não nos pormos fora do estado de sermos surpreendidos e subjugados, para conservar o precioso depósito da virtude; consultar antes de agir, a fim de que não nos arrependamos das nossas providências; purgar-nos de toda opinião, procurar o caminho da ciência e adequar nosso corpo e todas as coisas exteriores às funções da virtude. Eis as leis que o entendimento divino impôs às almas. Desde que a razão as recebeu, ela torna-se para elas uma guarda vigilante: Em que falhei? Que fiz? – diz ela todos os dias, recordando pela ordem as nossas ações boas e más. E ao fim desse exame, se verifica que ela passou o dia sem violar nenhuma das leis, ela se torna uma coroa dos frutos da alegria divina. E se ela se surpreende em falta, ela, então, que se castiga pelas severas correções do arrependimento, como por remédio adstringentes. Eis por que, diz o poeta, é mister retardar o sono para o tempo à razão de fazer esse exame. O corpo suportará facilmente essas vigílias, não sendo, portanto, levado pela necessidade de dormir, devido a seu regime temperante e sábio, que faz que as paixões mais necessárias estejam submetidas ao império de sua razão.

Não deixes nunca tuas pálpebras se fecharem ao sono após te deitares, sem que tenhas antes submetido ao exame da razão, todas as ações do dia. E qual é esse exame? Em que falhei? Que fiz? Que omiti do que deveria fazer? Pois pecamos de duas maneiras, ou fazendo o que devemos não fazer, ou não fazendo o que devemos fazer. O que é expresso, palavra por palavra, neste verso. O que omiti do que deveria fazer? Pois uma é omitir e a outra coisa é cometer o mal. Um é uma falta de omissão, outro uma falta de ação. Por

exemplo: é mister orar sempre e nunca blasfemar. É preciso alimentar seu pai e sua mãe, e nunca maltratá-los. Aquele que os primeiros pontos desses dois preceitos não faz o que deve; aquele que comete os dois últimos faz o que não deve, embora se possa dizer que esses dois pecados são de alguma maneira iguais no que levam à transgressão da mesma lei.

O Poeta vos exorta, pois, a fazer um exame de todas as ações do dia, desde a primeira até a última por ordem, sem se esquecer a do meio, o que é expresso por estas palavras: continua assim sucessivamente. Muitas vezes acontece que uma transposição seduza o julgamento, e torna escusado por um erro da memória, o que seria sem escusa, se estivesse em seu lugar,. Ademais, esta recapitulação da vida que levamos durante o dia nos refresca a memória, de todas nossas ações passadas, revela em nós, reanima em nós, o sentimento de nossa imortalidade.

O que é admirável é que o Poeta nos ordenando examinar cada ação não acrescenta nada a esse exame. Em que procedi bem? Que fiz do que deveria fazer? – Mas ela traz súbita e totalmente a nossa memória do que pode mais humilhar nosso orgulho, fazendo ele mesmo um exame de nossas faltas. Em que falhei? Que fiz? etc... E ele nos deu um juiz bastante justo e bem natural, que é a nossa consciência e a reta razão, ao estabelecer nós mesmos como juiz de nós mesmos, a quem aprendemos a respeitar particularmente; pois, que pode repreender alguém como alguém pode se repreender a si mesmo? O que é livre, servindo-se de sua liberdade, repele as advertências e correções dos outros, quando não quer obedecer: mas a consciência que age dentro de nós é forçada a escutar a si mesma. Eis o governador que Deus nos deu, eis nosso preceptor, nosso pedagogo, eis aquele que a razão nos dá para juiz das ações do dia. Não é senão dele que recebe as informações e a sentença, a fim de que, pronunciando ele mesmo sobre si mesmo, ele se condene ou se absolva por seu sufrágio, segundo o que merece ser condenado ou absolvido; pois quando em sua memória, como num escrito, ele leu tudo o que fez, então, olhando a Lei, como o exemplo que deve seguir, ele pronuncia e se declara a si mesmo por seu juízo, digno de louvor ou de censura, e dessa prática diária, quotidiana, faz do que a observa a verdadeira imagem de Deus, acrescentando e cortando todos os dias alguma coisa, até que seja levado à perfeição, e que se veja brilhar toda a beleza da virtude.

É ela que acaba e que aperfeiçoa o homem de bem, tanto quanto é possível.

É por ela que acaba a primeira parte desse pequeno tratado. O Poeta, se apressa de passar aos preceitos que tendem a tornar o homem um Deus.

Comentários aos versos de XLI à XLV

Inicia-se aqui a fase da perfeição – *teleiôtes*.

Eles dizem: não deixes jamais tuas pálpebras fecharem-se ao sono logo que te deites, sem que submetas ao exame da razão todas as tuas ações do dia: em que falhei? que fiz? que omiti do que deveria fazer? Começando pela primeira de tuas ações continua sucessivamente. Se nesse exame encontrares uma falta, sê severo para contigo mesmo. Se procedestes bem, rejubila-te.

As regras pitagóricas neste sentido são de que, logo ao nos deitarmos, devemos fazer um re-exame de tudo quanto fizemos durante o dia. Em que falhamos, o que deixamos de fazer, etc.

Se tivermos feito um ato falho devemos prometer não o mais realizar, se procedemos bem, devemos alegrarmo-nos.

Hiérocles, ao comentá-los, foi extraordinário. Chamaremos atenção sobre suas palavras: é que devemos regular a nossa vida pelas leis, que podemos alcançar graças ao nosso entendimento porque, sem dúvida, a sabedoria humana é apta a uma intuição sapiencial, que nos torna aptos a conhecermos as verdadeiras leis de Deus. Ao analisar tudo o que fizemos num dia e, também, às vezes, a nossa própria vida, não só desenvolvemos a memória, mas revela-se em nós o sentimento da nossa própria imortalidade porque vamos ter, cada vez mais, consciência do nosso papel e da nossa significação.

Versos XLVI – XLVII – XLVIII – XLIX

Pratica bem todas essas coisas, medita bem sobre elas.
É mister que as ames de todo o teu coração.
São elas que te porão no caminho da virtude divina.
Juro por Aquele que transmitiu em nossa alma o sagrado quaternário.
fonte da natureza, cujo curso é eterno

Eis o que eu já disse no prefácio: a filosofia contemplativa torna o homem semelhante a Deus pela irradiação do entendimento e da verdade, e, ao menos no que nos diz respeito, as pequenas coisas devem preceder, necessariamente, as grandes; pois é mais fácil conformar a vida humana às regras da razão, que não consiste em levá-la ao que há de mais divino e mais sublime, o que não se pode senão referindo-a inteiramente à contemplação.

Ademais, é impossível que possuamos a verdade sem perturbação, se nossas faculdades animais não são integralmente submetidas às virtudes morais, segundo a lei do entendimento; pois a alma racional, mantendo o meio entre o entendimento e o que está privado de razão, não pode ser invencivelmente presa a este entendimento que está acima dela, quando pura e despojada de toda afeição pelas coisas que estão abaixo dela, ela se sirva com pureza, ela será pura se ela não se deixa empolgar pelo que é sem razão e pelo corpo mortal, se ela despreza esse corpo tanto quanto as coisas a ela estranhas, se ela não se prende senão quanto lhe permite a Lei de Deus, que proíbe de tentar desligá-la, e ordena esperar que o próprio Deus venha nos tirar deste cativeiro.

Uma tal alma tem, pois, necessidade de duas espécies de virtude: da virtude política ou prática, que regula e modera o furor, levando-a para as coisas daqui de baixo; e a virtude contemplativa, que a leva e a empolga para as coisas do alto, e a une com os seres superiores. Entre estas duas virtudes o Poeta pôs dois versos que são como dois limites que a separam:

1º) Pratica bem todas essas coisas, medita bem sobre ela; é mister que tu as ame de todo o teu coração, é como um fim e a conclusão mais apropriada da virtude política, e a

última: são elas que te porão no caminho da virtude divina, é como o começo e uma bela abertura para a ciência contemplativa, pois esse começo promete àquele que se libertou da vida brutal, e que está já purgado, tanto quanto é possível, do excesso das paixões, e que, por ela, de besta que era, tornou-se homem. Ele lhe promete tornar-se Deus, fazer participar da essência divina, tanto quanto o pode um ser humano.

Ora, que isso nos deifica, e que seja o fim da verdade contemplativa, é o que se tornou evidente por esses versos que ele põe no fim desse tratado como uma conclusão admirável, que não deixa mais nada a desejar: E quando após teres te despojado de teu corpo serás recebido no ar puro e livre, tu serás um Deus imortal e incorruptível, que a morte não dominará mais; pois é uma necessidade que obtenhamos este feliz restabelecimento, quer dizer esta gloriosa apoteose, pela prática constante das virtudes e pelo conhecimento da verdade; e é o que este livro sagrado nos mostra claramente, como o veremos a seguir.

Pelo presente, retornemos aos versos que devemos explicar e, examinemos se essas palavras praticar, meditar e amar, ao falar dos preceitos já enunciados, significam outra coisa que aplicar integralmente sua alma na prática das virtudes pois sendo nossa alma uma substância racional, tem necessariamente três faculdades : primeira pela qual aprendemos, e é a que ordena meditar; a segunda a pela qual nós nos tornamos senhores do que aprendemos, e o pomos em prática, que é aquela na qual se ordena exercer e praticar; e a terceira aquela pela qual amamos o que tenhamos aprendido e que pratiquemos, e é aquela que nos exorta a amar todas as coisas.

A fim, pois, que tenhamos todas as faculdades de nossa alma racional aplicada a estes preceitos da virtude, é mister a faculdade de inteligente, a meditação; da faculdade ativa, a prática e o exercício; e da faculdade que abrace e ame exige-se o amor a fim de que, por seu intermédio adquiremos os verdadeiros bens, os conservemos e os amemos sempre. E esta disposição não falta de ser seguida da esperança divina, que faz resplandecer em nossas almas a luz da verdade, como ele nos promete, ao dizer: E te conduzem ao cominho da virtude divina; quer dizer, elas te tornarão semelhante a Deus pelo conhecimento certo dos seres: pois o conhecimento das causas dos seres, que estão principalmente na inteligência de Deus, seu criador, como exemplares eternos, mesmo no grau mais sublime do conhecimento de Deus, que é seguido da perfeita semelhança com ele. E é essa semelhança que se chama aqui virtude divina, como bastante superior à virtude humana que a precede, e que tem naquela o seu fundamento.

A primeira parte destes versos termina, pois, pelo amor à filosofia, e de tudo que é belo e honesto. Este amor, marchando em primeiro lugar, é seguido do conhecimento da verdade, e este conhecimento nos leva à perfeita semelhança com a virtude divina, como se fará ver a seguir. A necessidade da união ou da aliança de todas essas coisas é confirmada, aqui, por juramentos.

Pois o Poeta jura com muito fervor que a virtude humana, sendo perfeitamente adquirida, nos conduz à semelhança com Deus. E quanto ao preceito que ele nos deu desde o início: Respeita o juramento, ele nos ordena, por isso, de nos abstermos de jurar em coisas casuais, cujo advento é incerto: essas espécies de coisas, com efeito, são pequenas e sujeitas à mutação. Eis por que não é nem justo, nem seguro jurar sobre elas, pois não depende de

nós torná-las reais. Mas sobre as coisas de que se fala, e que estão necessariamente ligadas e de uma grande conseqüência, pode-se jurar com segurança, e com toda espécie de circunspecção e justiça, pois nem sua instabilidade nos enganará, pois, estando ligadas pela lei da necessidade, elas não podem deixar de acontecer, nem sua obscuridade e sua baixeza as tornam indignas de ser marcadas pelo testemunho e pela intervenção da divindade. E se a virtude e a verdade se encontram nos homens, ainda se encontram muito mais nos Deuses.

Ademais, este juramento torna-se aqui um preceito; é mister honrar aquele que nos ensina a verdade, até jurar por ele, se for necessário, para confirmar seus dogmas, e não para dizer somente: Ele disse, mas assegurar com confiança: as coisas são assim, eu juro por ele mesmo. E jurando sobre a união necessária desses hábitos bastante perfeitos, entra no fundo da Teologia, e faz ver manifestamente que o quaternário, que é a fonte do arranjamento eterno do mundo não é outro que o próprio Deus, que tudo criou. Mas como Deus é o quaternário? É o que aprenderás do livro sagrado atribuído a Pitágoras, e no qual Deus é celebrado como o número dos números. Se todas as coisas com efeito, existem graças a seus decretos eternos é evidente que em cada espécie de seres o número depende da causa que os produziu. Eis por que lá se encontra o primeiro número e de lá é vindo a nós. Ora, o intervalo finito do número é o dez, pois aquele que quer contar para frente após o dez retorna ao um, dois, três e conta, assim, a segunda dezena, até vinte, a terceira dezena do mesmo modo até 30, e assim todas as dezenas até 100. Após 100, ele retorna, ainda, do mesmo modo, ao um, dois, três e assim o intervalo do dez, sempre repetido, vai até o infinito. Ora a potência do dez é o quatro, pois antes que se alcance até o 10 completo e perfeito, descobre-se toda virtude e toda perfeição do dez no quatro.

Com efeito, ao reunir os números depois um até quatro obtém-se dez, 1, 2, 3, 4, fazem dez, e o quatro é a média aritmética entre o um e o sete, porque superpassa o um do número pelo qual é superpassado pelo sete, quer dizer, o três.

Ora, as virtudes e propriedades do um e do sete são boníssimas e excelentes, pois a unidade, como princípio de todo número, encerra a potência de diversos números, e o sete, como virgem e sem mãe, tem, em segundo lugar, a virtude e a perfeição da unidade, pois não é engendrado por nenhum número contido no intervalo de dez, enquanto que o quatro é produzido por 2x2, o 6 por 2x3, o 8 por 2x4, o 9 por 3x3, o 10 por 2x5, já que também ele não engendra nenhum número nesse intervalo, enquanto que o 2 produz o 4, o 3 o 9, e o 5 o 10.

O 4, mantendo o meio entre a unidade incriada e o sete sem mãe, é o único que recebeu as virtudes e potências dos números produtores, pelos números produzidos, que estão encerrados no dez, sendo produzido por um certo número e um produtor também em outro, e produzindo também um outro, pois o 2 repetido produz o 4, o 4 repetido produz o oito.

Acrescentai que a primeira figura sólida encontra-se no quatro, pois o ponto corresponde a unidade, e a linha ao 2, porque de um ponto vai-se até um outro ponto, o que faz a linha, e a superfície corresponde ao três, pois o triângulo é a mais simples das figuras retilíneas, mas a solidez é própria do 4, pois é, no quatro, que se vê a primeira pirâmide, em que o 3 faz a base triangular, e a unidade é a ponta ou o cume.

Ademais há quatro faculdades para julgar as coisas, o entendimento, a ciência, a opinião e o sentimento, todas as coisas com efeito se julgam por uma dessas quatro faculdades. Em uma palavra, o 4 abrange e liga todos os seres, os elementos, os números, as estações, as idades, as sociedades ou confrarias, e não se poderia nomear um única coisa que não dependa do quaternário como de sua raiz, pois assim, como dissemos, o quatro é o criador e a causa de todas as coisas. O Deus inteligente é a causa do Deus celeste. O conhecimento desse Deus foi transmitido aos pitagóricos pelo próprio Pitágoras, pelo qual o autor destes versos jura, aqui, que a perfeição da virtude, nos levará à luz da verdade, de maneira que se pode muito bem dizer que o preceito Respeita o juramento é particularmente observado em relação aos Deuses eternos, e que aqui se jura por aquele que nos ensinou o quaternário, e que, na verdade, não era do número desses Deuses, nem dos heróis por sua natureza, mas unicamente um homem ornado da semelhança com Deus, e conservando no espírito, de seus discípulos toda a majestade dessa imagem divina. Também esse Poeta sobre coisas tão grandes jura por ele, a fim de marcar tacitamente a extrema veneração que tinham por ele os seus discípulos, e a grande distinção que esse Filósofo havia adquirido, graças as ciências que havia ensinado.

A maior dessas ciências é o conhecimento do quaternário que tudo criou. Mas porque a primeira parte desses versos foi brevemente explicada, que a segunda consiste numa promessa firme e estável, que o sagrado número do quaternário é conhecido por uma esperança que não pode enganar, e que esse divino quaternário, foi explicado, também, tanto quanto o permitiam os limites a que estamos prescritos, passemos, portanto, às outras coisas às quais esses versos se referem. Contudo, façamos ver de antemão, com aquele ardor e aquela preparação que devemos manter aí, e qual a necessidade que temos aqui do auxílio dos seres superiores.

Comentários aos versos de XLVI a XLIX

Prosseguindo: pratica bem todas as coisas, medita bem sobre elas. É preciso que as ame de todo o teu coração, pois te porão no caminho da virtude divina, juro por Aquele que transmitiu em nossa alma o sagrado *quaternário*, fonte da natureza cujo curso é eterno.

Esta parte do poema é muito importante e chama a atenção da necessidade que tem a alma para as duas virtudes: a política ou prática e a contemplativa que é a virtude divina. É preciso praticar bem as duas, saber como combiná-las porque nos colocarão no verdadeiro caminho para Deus e, para que depois de passarmos pela vida, quando tivermo-nos despojado do corpo, seremos recebidos no ar puro e livre tornando-nos um deus imortal, incorruptível que a morte não mais dominará, como nos foi prometido nos Versos Áureos.

É a regra da meditação, a necessidade de aprendermos a meditar e praticá-la constantemente, porque só assim exercitamos e desenvolvemos a nossa capacidade de entender as coisas e de nos conduzir para o caminho da virtude divina. E, nada mais elevado, do que o amor à Filosofia, o amor a esta “sophia”, o supremo entendimento, o supremo saber, a suprema instrução – *A Matese Megiste.*

Versos L – LI

Não comeces a pôr em execução qualquer obra.

Antes de haveres orado aos deuses para acabar o que vais começar.

O autor destes versos prescreve em poucas palavras duas coisas que concorrem absolutamente para fazer obter os verdadeiros bens. Essas duas coisas são o movimento voluntário de nossa alma, e o concurso do céu; pois embora a escolha do bem seja livre e dependa de nós, temos necessidade continuamente que Deus de quem temos esta liberdade e este poder, nos ajude, coopere conosco, e acabe o que nós lhe pedimos. Com efeito, o que vem de nossa parte assemelha-se, propriamente, a uma mão aberta e estendida para receber os bens; e o que vem de Deus é como a fonte dos dons, que ele nos faz. Um é o que procura os bens, outro o que mostra aos que os procuram, como é mister, e a prece é um meio entre nossa procura e o dom de Deus; ela dirige-se à causa que nos produziu, e que, do mesmo modo que ele nos deu o ser, nos dá também o modo bom de ser. Ora, como alguém receberá este modo bom de ser, se Deus não o dá? E como Deus, que apenas ele pode dá-lo, dará àquele que, sendo senhor de seus movimentos, não tema somente pedi-lo? A fim, portanto, que, de um lado, não façamos nossa prece apenas em palavras, mas que a apoiemos da ação, e que, por outro lado, não confiemos, portanto, inteiramente em nossa ação mas que peçamos também para ela o concurso do céu, e juntemos assim a prece à ação, como a forma à matéria, este Poeta para nos levar a pedir o que fazemos e a fazer o que pretendemos, diz não fazer senão a uma única das duas: não comeceis a pôr em execução antes de terdes orado aos deuses para acabar o que vais começar.

Com efeito, não basta nem empreender as belas coisas, como se dependesse de nós alcançar o bom êxito, sem o concurso de Deus, nem nos contentar com as simples palavras da prece, sem empregar o menor esforço para obter o que pedimos; pois, fazendo isso, ou abraçaremos apenas uma vida ímpia e sem Deus, se é permitido de falar assim, ou preferiremos apenas uma prece despida de ação. Ora, o que há de ímpio no primeiro modo arruinará inteiramente a essência da virtude; e a inação do último destruirá absolutamente a eficacidade da prece. E como pode haver aí alguma coisa de belo em tudo o que não é feito segundo a regra de Deus?

E como o que se faz segundo esta regra não tem necessidade do concurso desse mesmo Deus para realizar-se e para existir? Pois, a virtude é a imagem de Deus na alma racional. Ora, toda imagem tem necessidade do original para existir: mas é inutilmente que possuímos essa imagem, se não temos continuamente os olhos volvidos sobre este original, cuja semelhança realiza unicamente o bom e o belo.

Portanto se queremos adquirir a virtude ativa, é mister orar; e orando, é mister agir; o que faz que olhemos sempre a divindade e a luz que a cerca, e que nos excita à Filosofia, é que agimos sempre, unindo nossas preces à primeira causa de todos os bens. Pois a fonte da natureza, cujo curso é eterno, o sagrado quaternário, é a causa primeira, não somente do ser de todas as coisas, mas, também, do seu bem-estar, tendo distribuído e semeado nesse universo o bem que lhe é próprio, como uma luz incorruptível e inteligente. A alma que se prende a esta causa, e que é purgada por ela mesma, como o olho, para dirigir a sua visão mais clara e mais sutil é excitada à prece por sua aplicação às boas obras, e

graças á plenitude dos bens que são produtos da prece, ela aumenta a sua aplicação ao juntar às palavras as boas ações, e ao assegurar e fortificar essas boas ações, por esta conversação divina.

Parte encontrando e gerindo-se por si mesma, parte esclarecida do alto e como iluminada, ela faz o que ela pede por suas preces, e ela pede por suas preces o que ela faz.

Eis qual é essa ação tão necessária da prece e da ação. Mas quais são as vantagens que nos sobrevêm por estes dois meios? É o que vamos ver a seguir.

Comentários aos versos L – LI

Não comeces a por em execução qualquer obra antes de haveres orado aos deuses para acabar o que vais começar.

Nos comentários de Hiérocles temos apenas que salientar que Deus é quem nos deve servir de exemplo para a prática de nossos atos, que devem sempre ter alguma semelhança com Ele.

Uma citação retirada dos *Vedantas* por Fabre D'Olivet merece ser colocada aqui: "A matéria existe, mas não é de uma existência tal como se imagina vulgarmente. Ela existe, mas não tem uma essência independente das percepções intelectuais, pois a existência e a perceptibilidade são, neste caso, termos convertíveis. O sábio sabe que as aparências de suas sensações exteriores são ilusórias e que se desvaneceriam no nada, se a divina energia que as sustenta – que é a única – fosse suspensa por um só momento". Este pensamento, como se vê é cristão, está próximo da Escolástica, de Platão e foi compreendido por São Justino, por São Cirilo e por Pitágoras, que postulava que a matéria não é uma entidade, uma realidade a ser considerada como uma substância à parte.

Os versos de Pitágoras, conservados por Proclo[22] (que os transmitiu como de autoria do Mestre) são muito importantes para a compreensão do pensamento teológico pitagórico: "a mônada é a fonte sagrado do número. É dela que ele emana e dela é que ele obtém as virtudes pelas quais brilha a tétrada, a mãe universal, que produz toda coisa e encerra em seu seio a década imortal em todos os lugares honrada e venerada[23]."

Por estes versos de Pitágoras vê-se que *a mônada*, *o hen proter* não é um número, como alguns afirmaram e deduziram que Deus era o número dos números. *Mônada* é *hen*, é um só, é único – a fonte sagrada do número. Dele é que emana o número que tem as suas virtudes porque é a fonte sagrada da unidade, donde brilha a tétrada, a mãe universal, que vai produzir todas as coisas e que encerra em seu seio a década imortal venerada por todos. Estes versos foram transmitidos por Proclo e são aceitos como pitagóricos.

Dois versos, dados por Porfírio[24] e que não constam da tradução de Hiérocles são dignos de menção: "desde o instante em que acordes examina, com calma, o que te resta

[22] Proclo - filósofo grego neoplatônico (412-485). Autor de uma obra imensa feita, sobretudo, de comentários.

[23] O estudo sobre a tétrada e os comentários afins foram examinados em "Pitágoras e o Tema do Número".

fazer e o que é preciso cumprir." Eles esquematizam a nossa ação diária, estabelecendo o que é muito importante: a esquematização, a disciplina para nos tornarmos senhor de nós mesmos.

A vida virtuosa do homem é custosa, demorada, sacrificada e exige um grande esforço porque não somos ainda deuses, temos que conquistar... Pitágoras invoca o símbolo da tétrada para confirmar a verdade de seus preceitos e das suas promessas. A tétrada – a pirâmide – é composta de quatro faces, três laterais e uma na base e era, por excelência o símbolo pitagórico porque representava a constituição em quatro elementos de tudo que existe e dava, assim, a chave do enigma universal, demonstrando a sua origem, a evolução e o fim de todas as coisas e de todos os seres.

Paul Carton destaca, também, esta parte referente às orações. Pitágoras partia do princípio de que Deus sabe o que nos falta e do que precisamos e dizia: "nada peças nas tuas orações porque tu mesmo não o sabes e só os deuses sabem o que é útil". As orações assim deviam limitar-se a ser um ato de aspiração para Deus: expressão de um desejo de aperfeiçoamento, solicitar uma orientação, invocar o apoio divino[25].

Confiando em Deus receberemos tudo o que nos for conveniente, e, como dizia um filósofo pitagórico: "orar a Deus para que não atendesse os pedidos nos quais houvesse alguma coisa de injusto e de inconveniente ou de mal, porque nós não sabemos, às vezes, o que nos é conveniente".

Assim como alguns podem pedir para si ou desejar uma perfeição, pensando com ela construir a felicidade e, depois de adquiri-la, ser levado ao pior e cometer um erro. Devemos, sim, é pedir forças para julgar bem, raciocinar sabiamente e escolher com justiça; esta é a oração pitagórica que sempre se deve endereçar neste sentido. Nunca solicitar coisas passageiras que não se encontrem nestas regras e nas grandes leis.

Versos LII – LIII – LIV

Quando tenhas tornado este hábito familiar.
Conhecerás a constituição dos Deuses imortais e a dos homens.
Até onde se estendem os diferentes seres, e o que os inclui e os liga.

A primeira coisa que o autor promete aos que praticarem o preceito que ele dá é o conhecimento dos deuses, a ciência teológica, e o discernimento justo de todos os seres que decorrem desse sagrado quaternário, com sua diferença segundo seus gêneros, e sua união pela constituição deste universo; pois a sua ordem e sua categoria são expressas aqui por esta palavra constituição. Até onde eles se estendem é sua diferença especial; e o que os inclui e os liga marca o que os une segundo o gênero.

Pois o gênero de substâncias racionais, embora separadas por sua natureza, se reúnem pelo mesmo intervalo que as separa. E porque umas são primeiras, outras médias ou últimas, elas estão separadas ao mesmo tempo que unidas; pois, por este meio, nem as

[24] Porfírio de Tiro (232/33-304). Obras: "Isagoge", "Vida de Plotino", etc.

[25] O Pai Nosso é uma oração perfeita, porque nela estão representadas as sete virtudes: as teologais e as cardeais.

primeiras se tornarão médias ou últimas, nem as médias primeiras ou últimas, nem as últimas médias ou primeiras. Mas elas permanecerão eternamente distintas e separadas, segundo o seu gênero pelos limites que o Criador lhes assinalou. E por aí entendemos esta expressão até onde se estende os diferentes seres; e para entender, do mesmo modo, aquele que segue, e o que inclui e os liga, e examinemos desta maneira.

Este universo não seria perfeito se não encerrasse os primeiros, os médios e as últimas partes, como o começo, o meio e o fim, de todo este conjunto e esta composição. Nem as primeiras partes seriam primeiras, se elas não estivessem seguidas das médias e das últimas, nem as médias seriam médias, se elas não tivessem dos dois lados os dois extremos, nem as últimas, enfim, seriam o que são, se elas não fossem precedidas pelas médias e pelas primeiras.

Todos estes diferentes seres servem em conjunto à perfeição de tudo; e é o que se quer marcar aqui ao dizer: e o que eles incluem e os liga. Como diferentes por sua espécie, são separados; mas, como membros de um só e mesmo todo, eles se reúnem e se assemelham; e por esta separação e por esta união, preenchem e acabam todo arranjamento e toda constituição dessa obra divina, constituição que conhecerás, se tornares familiares a ti os bens de que já falei.

Não se pode fazer menção dos dois extremos, que os meios não se apresentem ao espírito imediatamente: também se contenta de dizer a constituição dos deuses imortais e a dos homens pois os primeiros seres estão ligados aos últimos pelos seres médios, e os últimos remontam aos primeiros pela mediação dos heróis cheios de bondade e de luz. Eis, com efeito, o número e a categoria dos seres racionais, como dissemos no princípio, ao fazer ver que os primeiros, neste universo, são os Deuses imortais, que depois deles vem os heróis benfeitores, e que os últimos são os demônios terrestres, que se chamam, aqui, homens mortais. Ora, como é mister conhecer cada um desses gêneros, é o que foi dito deste o início: é mister conhecer a ciência de todos esses seres que a tradição nos ensinou a honrar; e esse conhecimento não se forma senão naqueles que ornaram a virtude prática pela virtude contemplativa, ou que a bondade de sua natureza os fez passar das virtudes humanas às virtudes divinas; pois conhecer como seres estabelecidos e constituídos pelo próprio Deus, é elevar-se à semelhança divina. Mas porque após o arranjamento desses seres incorpóreos ou imateriais vem da natureza corpórea que enche este mundo visível e está submetida à conduta dessas substâncias racionais, este Poeta mostra a seguir que o bem da ciência natural ou física será o fruto desses conhecimentos, adquiridos com ordem.

Comentários aos versos LII – LIII – LIV

Quando tenhas tornado este hábito familiar, conhecerás a constituição dos deuses imortais e a dos homens, até onde se estendem os diferentes seres e o que os inclui e os liga.

Atingiremos a essência desses deuses e a dos homens, até onde vai o âmbito de ação dessas forças espirituais e o que os liga às leis que regem as suas relações.

Versos LV – LVI

Tu conhecerás ainda, segundo a justiça, que a natureza deste universo é em tudo semelhante;
De maneira que não esperarás o que não deves esperar, e que nada te será oculto neste mundo.

A natureza ao formar esse universo sob medida e proporção divinas, tornou-se em toda parte semelhante a si mesmo, proporcionalmente em diferentes maneiras, e de todas as diferentes espécies, em que estão distribuídas, ela fez como uma imagem da beleza divina, ao comunicar diversamente a cópia das perfeições do original, pois deu ao céu o movimento perpétuo e à terra a estabilidade. Ora, essas duas qualidades são também traços da semelhança divina. Ela deu ao corpo celeste de envolver o universo e ao corpo terrestre de lhe servir de centro. Ora, numa esfera, o centro e a circunferência podem ser olhados de diferentes perspectivas como seu começo e o seu princípio. Daí vem que a circunferência é variada de uma infinidade de arcos e seres inteligentes, e que a terra é ornada de plantas e animais, que não tem em partilha senão o sentimento. Entre essas duas espécies de seres, tão afastados um do outro, o homem mantém-se no meio, como um animal anfíbio, sendo o último dos seres superiores e o primeiro dos inferiores. Eis por que ora ele se une aos imortais, e por seu retorno para o entendimento e a virtude, recobra a sorte que lhe é própria; ora, ele cai nas espécies mortais, e, pela transgressão das Leis divinas, encontra-se decaído de sua dignidade.

Com efeito, como a última das substâncias racionais, ele não pode nem pensar nem conhecer sempre do mesmo modo (pois assim ele não seria homem, mas Deus, por sua natureza) nem conhecer sempre embora conhecesse diferentemente, algumas vezes, (pois o colocaria na categoria dos anjos, no lugar que um homem que pela semelhança pode se elevar ao que tem de melhor e que por sua natureza é inferior aos Deuses imortais, e aos heróis cheios de bondade e de luz, quer dizer os dois gêneros que ocupam o primeiro e a segunda categoria). Da mesma forma que é inferior a esses seres porque não conhece sempre e porque está algumas vezes na ignorância e no esquecimento de sua essência e da luz que desce de Deus sobre ele, do mesmo modo porque não está sempre nesse esquecimento e nessa ignorância, está acima dos animais sem razão e das plantas, e sobrepassa, por sua essência, toda natureza terrestre e mortal, como podendo por sua natureza retornar para seu Deus, desfazer seu esquecimento pela reminiscência, recobrar pela instrução o que perdeu, e curar sua fuga e seu afastamento do céu por uma fuga e afastamento opostos.

A essência humana sente, portanto, tal, convém conhecer a constituição dos deuses imortais e a dos homens mortais, quer dizer a ordem e categoria dos seres racionais, conhecer que a natureza desse universo é semelhante, quer dizer que a substância corpórea desde o alto até embaixo é honrada de uma semelhança analógica com Deus, e enfim de conhecer todas essas coisas, segundo a justiça: quer dizer, como elas estão estabelecidas pela Lei, com o Deus os criou, e de maneira como regulou e hierarquizou por suas Leis, tanto dos corpóreos como os incorpóreos; pois é de uma e de outra dessas duas obras de Deus, que é preciso entender este preceito que ordena de conhecê-la segundo a justiça.

Com efeito, não é mister que um zelo cego e insensato, nos esforcemos de transportar de uns aos outros a dignidade dos seres como nos agrade; mas, seguindo os limites da verdade, é mister conhecer todos segundo a justiça, e como a Lei de sua criação os estabeleceu e os distinguiu.

E desses dois conhecimentos eu quero dizer, daquela alma incorpórea de Deus, e daquela alma corpórea divina, nos chega uma vantagem bastante preciosa, é que nós não esperemos o que não devemos esperar, e que não haverá nada oculto para nós neste mundo; pois a essência dos seres, sendo-nos oculta, esperemos o que não se deve esperar e teremos apenas pensamentos vãos, que não podem ser executados. Um homem, por exemplo, que espera tornar-se um dos Deuses imortais ou um dos Heróis cheios de bondade e de luz, não conhece, de modo nenhum, os limites da natureza e não põe nenhuma diferença entre os seres primeiros, segundos e últimos. Por outro lado, se por uma vergonhosa ignorância da imortalidade aderente à nossa alma, ele se persuade de que sua alma morrerá com seu corpo, ele espera o que não deve esperar e o que não pode acontecer; igualmente, aquele que se prende a revestir-se após a sua morte do corpo de um animal e a tornar-se animal sem razão, devido a seus vícios, ou planta, devido ao seu pesadume e de sua estupidez, aquele, tomando um caminho contrário àqueles que transformam a essência do homem em algum dos seres superiores, e precipitando-a em algumas das substâncias inferiores, engana-se infinitamente, e ignora absolutamente a forma essencial de nossa alma que não pode nunca mudar, pois, sendo e permanecendo sempre homem, diz-se que ela se torna Deus, ou animal, pelo vício, ou pela virtude, embora não possa ser nenhum nem outro por sua natureza, mas somente por sua semelhança com um e com outro. Em uma palavra, aquele que não conhece a dignidade de cada um dos seres, mas que aí acrescenta ou diminui, faz de sua ignorância um fundo de opiniões vãs e de esperanças ou de temores frívolos; enquanto que todo homem, que distingue os seres, segundo os limites que lhes deu o Criador, e que conhece como eles foram criados, e mede Deus, se é permitido falar assim, pelo conhecimento de si mesmo observa exatamente o preceito que ordena de seguir a Deus, conhece a mais excelente virtude, e põe-se em estado de não poder jamais ser enganado nem surpreendido.

Comentários aos versos LV – LVI

Tu conhecerás ainda, segundo a justiça, que a natureza deste universo é em tudo semelhante, de maneira que não esperarás o que não deves esperar e que nada te será oculto neste mundo. Nada temos a acrescentar aos comentários de Hiérocles.

Versos LVII – LVIII – LIX – LX – LXI – LXII

> Tu conhecerás também que os homens atraem as suas infelicidades voluntariamente, e por sua própria escolha.
> Miseráveis que são eles! Não vêem nem entendem que os bens estão perto deles.
> Há poucos que sabem livrar-se de seus males.
> Tal é a sorte que cega os homens e lhes rouba o espírito. Semelhantes a cilindros.
> Eles rolam para cá e para lá, sempre avassalados dos males sem número.
> Pois a funesta contenção nascida com eles e que os segue por toda a parte e os agita, sem que se perceba dela.
> Em vez de provocá-la e de evitá-la deveriam fugir dela, cedendo.

A ordem dos seres corpóreos e incorpóreos, sendo bem conhecida, a essência do homem é também exatamente conhecida; conhece-se o que ela é, e as quais paixões está ela submetida, e sabe que ele mantém o meio entre os seres que não caem jamais no vício, e aqueles que não podem jamais elevar-se à virtude. Eis por que ela tem as duas tendências que essas duas ligações lhe inspiram, ora vivendo ali com uma vida inteligente, ora tomando aqui as afeições totalmente carnais; o que fez dizer com bastante razão por Heráclito que nossa vida é a morte e a nossa morte a vida, pois o homem cai e se precipita da religião dos bem aventurados, como disse Empédocles, o pitagórico:

> Banido da celeste mansão
> Errante vagabundo, agitado pelas fúrias
> Da discórdia em fogo.
> Mas aí remonta e recobre seu antigo hábito, se segue as coisas daqui, e este terrível local onde permanece, como diz o mesmo poeta:
>
> O assassínio, a cólera e mil enxames de males, e no qual aqueles que aí caem erram ao abandono nas negras campanhas da injúria e do luto.
> Aquele que segue essas tristes campanhas da injúria é conduzido por este bom desejo nos prados da verdade, e se ele o abandona, a queda de suas asas o precipita num corpo terrestre.
> Onde ele bebe a longos sorvos o esquecimento de sua felicidade.

E eis ao que se adequa o sentimento de Platão que, ao falar dessa queda da alma, diz: Mas quando não tendo mais força de seguir a Deus, ela não vê esse campo da verdade; que, por qualquer infelicidade cheia de vício e de esquecimento, ela se torna pesada; e que pesada, ela vem a perder suas asas e a cair nesta terra, então a Lei a envia a animar um animal mortal. E sobre o retorno da alma ao lugar de onde ela desceu, Platão disse: O homem que suplantou por sua razão a desordem e a perturbação, que lhe vem da mistura da terra, da água, do ar e do fogo, retoma a sua primeira forma e recobra o seu primeiro hábito, porque retorna são e íntegro ao astro que lhe foi designado. Ele retorna são porque está libertado das paixões, que são também doenças; e esta cura não lhe vem senão por meio da virtude prática, e ele aí retorna íntegro, porque recobre o entendimento e a ciência, como suas partes essenciais, o que não lhe acontece senão por meio da virtude contemplativa.

Por outro lado, o mesmo Platão ensina positivamente que é pela fuga das coisas deste mundo que podemos curar e corrigir a apostasia, que nos afasta de Deus. E ele estabelece que esta fuga dos males aqui embaixo não é mais do que a Filosofia, marcando por esse meio que essas espécies de paixões não se encontram senão nos homens e que não é possível que os males sejam banidos desta terra, nem que possam aproximar da divindade, mas que são sempre em torno da Terra que habitamos, e que se ligam à natureza mortal, como vindo da única necessidade; pois os seres que estão na geração e na corrupção podem ser afetados contra a natureza, eis o princípio de todos os males; e para ensinar como é preciso fugir deles, Platão acrescenta: Eis por que é mister fugir daqui de baixo o mais rápido possível: ora, fugir é trabalhar para assemelhar-se a Deus, tanto quanto é possível ao homem, e assemelhar-se a Deus é tornar-se justo e santo com prudência. Pois aquele que deve evitar esses males deve começar por despojar esta natureza mortal, pois não é possível

que aqueles que aí estão comprometidos e dominados não estejam cheios de todos os males que a necessidade faz aí germinar.

Portanto, do mesmo modo que nosso afastamento de Deus é a perda das asas que nos elevam para as coisas do alto, nos precipitaram nessa região de morte em que todos os males habitam, do mesmo modo o despojamento de toda afeição terrestre e o renovamento das virtudes, como um renascimento de nossas asas para nos guiar a mansão da vida, onde se encontram os verdadeiros bens, sem qualquer mistura de males, nos levará à felicidade divina; pois, a essência do homem, tendo o meio entre os seres que contemplam sempre Deus e aqueles, que não são capazes de contemplar, pode elevar-se para uns e rebaixar-se para outros, sendo a causa dessa natureza anfíbia, igualmente levada a tomar a semelhança divina ou a semelhança brutal, segundo ela receba ou rejeite o entendimento e o bom espírito.

Portanto aquele que conhece essa liberdade e duplo poder na natureza humana conhece, também, como os homens atraem todos os males voluntariamente, e como eles são infelizes e miseráveis por sua própria escolha; pois ora podendo permanecer em sua verdadeira pátria, eles se deixam levar ao nascimento pelo desregramento de seus desejos, e ora podendo se afastar momentaneamente desse miserável corpo, eles se imergem voluntariamente em todos os embaraços e em todas as desordens das paixões. É o que o Poeta quer fazer entender quando diz: Eles não vêm nem entendem que os bens estão perto deles.

Os bens são aqui a virtude e a verdade. Não ver que eles estão perto dele é não estar impulsionado a procurá-los; e não entender que eles estão perto deles é não escutar as advertências, e não obedecer aos preceitos que os outros lhes dão; pois há dois meios para recobrar a ciência: um pela instrução, como pelo ouvido, e outro pela pesquisa, como pela visão. Os homens diz-se, portanto, atraem os seus males por sua própria escolha, quando não querem nem aprender dos outros, nem encontrar em si mesmos, como inteiramente privados de sentimento, para os verdadeiros bens, e por lá inteiramente inúteis, pois todo homem, que não vê por si mesmo, e que não entende o que lhe adverte é inteiramente inútil e desesperado. Mas aqueles que trabalham para encontrar a si mesmos, ou para aprender dos outros os verdadeiros bens são aqueles de que o Poeta diz que sabem se libertar de seus males, e que ao fugir dos trabalhos das penas que encontram aqui embaixo, transportam-se num ar puro e livre. O número deles é pequeno, pois a maior parte são malvados, submetidos às suas paixões como forçados pela tendência que tem para a Terra, e atraem para si mesmos a estes males, por terem querido se afastar de Deus, e privarem-se a si mesmos de sua presença, e, se se ousa dizer, sua familiaridade, da qual tinham a felicidade de gozar, enquanto habitavam uma luz pura. Este afastamento de Deus é designado pela sorte que cega os homens, que lhes arrebata o espírito.

Com efeito, é igualmente impossível que aquele que está vazio de Deus não seja insensato, e o sensato não esteja vazio de Deus; pois é uma necessidade que o louco seja sem Deus, e aquele que é sem Deus seja louco; e um e outro como não estando excitado pelo amor dos verdadeiros bens, são acumulados de males sem número, impelidos de uma infelicidade a outra, pelo peso de suas afeições ímpias, não sabendo o que fazer nem tornar para que se governem sem razão e sem reflexão em todos os estados da fortuna, insolentes nas riquezas, loucos e pérfidos na pobreza, brigadores se tem a força do corpo,

blasfemadores, se são valetudinários e enfermos eles choram, e lamentam-se se não tem filhos, e se os tem tiram daí pretexto de guerra e de protestos e de ganhos injustos e desonestos, para tudo dizer numa palavra: não há nada na vida, que não leve ao mal os insensatos, quando eles são pressionados de todos os lados e reduzidos à angústia pelo vício que eles abraçaram voluntariamente, e pela recusa que fazem de ver a luz divina e de ouvir o que se lhe diz dos verdadeiros bens, abismados nas aflições carnais eles se deixam empolgar nesse caminho, como num violenta tempestade.

A única libertação de todos esses males é o retorno a Deus. E esse retorno não se dá senão para aqueles que tem os olhos e os ouvidos da alma sempre abertos e atentos e que pela faculdade que tem de se reerguer, curar o mal.

Ora esse mal, preso à nossa natureza, que ao mesmo tempo é mal adquirido; é o abuso que fazemos de nossa liberdade, pois para usar dessa liberdade cuidamos sempre de disputar contra Deus, e de ir de cabeça baixa contra as suas leis, sem tomar cuidado dos grandes males que fazemos a nós mesmos, querendo resistir a Deus, vendo somente com a vista perturbada e confusa que podemos sacudir os jugos das leis divinas; diz-se, com efeito, usar de uma liberdade plena e sem limite ou ousar afastar-se de Deus, ou entrar com ele numa funesta contenda, disputando teimosamente contra ele e recusando de lhe ceder. Se ele nos diz, tu não farás isto, é o que nós queremos fazer; e se ele nos diz, faz isso, e o que nós não queremos fazer, superando assim a medida de nossas iniqüidades e nos precipitando nos dois lados de uma miséria infinita por essa dupla transgressão da Lei de Deus, não fazendo o que ele nos ordena, e fazendo o que ele nos proíbe.

Qual remédio encontraremos, pois para esta funesta contenda, que se diz aqui nossa companheira e nascida conosco, que é excitada por este infeliz germe, que está em nós, sempre oposto à natureza, e que por esta razão, como um mal doméstico nos fere e nos mata, sem que nós dele nos apercebamos? Que é preciso fazer para opor-se a ele?

Como deter a fúria?

Certamente não há outro dique para opor a essa faculdade que nos precipita para baixo, que meditar, praticar e amar todos os preceitos que pomos sobre os caminhos da virtude divina.

Eis, com efeito, a libertação de nossos males, que é conhecida de tão poucos. Eis o que nos faz ver e entender os bens que estão perto de nós; eis o que nos liberta da infelicidade que atraímos voluntariamente; eis o que corta esta infinidade de perturbações e paixões que nos assoberbam; e por conseqüência, eis o único caminho para evitar esta contenção ímpia, eis a salvação da alma, a purgação desta discórdia desenfreada e o retorno a Deus; pois o único meio de corrigir a faculdade que nos retira a tendência que nos rebaixa, é de não aumentar esta tendência, e de não ajuntar males sobre males, mas de nos tornarmos obedientes e submissos a reta razão, fugir dessa má contenda em nos atirar na contenda totalmente boa, quer dizer, mas não combatendo para desobedecer a Deus, mas combatendo para obedecê-lo com todas nossas forças. E esse combate não deve ser chamado contenda, mas aquiescência à vontade de Deus, retorno à sua lei divina, e submissão voluntária e perfeita que corta todo pretexto à desobediência e à incredulidade, pois creio que todas essas coisas estão significadas por estes versos.

Com efeito, para assinalar que os homens abraçam o vício por sua própria escolha, o Poeta diz: tu conhecerás que os homens atraem as suas infelicidades voluntariamente. É preciso chamá-los infelizes e miseráveis, porque se precipitam no vício pela escolha de sua vontade. Para fazer entender que eles recuzam obstinadamente de escutar os bons preceitos que se lhes dá, e diz que eles não vêem nem entendem que os bens estão perto deles.

E para marcar que é possível se libertar desses males em que se é atirado voluntariamente, ele insere esta reflexão: e há muito poucos que sabem libertar-se dos seus males, fazendo ver com isso que já que essa libertação é o efeito de nossa vontade, a escravidão do pecado o é também. Após o qual, ele acrescenta a causa da cegueira e da surdez dessas almas, que se precipitam voluntariamente no vício, tal é a sorte, diz ele, que cega os homens e lhes tira o espírito; pois o afastamento de Deus nos atira necessariamente na loucura e na escolha temerária e irrefletida. E é esse afastamento que ele designa aqui pela palavra sorte, que nos afasta do coro dos espíritos divinos pela infeliz tendência para esse animal particular e mortal. Ela nos mostra, ainda, as conseqüências funestas dessa escolha temerária e inconsiderada, e ele nos ensina como nossos pecados são, ao mesmo tempo, voluntários e involuntários, comparando a vida do louco a do cilindro que se move, ao mesmo tempo, rodando e em linha reta, rodando por si mesmo e em linha reta por sua queda. Pois do mesmo modo que o cilindro não é capaz de um movimento circular em torno de seu eixo, desde que ele se afasta da linha reta, do mesmo modo a alma não conserva mais os verdadeiros bens, desde que ela está decaída da reta razão e da união com Deus; ela erra em torno dos bens aparentes, e é levada fora da linha reta, movida pelas afeições carnais, o que ele explica por esses versos: elas rolam daqui para ali sempre acumuladas de males sem fim. E porque a causa dessa sorte que tira o espírito aos homens e os afasta de Deus, é o abuso que eles fazem de sua liberdade, ele ensina nos dois versos seguintes como é preciso reformar este abuso e servir-se dessa mesma liberdade para retornar a Deus: para insinuar que nós atraímos nossas infelicidades que nós queremos, ele diz: a funesta contenda nascida com aqueles que a seguem em toda parte, os agita se apercebam. E imediatamente sem que eles dela após, para fazer ver o que o remédio está em nossa potência, ele acrescenta: em vez de a provocar e irritar deveriam fugir dela, cedendo. Mas apercebendo-se ao mesmo tempo que nós temos previamente necessidade do concurso de Deus para evitar os males e adquirir os bens, ele acrescenta de um só golpe uma espécie de prece, que faz para com Deus um retorno e uma ligação, único meio de atrair seu concurso.

Comentários aos versos de LVII a LXII

Tu conhecerás, também, que os homens atraem as suas infelicidades voluntariamente e por sua própria e única escolha. Poucos sabem livrar-se de seus males, tal é a sorte que os acompanha e lhes rouba a paz do espírito.

Semelhantes à cilindros eles rolam para cá e para lá, sempre avassalados dos males sem número, pois a funesta contenção nascida com eles e que os segue por toda parte e os agita sem que eles se apercebam dela, em vez de convocá-la e de evitá-la deveriam fugir dela, cedendo.

Estes versos são comentados por Hiérocles com grande precisão e não necessitam mais comentários.

Chamamos a atenção a respeito de uma frase de Platão: “Eis porque é necessário fugir daqui debaixo o mais rápido possível. Ora, fugir é trabalhar para assemelhar-se à Deus, tanto quanto possível ao homem, e assemelhar-se a Deus é tornar-se justo e santo com prudência.”

Fabre D’Olivet tem pouca coisa a acrescentar, mas encontramos uma passagem, também de Platão (no Alcibíades) quando Sócrates recorda um antigo poema que trata também deste tema. Diz ele: “concedei-me grandes deuses o que me for necessário, seja o que eu penso ou não; ao vos pedir e, se de meus desejos o objeto me for contrário, cuidai grandes deuses, de não me conceder!”. O que quer dizer que podemos errar naquilo que julgamos conveniente, daí que, nas nossas orações devemos solicitar aquilo que seja bom e útil pois há o perigo de errarmos sobre os nossos desejos mal orientados. Porque se desejamos veementemente alguma coisa conseguiremos; precisamos é orientar nossos desejos para o bom caminho, para o que é justo, o que é conveniente. O cuidado é necessário porque ao desejarmos algo, movemos forças interiores que podem trabalhar para aquisição do desejado, e este pode não ser o melhor. É preferível nestas orações observar o que dizem os pitagóricos: “instruído pelos deuses que não nos enganarão poderemos conhecer de tudo o princípio e o fim e saber, se o céu o quiser, que a natureza é igual em tudo e a mesma em toda a parte”.

Hiérocles comentou com muita sabedoria estas máximas que representam, também, o pensamento dos egípcios. Elas estão no pensamento de Hermes Trismegisto ao dizer: “ em verdade sem ficção, em verdade, em verdade eu vos digo, as coisas inferiores são tais como as superiores, umas e outras unem suas forças invencíveis para produzir uma só coisa, a mais maravilhosa de todas, e como todas as coisas emanam da vontade do Deus único, todas elas quaisquer que sejam devem gerar-se desta única coisa, por uma disposição da natureza universal” (Tabula da Esmeralda, atribuído à Hermes Trismegisto[26]).

Para Paul Carton esta parte dos Versos Áureos corresponde, propriamente, ao trabalho iniciático porque, depois de estar perfeitamente compenetrado desses preceitos, é que o pitagórico inicia-se no conhecimento dos segredos até chegar a conceber a constituição íntima dos deuses, dos homens e de todas as coisas que é a ciência da generalidade – a Filosofia – o conhecimento mais profundo que pode atingir a mente humana na sua evolução.

O autor não acrescenta nada ao que Hiérocles já comentara. Apenas fortalece o ponto de sermos os criadores de nossos próprios males e, em grande parte, responsáveis por tudo o que nos acontece; já que os verdadeiros bens estão ao nosso alcance, dentro de nós mesmos. Podemos assim, nos libertar daquilo que nos atormenta, mas poucos o sabem fazer, porque não são devidamente bem orientados. A cegueira nos perturba, ofuscando a inteligência e não nos deixando conhecer bem tudo quanto atua para nos perturbar.

---

[26] A historicidade da Tabula da Esmeralda é indubitável, não porém a autenticidade em relação a Hermes Trismegisto, que é assunto duvidoso. Esta obra tem grande antigüidade, embora não saibamos se ela antecede ou não o Cristianismo, em todo caso é originária dos primeiros séculos do Cristianismo.

Versos LXIII - LXIV – LXV – LXVI – LXVII – LXVIII

Grande Júpiter, pai dos homens, vós os libertareis de todos os males que os assoberbam.
Se vós mostrardes qual é o demônio ao qual ele serve.
Mas, tomai coragem, a raça dos homens é divina.
A sagrada natureza lhes descobre os mistérios mais ocultos. Se ela te revelou parte de seus segredos, tu virás facilmente alcançar todas as coisas que te ordenei.
E curando tua alma, tu a libertarás de todos esses sofrimentos, e de todos esses trabalhos.

Tem os pitagóricos o costume de designar Deus, pai e criador deste universo, pelo nome de Júpiter, que na língua original é tirado de uma palavra que significa a vida. Pois aquele que deu o ser e a vida a todas as coisas, deve ser chamado de um nome tirado dessas faculdades. O nome de Deus, aquele que lhe é verdadeiramente próprio, é aquele que convém melhor às suas operações e que marca mais evidentemente as suas obras. Hoje, entre nós, os nomes que parecem os mais próprios, devido às convenções humanas e os preconceitos são inadequados de tal forma que pouco se importam se chamam um mau homem de homem de bem ou um ímpio de homem piedoso. Mas essas espécies de nomes não tem a conveniência que os homens devem ter, por não marcarem nem a essência nem as virtudes das coisas às quais se lhe apõem. Mas essa conveniência a essa propriedade de nomes deve ser buscada, sobretudo, nas coisas eternas; entre as eternas, nas divinas, e entre as divinas, nas mais excelentes.

Eis por que o nome de Júpiter é, no próprio som, um símbolo e uma imagem da essência que o criou; pois, aqueles que foram os primeiros que impuseram os nomes fizeram, graças à sua sublime sabedoria, como excelentes estatuários; pelos próprios nomes exprimiram, como por imagens animadas, as virtudes daqueles, aos quais deram os nomes em seu próprio som, símbolo de seus pensamentos, em seus pensamentos as imagens mais semelhantes e mais instrutivas dos sujeitos sobre os quais eles pensaram.

Com efeito, essas grandes almas, por sua aplicação contínua às coisas inteligíveis, como abismadas na contemplação e tornadas por assim dizer, cheias desse comércio, quando as dores as tomaram para gerar os seus pensamentos, são apresentadas em termos, que deram às coisas nomes que, pelo próprio som e pelas letras empregadas para formá-los expressam, perfeitamente, as espécies das coisas nomeadas, e conduziram ao conhecimento de sua natureza, aqueles que bem as entenderam, de maneira que o fim de sua confabulação, foi, para nós, um começo da inteligência. É assim que o criador de todas as coisas foi chamado por estes grandes homens, ora do nome de quaternário, ou do nome de Júpiter, pelas razões que assinalamos.

Ora, o que se pede aqui para essa prece é que se distribui sobre todos os homens devido à sua bondade infinita, mas depende de nós receber o que ele dá sem cessar. É dito mais alto: não comeces a por-te em ação antes de haver orado aos deuses, para fazer entender que os Deuses estão sempre prontos a dar os bens, mas que nós não os recebemos, senão quando os pedimos, e estendemos a mão para essa distribuição divina. Pois, o que é

livre não recebe os verdadeiros bens se não quer; e esses verdadeiros bens são a verdade e a virtude que, decorrendo sempre da essência do criador, brilham sempre da mesma maneira aos olhos de todos os homens, e aqui, esses versos para a libertação de nossos males exigem como uma coisa necessária, que conheçamos a nossa própria essência: com efeito, é o que significa esse verso: qual é o demônio do qual se serviu; quer dizer, qual é sua alma, pois desse retorno para nós mesmos, e do conhecimento de nós mesmos, dependem, necessariamente, da libertação de nossos males e a manifestação dos bens que Deus nos oferece para nos tornar felizes. Esse verso supõe, portanto, que se todos os homens conhecessem o que eles são, e qual é o demônio do qual se servem, eles seriam todos libertados de seus males, mas isso é impossível, pois é possível que se apliquem todos à filosofia, e recebam todos corretamente todos os bens que Deus oferece incessantemente, para ter perfeição da felicidade.

Que resta, então, senão que é mister que aqueles que tomam coragem, que se apliquem à ciência, que, só, nos descobre nossos verdadeiros bens, e os bens que nos são próprios, pois estes são os únicos que serão libertados dos males, ligados a essa natureza mortal, porque são os únicos que estão dedicados à contemplação desses bens. Eis por que eles merecem ser colocados no número dos seres divinos, como sendo instruídos pela sagrada natureza, quer dizer, pela Filosofia, e como por em prática todas as regras do dever.

Porque se temos algum comércio com esses homens divinos, faremos conhecer em nós, aplicando sem relaxamento às boas obras e aos conhecimentos intelectuais pelos quais apenas a alma é curada de suas paixões e libertada de todos os trabalhos daqui embaixo, transportada numa ordem e num estado totalmente divino.

Para abreviar, eis qual é o sentido desses versos: aqueles que se conhecem a si mesmos estão libertados de toda afeição mortal. Mas, porque todos os homens não estão libertados, se tem todos o poder inato de conhecer a sua essência? Eis por que a maioria, como se disse, são atraídos às suas infelicidades voluntariamente, ao recusar ver e entender, que os bens estão próximos dele, o menor número é daqueles que conhecem a libertação de seus males, ao conhecer qual é o demônio do qual se serve, e são justamente aqueles que, pela filosofia, purgaram toda loucura das paixões e que se retiraram desses lugares terrestres, como de uma prisão estreita, onde eles mofavam. Porque, pois, o Poeta diz a Júpiter, pai dos homens, vós os libertareis de todos os males que os assolam, se vós os mostrardes qual é o demônio do qual eles se servem. É para fazer entender que depende dele de levar todos os homens a verdade, mesmo contra a vontade deles e recusa de o fazer pela negligência, ou pelo desígnio, a fim de que eles permaneçam eternamente na escravidão? Mas é o que não se pode entender mesmo sem impiedade? O Poeta quer, sobretudo, ensinar por isso que aquele que quer alcançar a felicidade deve recorrer a Deus como a seu pai, pois Deus é o criador de todos os seres e o pai dos homens, aquele pois que sabe em que consiste a libertação dos males, que se liberta das infelicidades que os homens se atraem voluntariamente, e que evita a funesta contenda por uma fuga voluntária, implorando o socorro de Deus, clama: Júpiter, pai dos homens. Já fez a oração de um filho, chamando Deus seu pai, ele faz esta reflexão que todos os homens, se fizessem o que ele faz, seriam libertados como ele de todos os seus males, mas encontrando em seguida que isso não acontece, não por culpa de Deus, se é permitido falar assim, mas pela culpa dos homens, que atraem, voluntariamente, seus males. Ele se diz a si mesmo, mas, toma coragem, tu que encontraste o verdadeiro caminho, para te libertar de teus males, e esse caminho é o retorno

que a sagrada Filosofia nos faz fazer, para os bens que Deus nos apresenta sem cessar, e que a maior parte dos homens não vêm, porque eles se servem mal das noções comuns que Deus como que plantou em todo ser racional, a fim de que ele conhecesse a si mesmo.

Ora, para mostrar alguma coisa a alguém é necessário que as ações de duas pessoas concorram necessariamente, pois como mostraríamos alguma coisa a um cego, mesmo que lhe apresentasse mil vezes o que quereis mostrar. Ou como mostraríeis aqueles que tem olhos se não apresentais o que quereis que ele veja?

Essas duas coisas, são, portanto, necessárias. Da parte daquele que mostra, é mister que apresente bem a quem se mostra, é mister olhos capazes de ver, a fim de que de um lado o objeto e, de outro, a visão, concorram juntas, e que nada falte para bem mostrar. Sendo assim, fazemos esta hipótese que todos os homens seriam libertados de seus males, se Deus que os criou lhes mostrasse e lhes ensinasse a conhecer a sim mesmos e a conhecer qual é o Demônio do qual se serve; nós vemos, contudo, que todos os homens, não estão libertados de seus males, Deus não mostra, portanto, a todos os homens igualmente, mas aqueles somente que concorrem de sua parte para essa libertação e que querem abrir bem os olhos para ver e contemplar o que lhes mostra e para o receber.

Por conseqüência, Deus não é a causa do que não mostra para todos os homens, mas são eles que não vêm nem entendem que os bens estão próximos deles, e eis porque dizemos que eles atraem as suas infelicidades voluntariamente. A falta pertence àquele que escolhe, e Deus não é absolutamente culpado, expondo sem cessar os bens aos olhos de todos os homens, tanto quanto pode, mas não lhes mostrando sempre a todos, porque a maior parte dos olhos da alma únicos capazes de ver esses bens oferecidos sem cessar, estão fechados e sempre abaixados para a terra pelo infeliz hábito que têm, que contraíram de se prender sempre ao que há de mal. E essa explicação que damos desses versos se adequa com a verdade e confirma o sentido dos versos que precedem.

Com efeito, se depende de Deus atrair todos os homens à verdade, mesmo apesar deles, por que os acusamos de atraírem as suas infelicidades voluntariamente por sua culpa? Por que lhes aconselhamos de não aceitar a contenda, mas de fugir dela, cedendo? Por que lhes ordenamos suportar mansamente os acidentes que lhes acontecem e de fazer seus esforços para corrigi-los e curá-los? Pois todo caminho para a virtude pela instrução é inteiramente fechado se excluímos o livre arbítrio. Não devemos nem praticar nem meditar, nem amar o bem, se cabe só a Deus libertar-nos do vício e nos encher das virtudes, sem que contribuamos com a nossa parte.

Mas, desta maneira, a causa dos vícios dos homens cairia só sobre Deus.

Porque se Deus não é absolutamente o autor dos males, como já se demonstrou, é evidente que nosso afastamento dos bens, vem, unicamente, de nós mesmos, que não vemos nem entendemos que estão perto de nós, e em nós, segundo as noções que a natureza nos comunicou a nos criar; e a única causa dessa cegueira e dessa surdez é a triste contenda, mal que nós abraçamos voluntariamente; mas em lugar de aumentá-la e deixá-la crescer, devemos fugir dela, cedendo; aprender a libertar-nos de nossos males e encontrar o caminho para retornar a Deus; pois, por esse meio, a luz de Deus e nossa visão, concorrendo juntas, fazem essa perfeita maneira de mostrar que opera a liberdade da alma, sua libertação de

todos os trabalhos daqui, e os sentimentos vivos dos bens celestes e o apelo na sua verdadeira pátria.

Este poeta, tendo pois assim tratado da verdade e da virtude, e tendo terminado os preceitos da virtude pelo exame que ele quer que se faça à noite, e levar as esperanças da verdade até a liberdade da alma, e a libertação de todos os seus males, fala a seguir da pureza que dá asas ao corpo luminoso, e acrescenta, assim, uma terceira espécie de filosofia as duas primeiras.

Comentários aos versos de LXIII à LXVIII

"Grande Júpiter, pai dos homens, vós os libertareis de todos os males que os assoberbam se vós demonstrardes qual é o demônio ao qual eles servem, mas tomai coragem, a raça dos homens é divina. A sagrada natureza lhes descobre os mistérios mais ocultos. Se ela revelou parte de seus segredos, tu virás facilmente alcançar todas as coisas que te ordenei e curando tua alma tu a libertarás de todos esses sofrimentos e de todos esses trabalhos."

Hiérocles os comenta com muita precisão entretanto é preciso levar em conta a palavra Júpiter. Na sua origem significa a vida, Júpiter é o jovem *pater*, o pai que é a vida, princípio de todas as coisas.

Versos LXIX à LXXI

"Mas, abstém-te dos alimentos que proibimos nas purificações e na libertação da alma, faz o justo discernimento e examina bem todas as coisas. Ao te deixar sempre guiar e conduzir pelo entendimento que vem do alto e que deve manter as rédeas!

Os comentários de Hiérocles são muito esclarecedores sobre esta parte e nada mais temos a dizer.

Versos LXIX – LXX – LXXI

Mas abstém-te dos alimentos que proibimos nas purificações.
E, na libertação da alma, faz o justo discernimento, e examina bem todas as coisas.
Ao te deixar sempre guiar e conduzir pelo entendimento, que vem do alto, e que deve manter as rédeas.

A Essência racional, tendo recebido de Deus, seu criador, um corpo conforme a sua natureza, desceu aqui embaixo, de maneira que ela não é nem corpórea, nem sem corpo. Embora incorpórea, ela tem a sua forma determinada e infinitizada pelo corpo. A parte superior é uma essência incorpórea, e a inferior uma essência corpórea; o próprio Sol é um todo composto de corpóreos e incorpóreos, não como de duas partes que, tendo sido separadas, se tornaram a unir em seguida. Pois por isso eles se separariam ainda, mas como de duas partes criadas juntas, e nascidas juntas com subordinação, de maneira que uma guia, e que outra segue. Da mesma maneira, todos os outros seres racionais, tanto dos heróis como dos homens, pois o herói é uma alma racional com um corpo luminoso, e o homem

igualmente é uma alma racional com o corpo mortal, criado com ela. Eis qual é o dogma de Pitágoras que Platão explicou longamente depois dele, ao comparar a alma divina e a alma humana a um carro alado, que tem dois cavalos e um cocheiro conduzindo-o.

Para a perfeição da alma, temos, pois, necessidade da verdade e da virtude; para purgação de nosso corpo luminoso temos necessidade de nos limparmos de todas as sujeiras da matéria, de recorrer a santas purificações, de nos servir da força que Deus nos deu para nos excitar a fugir desses lugares.

É o que os versos precedentes nos ensinaram, eles marcaram as imundícies da matéria por esse preceito: Abstém-te de todas as comidas, que te foram proibidas. Ele nos ordena juntar a essa abstinência a sagrada purificação e a força divinamente inspirada, o que faz entender um pouco obscuramente por estes termos e nas purificações, e na libertação da alma, etc., enfim, eles trabalham a tornar a forma da essência humana integral e perfeita, ajuntando, ao deixar-te sempre guiar e conduzir pelo entendimento, que vem do alto e que deve ter as rédeas, pois por isso o poeta põe diante dos olhos toda a essência humana e distingue a ordem e a categoria das partes que a compõe, o que leva é como o cocheiro; o que segue e obedece é como o carro. Esses versos ensinam pois aqueles que querem entender os símbolos de Pitágoras, e obedecê-los, que consiste em praticar a virtude, e abraçar a verdade e a pureza, que é mister ter cuidado de nossa alma e de nosso corpo luminoso, que os oráculos chamam o carro subtil da alma.

Ora, a pureza de que se fala aqui, estende-se até os nossos alimentos, as bebidas e todo regime de nosso corpo mortal, no qual é o corpo luminoso que inspira a vida ao corpo inanimado, contém e encerra toda a sua harmonia, pois a parte imaterial é a vida, é aquele que produz a vida do corpo material, pelo qual nosso corpo, mortal e completo, sendo composto da vida imaterial e do corpo material, é a imagem do homem que é propriamente o composto da essência racional, e do corpo imaterial.

Pois somos o homem, e o homem é composto dessas duas partes é evidente que deve estar purgado e aperfeiçoado em suas duas partes e para esse efeito é preciso seguir as vias convenientes a cada uma de suas duas naturezas, pois é mister para cada uma, uma purgação diferente. Por exemplo, para a alma racional, com relação à sua faculdade de raciocinar e de julgar, a purgação é a verdade que produz a ciência, e em relação à sua faculdade de deliberar e de opinar, é a consulta o bom conselho. Pois sendo nascidos para contemplar as coisas do alto e regular aquelas aqui de baixo, para as primeiras temos necessidade da verdade, e para as últimas, da virtude civil, a fim de nos aplicarmos, inteiramente, à contemplação das coisas eternas, e a prática de todos nossos deveres. E nos dois evitaremos as tempestades que incitam a loucura, se obedecemos exatamente as leis divinas que nos foram dadas. Pois é justamente desta loucura que devemos purgar a nossa essência racional, e é por essa loucura que ela teve a tendência para as coisas de aqui embaixo. Mas, porque o nosso corpo luminoso se prendeu a um corpo mortal, é preciso também cuidar deste corpo corruptível e libertá-lo dessas simpatias que ele contraiu com ele. Resta-nos, portanto, que para a purgação do corpo espiritual é necessário fazê-la, seguindo os oráculos sagrados e o santo método que a arte ensina.

Mas esta purgação, sendo de alguma maneira mais corpórea, emprega todas as espécies de matérias para curar em todas as maneiras esse corpo vivificante, e para obrigá-lo

por esta operação, a se separar da matéria, e a voar para os lugares felizes, onde a sua primeira felicidade já tem o seu lugar, e tudo o que se faz para a purgação desse corpo, se se faz de maneira digna de Deus deve-o ser conforme as regras da verdade e da virtude; pois as purgações da alma racional e do carro luminoso, se fazem, a fim de que esse carro tornado alado pelo seu meio, não retarde mais seu vôo, para os páramos celestes. Ora, o que contribui mais a fazer nascer essas asas é a meditação, pela qual se aprende a pouco e pouco a fugir das coisas terrestres; é o hábito das coisas imateriais e inteligíveis; é o despojamento de todas as imundícies, que contraiu por sua união com esse corpo terrestre e mortal. Com efeito, por estas três coisas, ele revê de alguma maneira, recolhe, é preenchido da força divina, e se reúne à perfeição inteligente da alma.

Mas dir-se-á em que e como, a abstinência de certas comidas contribui para tão grandes coisas? Certamente para aqueles que estão acostumados a se separarem de todas as coisas mortais, se se abstêm ainda absolutamente de certos alimentos, e, sobretudo, daqueles que relaxam o espírito, e produzem no corpo mortal a geração, que nos faz somente duvidar de que não seja um grande concurso, um grande avanço para a sua purgação. Eis por que nos preceitos simbólicos, ordena-se essa abstinência, e o sentido místico, que no fundo e no sentido místico tem verdadeiramente um sentido principal mais extenso mas que a letra não deixa de ter o sentido que ela apresenta, de proibir, positivamente, o que é nomeado no preceito. Como quando se diz: tu não comerás a matriz do animal – tomado a letra nos proíbe de comer uma certa parte que é bem pequena, mas se penetramos o grande sentido oculto nesta profundidade pitagórica, por essa imagem palpável e sensível, aprendemos a renunciar inteiramente a tudo o que se refere ao nascimento e a geração. E como nós nos abstemos verdadeiramente e à letra de comer esta parte, praticaremos com o mesmo cuidado tudo o que este preceito encerra, de mais oculto para purgação do corpo luminoso. Semelhantemente neste preceito: não comerás o coração.

O sentido principal é que evitemos a cólera, mas o sentido literal e subordinado, é que nos impediremos de comer esta parte proibida.

Explicaremos da mesma maneira o preceito que nos ordena de nos abster da carne dos animais mortos entendemos que este preceito quer nos afastar realmente de toda natureza mortal e de nos impedir de participar a todas as carnes profanas, e que não são próprias aos sacrifícios; pois nos preceitos simbólicos, é justo obedecer ao sentido literal e também ao sentido oculto. É apenas pela prática no sentido literal que se alcança o sentido místico que é mais importante.

Do mesmo modo devemos entender aqui que esse verso nos dá, em suas duas palavras, as sementes e os princípios das melhores obras; abstém-te, diz, dos alimentos, como se dissesse abstém-te dos corpos mortais e corruptíveis.

Mas porque não é possível que se abstenha de todos, acrescenta: que nós proibimos, e nos lugares em que falou, quer dizer, nas purificações, e na libertação da alma, a fim de que para a abstinência dos alimentos proibidos acrescente o esplendor do carro corpóreo e que se tenha cuidado de uma alma purificada e libertada de todas as imundícies da matéria.

Do justo discernimento de todas essas coisas, ela deixa o entendimento, e sendo a única faculdade, que julga, é a única capaz de ter um corpo luminoso, um cuidado que corresponde à pureza da alma.

Eis por que chamou este entendimento o cocheiro, o condutor, que mantém as rédeas, como criado para conduzir o carro. Ele é chamado entendimento, porque é a faculdade inteligente; ele é chamado condutor ou cocheiro, porque governa o corpo e o conduz. Ora, o olhar de amor é o que guia o cocheiro, pois qualquer que seja uma alma inteligente não é senão por esse olhar de amor que ela vê o campo da verdade; pela faculdade que ele tem lugar de mão, ela retém o corpo que lhe está ligado, e conduzindo-o com sabedoria ela se torna, senhora e o volve para ela, a fim de que integralmente contemple a divindade, e se conforme inteiramente à sua imagem.

Eis qual é, em geral, a idéia dessa abstinência de que se fala aqui, e de todos os grandes bens aos quais ele trata de nos conduzir. Todas essas coisas forma pormenorizadas em preceitos sagrados, que foram dados sobre sombras e véus, embora cada um desses preceitos se ordenem um à abstinência particular, como das favas, para os legumes, e as carnes mortas para os animais, que se marca a espécie, como se marca a espécie de um tal animal, para os terrestres, nem tal pássaro para os voláteis, e que, enfim, desce-se até a particularizar certas partes; não comerás a cabeça, não comerás o coração.

Em alguns desses preceitos, contudo, o autor encerrou toda a perfeição da purificação, pois ele ordena o bem a tal ou tal coisa; a) para a abstinência corpórea, devido certas propriedades e virtudes físicas, mas em todo preceito ele insinua a purgação de toda afeição carnal, que acostuma sempre o homem a tornar para si mesmo, a tirar desse lugar de geração e de corrupção, e a voar nos campos elíseos e no ar mais puro, e porque os pitagóricos queriam que o progresso dessa abstinência se fizesse com ordem, encontram-se em seus escritos símbolos que parecem, de início, contradizer-se pois este preceito, abstém-te de comer o coração, parece contrariar este outro abstém-te de comer os animais, a não ser que se diga apenas o primeiro abstém-te de comer o coração, endereçado aqueles que começam e que o último, abstém-te de comer os animais é para os perfeitos; pois a abstinência de uma parte do animal é supérflua e inútil, enquanto o animal é inteiramente proibido.

Eis por que é necessário tomar com cuidado a ordem da graduação que o autor deu: abstém-te dos alimentos diz ele, em seguida como se lhe perguntassem mas de quais alimentos? Ele responde: aqueles que proibi; depois disso ainda ele responde como numa segunda pergunta: em que lugar os pitagóricos falavam desses alimentos? Em que tratados eles ordenaram a abstinência? Nas purificações e na libertação da alma, insinuando retamente que as purgações precedem e que a libertação da alma vem depois.

Ora, as purgações da alma racional são as ciências matemáticas; e a sua libertação ela recebe da Dialética que é a inspeção íntima dos seres.

O autor disse no singular na libertação da alma, porque esta libertação se refere a uma só ciência; e disse no plural: nas purificações, porque as matemáticas encerram muitas ciências. Portanto, em todas as coisas ditas em particular sobre a alma, para a sua purgação e a sua libertação, é preciso acrescentar para o corpo luminoso, de todos semelhantes e

respondendo analogicamente e por proporção, assim é preciso, necessariamente, que as purgações, que se fazem por meio da ciência, sejam acompanhadas de purgações místicas das iniciações, e que a libertação, que se faz pela Dialética seja seguida da introdução, a que há de mais sublime e de mais elevado, pois eis, propriamente, as coisas que purgam, e que aperfeiçoam a parte espiritual da alma racional, libertando da imundície e da desordem da matéria, e tornando-os limpos para conversar com os espíritos puros.

Não pode com efeito o que é impuro tocar no que é puro. De modo que é preciso, necessariamente, ornar a alma da ciência e da virtude, a fim de que ela possa estar como os espíritos sempre dotados dessas qualidades, do mesmo modo é preciso retornar puro o corpo luminoso, e afastá-lo da matéria, a fim de que ele possa sustentar a comunicação, com os corpos luminosos pois é a semelhança que une todas as coisas, enquanto que a dissemelhança desune e separa aquelas que se encontram mais unidas por sua situação.

Eis qual é a medida perfeitíssima que os pitagóricos deram da filosofia, pela perfeição do homem integral, essa medida própria é proporcionada; pois aquele que não tem cuidado, senão da alma e negligência o corpo, não purga o homem integral, e por outro lado aquele que crê, que não basta ter cuidado senão do corpo, sem pensar na alma, ou que o cuidado do corpo servirá também a alma, sem que ela seja purgada à parte por ela mesma, comete a mesma falta.

Mas aquele que tem o cuidado de ambos, aperfeiçoa integralmente, e, dessa maneira, a Filosofia se junta à arte mística, como trabalhando para purgar o corpo luminoso. E se essa arte se encontra desnudada do espírito filosófico não tem mais a mesma virtude; pois de todas as coisas que completam nossa perfeição, umas são inventadas pelo espírito filosófico, outras introduzidas pela operação mística que se conformou a este espírito, chamo operação mística a faculdade purgativa do corpo luminoso, a fim de que em toda Filosofia, a teoria preceda como o espírito e que a prática prossiga como ato ou faculdade. Ora, a prática é de duas espécies, política ou civil, e mística. A primeira nos purga da loucura, por meio das virtudes; a segunda, corta todos os pensamentos terrestres, por meio da cerimonia sagrada.

As leis públicas são uma boa marca da filosofia civil, e o sacrifício das cidades são um da filosofia mística. Ora, o que há de mais sublime em toda filosofia é o espírito contemplativo, o espírito político mantém o meio e o último é o espírito místico. O primeiro, com relação aos dois outros, mantêm o lugar do olhar, e os dois outros, em relação ao primeiro, mantêm o lugar do pé e da mão; mas são todos três tão bem ligados conjuntamente, que cada um é imperfeito e quase inútil, sem a operação dos dois outros. Eis por que é preciso sempre juntar a ciência que encontrou a verdade, a faculdade que produziu a virtude, e essa que busque a pureza, a fim de que as ações políticas, se tornem conformes a inteligência, que conduz, e que as ações santas correspondam a uma e a outra.

O fim da filosofia pitagórica é que nós devemos todos alados para alcançar os bens divinos, a fim de que quando o momento da morte vier, deixando nesta terra este corpo mortal, e despojando a sua natureza corruptível, estejamos prontos para a viagem celeste, como atletas dos sagrados combates da Filosofia pois então retornaremos para a nossa antiga pátria, e seremos deificados, tanto quanto é possível aos homens se tornarem deuses, é o que nos promete os dois versos seguintes.

Comentários aos versos de LXIX à LXXI

"Mas, abstém-te dos alimentos que proibimos nas purificações e na libertação da alma, faz o justo discernimento e examina bem todas as coisas. Ao te deixar sempre guiar e conduzir pelo entendimento que vem do alto e que deve manter as rédeas!

Os comentários de Hiérocles são muito esclarecedores sobre esta parte e nada mais temos a dizer.

Versos LXXII – LXXIII

E quando após teres despojado o teu corpo mortal, alcançarás, então, o ar puro.
Tu serás um Deus imortal, incorruptível e a morte não te dominará.

Eis o fim glorioso de todos os nossos trabalhos; eis como diz Platão o grande combate e a grande esperança que nos é proposta; eis o fruto perfeitíssimo da Filosofia; eis a obra maior e mais excelente da arte e do amor, desta arte mística de elevar e de estabelecer na posse dos verdadeiros bens, de libertar dos trabalhos de aqui debaixo, como de uma prisão obscura da vida terrestre, de atrair a luz celeste e de colocar nas ilhas bem-aventuradas, aqueles que marcharam pelos caminhos que acabamos de lhes ensinar. Àqueles é reservado o prêmio inestimável de deificação; pois não é permitido alcançar a categoria dos deuses, senão aquele que adquiriu pela alma a verdade e a virtude, e por seu carro espiritual, a pureza. Com efeito, torná-lo por isso são e íntegro, é restabelecê-lo em seu primeiro estado, após o que se recupera a si mesmo por sua união com a reta razão, que ele reconheceu como ornamento divino deste universo, e que ele encontrou o autor e o criador de todas as coisas, tanto quanto é possível ao homem de o encontrar. Alcançado, portanto, enfim, após a purificação, esse alto grau, em que estão sempre os seres, cuja natureza não é de descer na geração, ele se une por seus conhecimentos a esse todo, e eleva-se até o próprio Deus. Mas porque ele tem um corpo criado com ele, tem necessidade de um lugar em que esteja colocado, como na ordem dos astros, um lugar mais conveniente a um corpo dessa natureza, é um lugar que é imediatamente abaixo da Lua, como sendo acima dos corpos celestes, incorruptíveis, e abaixo dos corpos celestes, lugar que os pitagóricos chamavam o éter puro. Éter como imaterial e eterno e puro como isento das paixões terrestres.

Qual será aquele que o alcançará? Será aquele que estes versos lhe prometem, um deus imortal, tornando semelhante aos deuses imortais, do qual se falou no começo; um deus imortal, digo, não, porém por natureza; pois como poderia aquele que só fez progresso na virtude há um certo tempo, cuja deificação começou, se tornasse igual aos deuses que o são de toda eternidade? Isso é impossível, e eis, para fazer exceção, e marcar a diferença, que, depois de ter dito tu serás um deus imortal, ele acrescenta: incorruptível e que a morte não dominará mais, a fim que entenda uma deificação que se faz pelo único despojamento do que é mortal, uma deificação que não é ainda um privilégio, ligado à nossa natureza e à nossa essência, mas que acontece pouco a pouco e por graus por graus de maneira que é uma terceira espécie de Deus. Eles são imortais quando elevados aos céus, e mortais quando

desceram sobre a Terra, e nisto sempre inferiores aos heróis, ornados de bondade e de luz. Aqueles se lembrarão sempre de Deus, estes o esquecerão algumas vezes; e não se pode, com efeito, do terceiro gênero, embora tornado perfeito, pois seja para sempre acima do segundo ou igual ao primeiro; mas permanecendo sempre o terceiro, ele torna-se semelhante ao primeiro, embora subordinado ao segundo; pois a semelhança que os homens tem pela ligação ou pelo hábito com os deuses celestes, encontra-se já mais perfeito e mais natural nos seres da segunda categoria; quer dizer, nos heróis.

Assim só há uma única e mesma perfeição que acumula todos os seres racionais, é a semelhança com Deus que os criou. Mas eis o que faz a diferença; esta perfeição se encontra sempre e sempre do mesmo modo nos celestes, ela se encontra sempre mas não sempre do mesmo modo, nos etéreos, que são fixos e permanentes no seu estado; e ela não se encontra nem sempre, nem sempre do mesmo modo nos etéreos sujeitos a descer e a vir habitar a Terra. Se alguém cuidasse de dizer que a primeira e mais perfeita semelhança com Deus é o exemplar e o original dos dois outros, ou que a segunda é da terceira, falará muito bem. Nosso fim não é somente assemelharmo-nos a Deus, mas assemelharmos ao aproximar-nos cada vez mais perto do que se possa, desse original totalmente perfeito, ou alcançar a segunda semelhança. Que se não podendo alcançar a esta mais perfeita semelhança, adquiramos aquela de que somos capazes, nós temos como os seres mais perfeitos, tudo que é segundo nossa natureza; e nisso mesmo gozaremos dos frutos perfeitos da virtude, conhecendo a medida de nossa essência, e suportando-a sem nos queixar; pois o cúmulo da virtude é sentir-se nos limites da criação, com os quais todas as coisas são distintas, hierarquizadas, segundo a sua espécie, e submeter-se às leis da providência, que distribuíram a cada coisa o bem que lhe é próprio, segundo as suas faculdades e as suas virtudes. Eis os comentários que julgávamos próprios a fazer sobre estes Versos Áureos.

É um sumário dos dogmas de Pitágoras, que não é nem muito extenso nem muito sucinto. Não convinha nem que nossa explicação se limitasse à brevidade do texto, pois, então, teríamos deixado muitas obscuridades, e não teríamos, também, podido fazer sentir a razão, e a beleza de todos preceitos; nem que ela abraçasse também toda essa Filosofia, pois teria sido vasta demais e extensa demais, para um comentário; mas é necessário proporcionar tanto quanto foi possível o comentário ao sentido que esses versos encerram, ao se relacionar aos dogmas gerais de Pitágoras, que o que podia convir e servir à explicação a estes versos; estes versos áureos com efeito, não são propriamente senão o caráter, perfeitíssimo da Filosofia, o breviário de seus principais dogmas, e os elementos de perfeição que os homens, que marcharam no caminho de Deus, e que suas virtudes se elevaram no céu ao cúmulo da felicidade, deixaram seus descendentes para os instruir, elementos que se pode chamar como a maior razão a maior e mais bela marca da nobreza do homem e que não os sentimentos de um particular, mas a doutrina de todo sagrado corpo dos pitagóricos, como grito de todas as suas assembléias. Eis porque havia uma lei, ordenando que cada um todas as manhãs ao se levantar, e todas as noites ao deitar, lesse esses versos, como os oráculos da doutrina pitagórica, a fim de que, pela meditação contínua desses preceitos fizesse brilhar em si o espírito vivo e animado, e o que era necessário é mister que fizéssemos nós também para experimentar e sentir afinal toda a utilidade que encerrem.

Acabamos de terminar a tradução dos comentários de Hiérocles sobre os Versos Áureos de Pitágoras.

Comentários aos versos de LXXII à LXXIII

"E, quando após teres despojado o teu corpo mortal, alcançarás então o ar puro, o éter; tu serás um deus imortal, incorruptível e a morte não te dominará".

Este éter é algo imaterial e eterno, puro, é completamente isento das paixões terrestres.

Na tradução de Fabre D'Olivet estes versos finais apresentam-se assim "felizes poucos sabem ser, pelas paixões manejados, por vagas tão contraditórias e sobre o mar sem praias rolam cegos, sem poderem resistir, nem ceder à voragem. Deus, vós os salvareis ao abrir os seus olhos. Cabe aos humanos, cuja raça é divina discernir o erro e ver a verdade; a natureza o serve, tu que a penetraste homem sábio e feliz, respira nesse ponto, mas observa as minhas leis e abstém-te do que deve tua alma temer e distinguir. Deixa reinar sobre o corpo a inteligência e a fim de que te levando ao radioso éter, sejas então um deus entre os imortais."

Esta é a tradução que se costuma fazer dos Versos Áureos e Fabre D'Olivet, comentando esses versos: "felizes poucos sabem ser", etc. expõe que Lisis mostra aí que os maiores obstáculos à felicidade do homem são as paixões. Não as paixões propriamente em si mesmas, mas os maus efeitos que produzem, pelo movimento desordenado que o entendimento as deixa tomar. É, sobre este ponto, que se deve prestar bem atenção a fim de não se cair nos erros como aconteceu com os estóicos. Pitágoras, como já dissemos, não ordenava, aos seus discípulos, a destruição das paixões mas sim moderação no seu ímpeto, ou dirigi-las bem. As paixões são dadas para auxiliar a razão: elas são servas e não senhoras!

Para Pitágoras elas são como os instrumentos de que se serve o entendimento para construir o arcabouço intelectual. O homem que fosse totalmente desprovido delas, assemelhar-se-ia a uma massa inerte; poderia, é verdade, não se depravar, mas também, não gozaria de suas mais nobres vantagens, que é a perfectibilidade. A razão é estabelecida no entendimento para o domínio sobre as paixões. Ela deve dirigir, como soberana absoluta, e fazê-los tender para o fim que indica: a sabedoria. Se desconhece as leis que lhe dá a inteligência e, presunçosa queira, em lugar de agir segundo os princípios dados, cai no excesso e torna os homens supersticiosos ou cépticos ou fanáticos ou ateus. Se ela recebe, ao contrário, as leis das paixões que deveria reger e se deixa subjugar por elas, cai na falta que torna o homem estúpido ou furioso; embrutecido no vício, audacioso no crime. Não há raciocínio verdadeiro senão aquele que a sabedoria traz. Os raciocínios falsos devem ser considerados como os gritos de uma alma insensata, entregue à razão desordenada, cega e confusa pelas paixões! Pitágoras considerava o homem como sendo o meio termo entre as coisas intelectuais e as sensíveis – ele é o último dos seres superiores e o primeiro dos inferiores – ora unindo-se aos imortais, e por esse retorno caminhando para a virtude, ora caindo nas espécies mortais e pela transgressão das leis divinas, perdendo a sua dignidade.

Esta opinião que foi a de todos os sábios que precederam Pitágoras, foi também daqueles que o sucederam; até entre os teósofos cristãos, como observa Fabre D'Olivet. A palavra teósofo foi empregada por ele no sentido daqueles eu se dedicam ao estudo sapiencial de Deus.

A atribuição constante de muitos comentaristas quanto à transmigração, à reencarnação, etc. no pitagorismo é bastante controversa, pois, se entre eles, alguns a aceitaram, outros não. Não há de Pitágoras qualquer passagem que possa permitir afirmar, com segurança, que essa fosse a sua doutrina. Seguindo a posição de muitos pitagóricos modernos concluímos que ele jamais defendeu esta tese e nem a expõe, mas seus discípulos a aceitaram ante certas dificuldades teóricas, julgando que poderiam, assim, explicar e solucionar certos problemas. Entretanto respeitemos, a posição de Fabre D'Olivet, como também a de Paul Carton porque ambos se colocam nesta doutrina, entretanto este último faz algumas restrições, admitindo a possibilidade de não ser uma doutrina genuinamente pitagórica.

Todos os estudiosos estão de acordo em olhar os preceitos de Pitágoras como simbólicos, quer dizer, como encerrando algo figurado num sentido diferente daquele que parecia oferecer à primeira vista. Segundo Porfírio e Jâmblico, os sacerdotes egípcios, dentre os quais o Mestre teria estado – ocultavam suas doutrinas sobre forma de parábolas e alegorias. O mundo era visto como um grande enigma, cujos mistérios revestidos de um estilo, igualmente enigmático, nunca deveria estar abertamente divulgado. Esses sacerdotes utilizavam três espécies de caracteres e três maneiras de expressar e expor seus pensamentos. A primeira maneira de expor e falar era clara e simples. A segunda era figurada e a terceira simbólica.

A primeira utilizava caracteres usados por todo mundo, tomando as palavras no seu sentido próprio; a segunda empregava caracteres hieroglíficos, tomando as palavras num sentido metafórico e a terceira utilizava frases de duplo sentido, fábulas, histórias, alegorias, etc. A obra prima da arte sacerdotal era reunir essas três maneiras e encerrá-las sobre a aparência de um estilo simples e claro: o sentido vulgar, o figurado e o simbólico[27]. Pitágoras procurou utilizar essa espécie de perfeição em seus preceitos e muitas vezes o alcançou.

Diz Hiérocles comentando os últimos versos: "e afim que elevando-te ao radioso éter sejas então deus entre os imortais", é quando o homem alcança o fim afortunado de todos os esforços. Eis segundo Platão, a esperança que inflama, que sustenta o ardor daquele que combate na carreira da virtude. Era o grande objeto dos mistérios e por assim dizer a obra prima da iniciação. Para Sófocles o iniciado não é somente feliz durante sua vida, mas, ainda, após a sua morte; ele pode prometer-se uma felicidade eterna. Sua alma purificada pela virtude, segundo Píndaro, voa nas regiões afortunadas ou reina numa eterna primavera. Ela vai, segundo Sócrates, ser atraída pelo elemento celeste que tem grande afinidade com a sua natureza, reunir-se aos deuses imortais, partilhando sua glória e sua imortalidade. Essa "deidificação" era, segundo Pitágoras, obra do amor divino; reservada somente àquele que

[27] De todos os instruídos no santuário de Tebas ou de Mênfis, quem levou mais longe esta arte maravilhosa foi, sem dúvida, Moisés. A primeira parte do Gênesis é uma das obras mais admiráveis e que exige uma nova tradução, a qual foi feita por Fabre D'Olivet. Neste livro ela procura unir essas três linguagens e ao uni-las modifica completamente o sentido comum e vulgar dado pela Bíblia, dando-lhe um sentido mais profundo e de melhor compreensão.

tivesse adquirido a verdade por suas faculdades intelectuais, a virtude por suas faculdades anímicas e a pureza por suas faculdades instintivas. Essa pureza, após a queda de seus desejos materiais, mudava e se fazia reconhecer na forma do corpo luminoso que a alma tinha dado, durante sua reclusão, no corpo tenebroso. A alma tem um corpo, dizia ele, que é dado segundo sua natureza boa ou má, pelo trabalho interior de suas faculdades – o carro subtil da alma – e o corpo mortal não é mais do que um invólucro grosseiro. Eis que praticando a virtude, ao abraçar a verdade, ao abster-se de toda coisa impura é preciso ter cuidado da alma e de seu corpo luminoso; o verdadeiro fim das abstinências simbólicas que eram prescritas. Afinal, Pitágoras, acreditava que existem bens celestes proporcionados a cada grande virtude e que é para as almas de graus diferentes, conforme o corpo luminoso que elas estiverem investidas. A suprema felicidade não pertence, afirma ele, senão aquela que soube recobrar, recobrir-se por sua união íntima com a inteligência e cuja essência mudando de natureza, tornou-se inteiramente espiritual. É preciso que ela se eleve ao conhecimento das verdades universais e que tenha encontrado, tanto quanto é possível, o princípio e o fim de todas as coisas – a Matese Megiste. Chegado a este grau de perfeição, atraída nessa imutável região cujo elemento etéreo não está mais sujeito ao movimento descendente da geração, ela pode reunir-se, por seus conhecimentos ao todo universal e refletir, em todo seu ser a luz inefável cujo Ser dos seres, o próprio Deus, enche incessantemente a imensidade, como comenta Fabre D'Olivet.

Passemos aos comentários de Paul Carton quanto aos versos já citados: "Deus nosso pai, digna-te de livrá-los dos sofrimentos e mostra-lhes de que força natural eles podem dispor". É uma tradução do verso, que diz: "Deus vós os salvareis ao abrir os olhos". E que nós demos preferência para essa tradução: Zeus, Júpiter nosso pai, certo de tantos males libertará todos os homens.

O que ele solicita aqui é a clarividência para evitar que nos percamos pelos caminhos do mundo. Muitos há que desperdiçam suas forças, lançando mão dos falsos remédios e, consequentemente, erram! Mas os homens pertencem a raça dos deuses e podem discernir o erro da verdade. Devemos ter coragem, por sermos de uma raça divina. A natureza apresenta revelação de todas as coisas e podemos estudá-las e conhecê-las para, assim, evitar os males. Daí que o conhecimento e o estudo são sempre aconselhados pelos pitagóricos e levam naturalmente o homem a evitar os males que podem decorrer dos erros que possa praticar, atingindo a soluções naturais e não artificiais.

Assim, observa Paul Carton, tudo se acha regrado com equidade, e nós mesmos é que criamos o nosso purgatório ou o nosso paraíso. Os bons recebem a recompensa, a ascensão e a alegria que mereceram e, os maus, são afligidos pelo justo retorno das coisas, de todos os tormentos que criaram neles e em volta deles, o que vem a ser um ponto muito importante dentro da concepção pitagórica.

Chegando aos últimos versos de Pitágoras: a recompensa final, a sabedoria prometida, a Matese Megiste prometida como o mais alto para o homem, vamos reproduzir as palavras de Paul Carton: "Se chegares a penetrá-la cumprirás tão facilmente todas as minhas prescrições e terás merecido ver te livre das provações. Quando os esforços permitiram descobrir Deus em si próprio e na natureza, e perceber o jogo de suas leis em tudo que existe e no que acontece, a luta para o progresso pessoal é considerável e vai ser facilitada. As prescrições quanto ao aperfeiçoamento mais elevado, cumprem-se e

conduzem à posse da sabedoria, então o tempo e os acontecimentos exteriores deixam de ter poder sobre o sábio que, cheio de fé e de ardor invencíveis, conserva a serenidade mesmo perante a ameaça de morte, porque se sente cada vez mais liberto dos entraves materiais e atraído, em união mística para Deus, para o Verbo, o Logos.

Abstém-te, continua ele, dos alimentos interditos nas purificações e prossegue na obra de libertação da tua alma, fazendo escolha judiciosa e refletida sobre todas as coisas, de forma que estabeleças o triunfo do que há de melhor em ti: o espírito. Todavia não esqueças a perseverança, no esforço que é a garantia da conservação das vantagens elevadas que confere a posse das verdades sagradas. Para evitar parar, ou o que seria pior, ser de novo apanhado pela “corrente das coisas”, convém pois trabalhar sem descanso, reler os preceitos da vida superior, penetrar neles cada dia mais, estabelecer o domínio sobre todos os pensamentos e ações. O que confere a persistência dos poderes elevados é a observação contínua do regime alimentar puro e severo, o exame regular de si mesmo, a deliberação refletiva antes de qualquer palavra emitida ou de qualquer determinação e, enfim, esse fim obstinadamente colocado ante nós, de fazermos triunfar não só em nós, mas em volta, em todas as circunstâncias, o bem e a verdade. Dela poderemos desenvolver toda potência do espírito e livrá-lo da passageira prova terrestre ao qual somos submetidos. Bem-aventurada imortalidade: "Então quando abandonares o corpo mortal elevar-te-as no éter e deixando de ser mortal, revestirás tu mesmo a forma de um deus imortal. Sobre a terra a recompensa reservada ao adepto perseverante consiste na felicidade da sabedoria. Depois da morte ela é representada pela vida imortal e bem-aventurada. No momento da morte, o que no homem havia de origem terrestre volta e, o que vinha do céu torna a subir para o éter. Tudo o que durante a existência tinha sido extraído da terra, o corpo e os bens materiais é abandonado e entregue porque esses bens nunca nos pertenceram propriamente. Só faz parte do próprio ser o que adquirimos no pensamento de bom ou de mau, os méritos ou os deméritos. Se ainda tens experiências a realizar e expiações a sofrer, o renascimento realizar-se-á de novo sobre o plano material. Se não, o espírito chegou a plena concepção da ordem divina, a completa união de vontade e a prática virtuosa invariável pois já viveu uma existência bem aventurada e paradisíaca, sem entraves nem pesos materiais no arroubo do corpo espiritualizado fluídico em estado de esplendor, numa consciência de glória imperecível e de alegria inefável, participará, assim da vida divina, revestindo, como disse Pitágoras, a forma de glória de um deus imortal! Promessa não desmentida pelo Cristianismo. "O que Deus pretende", escreve São João da Cruz, "é nos transformar em deuses e nos dar por antecipação o que Ele é, Ele mesmo por natureza. Ele se assemelha ao fogo que converte tudo em fogo."

Bibliografia

Carcopino, Jerome – De Pythagore aux Apôtres – Paris, Flammarion Editeur, 1956.

Carcopino, Jerome – Le Basilique Pythagoricienne de la Porte Majeure – Paris, L”Artisan du Livre, 1943.

Carton, Paul - Vida Perfeita - Rio de Janeiro, Edição da Organização Simões, 1954.

Delatte – Études sur la Litterature Pythagoricienne – Ed. Champion, 1919.

D’Olivet, Fabre – Les Vers Dorées de Pythagore – Paris, Editions Niclaus, 1813.

Hiérocles - Commentaire sur les Vers d'Or des Pythagoriciens. Trad. Nouvelle avec prolégomènes et notes par Mario Meunier - Paris, L'Artisan du Livre, 1925.

Huson, Hobart – Pythagoron – Edited by Hobert Huson, 1947

Kucharski, Paul - Étude sur la Doctrine Pythagoricienne de la Tétrade – Paris, Societé d’ edition “Les Belles Lettres”, 1952.

Lery, Isidore – La Legende de Pythagore de Grèce au Palestine – Paris, Ed. Champion, 1927.

Lery, Isidore – Recherches sur les Sources de la Legende dy Pythagore – Emart Leroux, Ed. Paris, 1926.

Mallinger, Jean – Les Secrets Ésoteriques des Pythagoriciens – Paris, Editions Niclaus, 1946.

Méautis, G. – Recherches sur le Pythagorisme – Neuchatel, 1922.

Michel, Paulo Henri - De Pythagore a Euclide - Paris, Societé d'éditions Les belles Lettres, 1950.

Millepierres, François – Pythagore – Paris, Gallimard, 1953.

Quillard, Pierre – Le Livre de Jamblique – Paris, Dervy, 1948.

Saint Michel, Léonard – Les Vers d’Or – Bourges, Typographie Marcel Boin, 1948.